

HISTORIA
DE
SIMÃO DE NANTUA

OU
O MERCADOR DE FEIRAS

OBRA DE
MR. DE JUSSIEU




A quem a Sociedade de Instrução Elemental conferiu
o premio destinado para o liyro mais conveniente á instrucção moral e civil
dos moradores da cidade e do campo

TRASLADADA DA LINGUA FRANCEZA

POR
PHILIPPE PÉREIRA DE ARAUJO E CASTRO

Seguida das obras posthumas de Simão de Nantua

NOVA EDIÇÃO



LISBOA

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — EDITOR

50 — Rua Augusta — 52

1875

Eu faço votos, meus amigos, para
que sejaes prudentes e felizes.

(Capitulo XXXVIII da «Historia
de Simão de Nantua.»)

SIMÃO DE NANTUA

OU

O MERCADOR DE FEIRAS

CAPITULO I

Quem era Simão de Nantua,

«PEDRA MOVEDIÇA NÃO CRIA BOLOR» diz um antigo proverbio, que eu ouvia repetir muitas vezes a meu avô; e quer dizer que divagar muito pelo mundo não é meio de enriquecer. Assim Simão de Nantua, que andava de feira em feira, havia mais de quarenta annos, com um cavallo carregado de mercadorias, não se tinha enriquecido n'este emprego; mas havia ganhado experiencia, que vale tanto como ouro, pois tinha bons olhos e bons ouvidos, via muitas terras e muita gente, e ouvia muitas cousas. Era dotado de juizo claro e justo, e de uma memoria fiel, que de tudo se lembrava, de maneira que podia dar bons conselhos a todos. Com effeito elle não os negava a ninguem, nem tinha maior prazer do que o da conversação, a ponto de passar por um pouco fallador. Entretanto aquelles que o ouviam não perdiam

o seu tempo, porque dizia coisas sensatas e proveitosas, pois antes que fallasse tinha visto, ouvido, e meditado muito.

Posto que não fosse rico, todavia o seu pequeno commercio lhe havia proporcionado meios de educar uma numerosa familia e de viver folgadoamente. Ora, como os seus desejos não excediam a sua possibilidade era perfeitamente feliz, pois dizia elle:—*só é verdadeiramente pobre o que deseja mais do que pode ter.* Apesar da sua idade avançada continuava a trabalhar, o a discorrer pelas feiras, porque dizia:—*a ociosidade e a preguiça são os maiores inimigos da saúde e da felicidade.*—Assim o velho Simão, com sua cabeça calva, e apenas alguns cabellos brancos em roda das orelhas, passava excellentemente. O seu rosto risonho e nédio causava praser. Não obstante a sua grande barriga, movia-se com agilidade, e andava direito arrimado ao seu bordão de viagem.

Simão de Nantua tinha sido destinado por seu pae para o estado ecclesiastico, e para isso tinha feito na sua mocidade alguns estudos. Mas com o andar do tempo, não se sentindo com vocação e forças para preencher dignamente as funcções d'este importante ministerio, disse comsigo mesmo:—Se meu pae foi mercador de feiras ou bufarinheiro, porque o não hei de eu ser? é vantagem para um filho seguir modestamente a profissão de seu pae.—Comtudo Simão teve de applaudir-se muitas vezes d'essa pequena instrução que havia recebido, porque assim via melhor as cousas, e julgava de tudo com mais discernimento e acerto. O gosto que sempre conservou á lição de

bons livros lhe offerencia um util e deleitoso passatempo; e se os seus negocios o consentiam, ás vezes escreviã as suas próprias reflexões.

Esta instrucção foi a unica herança que Simão recebeu de sua familia; mas herança que vale mais do que o dinheiro, porque offerece meios de o ganhar, emquanto a ignorancia só conduz a perdello. O bom Simão bem o sabia, e por isso perguntava a todos que encontrava:—Vós mandaes vossos filhos á escola? Pois mandae-os, que n'isso lhe fareis o maior serviço. Se não souberem nada, serão sempre dependentes dos outros, e muitas vezes logrados.

Parece-me que o leitor folgará de saber como eu conheci o velho Simão; eu o digo. Passando ha um anno por Nantua encontrei-o casualmente em casa de um fabricante de cobertores de lã com quem eu tinha negocios. A sua conversação me pareceu tão sensata, e tão interessante tudo o que me contou de suas digressões, que concebi o projecto de o acompanhar em uma d'ellas. N'essa occasião estava elle a partir para S. Claudio, pequena cidade commerciante na provincia ou departamento do monte Jura, onde devia estar a seis de junho, dia de feira. Propuz-lhe que fizéssemos juntos esta jornada; elle conveio, e foi dito e feito. De S. Claudio passámos a outros logares, e assim andámos sempre juntos uma parte da nossa viagem por toda a França; de que eu me felicito, porque parece-me ter aproveitado os conselhos do meu companheiro. Não quero porem aproveitá-los exclusivamente; e por isso vou contar aos meus leitores o que me lembrar d'esta primeira digressão.

CAPITULO II

Simão de Nantua vae á feira de S. Claudio, onde encontra charlatães e impostores que dizem a buena-dicha.

Na feira de S. Claudio havia muita gente. Uns vendiam, outros compravam, e todos se queixavam de que os tempos não eram prosperos. Logo que appareceu Simão de Nantua foi cercado de uma multidão de pessoas que o conheciam. Como a sua reputação de probidade era bem estabelecida, vendeu logo as mercadorias que levava, e comprou as que precisava; porque tudo é facil entre gente havida por incapaz de enganar ou de se deixar enganar. Depois passeámos pela feira. O velho Simão parava em todos os grupos. Uns lhe diziam: Oh! bem vindo bom Simão: como vão os negocios? E elle respondia: Vão bem. Vós bem sabeis que estou sempre contente e nunca me queixo.—Outros lhe diziam: Vós sois feliz, amigo Simão, em pensar assim, pois os tempos correm bem contrarios, não se faz negocio, e as contribuições são pesadas.—Bem sei, diz Simão de Nantua, que o paiz não é rico e soffre muitos encargos; mas deveis confessar que, se eu o não soubesse por outra parte, teria motivo para o duvidar se julgasse pelo que vejo aqui. Eis ahi mercadores, que vendem bem as suas mercadorias, e os que offere-

cem frioleiras vendem melhor do que aquelles que apresentam coisas uteis. Vós acabaes de comprar alfaias e joias para vossas mulheres, e quando vier o frio talvez não tenhaes um bom cobertor de lã, e depois direis que o não podeis comprar porque tendes de pagar contribuições. Parece-me que vos estou ouvindo murmurar, ora contra o *maire*,¹ como se elle tivesse culpa em executar a lei ou as ordens do governo; ora contra o mesmo governo, como se elle podesse pagar as dividas e occorrer ás despesas do estado, sem o concurso dos cidadãos contribuintes. Não era melhor que, em vez de queixumes e murmurações, cuidasseis em trabalhar e ser economicos? — *O trabalho cura a miseria, e a economia impede que ella volte.*—

Quando eu voltei a Nantua da minha ultima viagem, já não achei, nas nossas officinas e manufacturas, senão homens, mulheres e até crianças a fallar em politica, e a criticarem tudo o que se fazia. E emquanto as officinas estavam paradas, a miseria se adiantava e muito.—E então agora que fazeis? lhes dizia eu. É esse o caminho para diminuirdes os encargos? Pois bem, se continuardes n'essa ociosidade, vereis bem depressa enriquecer á vossa custa os vizinhos, e ainda em cima escarnecerem da vossa loucura.—Mas elles entenderam bem isto, corrigiram-se, tornaram ao trabalho, e já não se queixam. Fazei vós o mesmo, meus amigos, e não sentireis o pezo dos encargos.— *Os impostos mais pesados são aquelles*

¹ Pronuncia-se *mére*. Magistrado ou chefe da municipalidade.

les que cada-um lança a si mesmo pela ociosidade, ou pela dissipação.—Dizei-me vós, amigo Diogo, não é vosso filho aquelle, que eu vejo alem a jogar esse jogo da loteria, em que com o engodo de alguns lances a favor, por fim se perde todo o dinheiro? Como consentis vós isso? Não sabeis que não ha costume mais perigoso do que o de se entregar aos jogos de parar ou de azar? Existe uma lei sabia, que os prohibe, e vós favoreceis aquelles que lhe desobedecem tentando-os com o ganho? Sabeis vós o que é um jogador? É um louco que começa por perder o seu dinheiro; perde depois o dos insensatos que lh'o emprestam; e quando já não tem credito acaba roubando.

E vós, amigo Guilherme, se não me engano lá está a vossa filha a ouvir um aventureiro, que lhe diz a sua *buena dicha*. Elle lhe falla ao ouvido com um grande canudo de lata, e Deus sabe o que elle lhe diz! Quereis vós que eu o repita? Pois bem; talvez não fiqueis contente de ouvir o conselho que se dá a vossa filha. «Minha querida menina, vós estaes em idade de casar. Mas, para achar marido precisaes um dote. Em breve o achareis, e todos os moços d'esta terra vos procurarão. Entrae pois na loteria nos numeros com que sonhardes por estes oito dias, e sereis a moça mais rica d'esta terra. Então...» Mas o pobre Guilherme interrompeu-o dizendo-lhe: Que me dizeis, Simão?— O que vos digo? Repito as lindas instrucções que o aventureiro dá á vossa filha. Vereis como ella dorme esta noite, e como acaba amanhã o seu trabalho.— Mas eu não penso as-

sim amigo Simão, eu sei que as loterias são ruinosas, e os sonhos são chimeras em que só crêem os desassisados.— Vós tendes razão, Guilherme, mas se entendeis que é loucura crer em sonhos, deveis advertir também que não o é menos crer n'esses impostores, que dizem a *buena dicha*. O desejo de ver realisar o que elles annunciam, obriga ás vezes a fazer coisas dignas de arrependimento. Eu vos advirto pois, que é perigoso consultal-os, principalmente para as moças donzellas.— Com esta advertencia o bom Guilherme correu logo a retirar d'alli a sua filha.

Entretanto Simão de Nantua percebe que um camponez trazia na mão um pequeno pacote embrulhado em papel pardo.— Que é isso que acabaes de comprar? diz o velho Simão.— É um excellente remedio para a dor de dentes e indigestões.— Quem vos vendeu isso? — Aquelle homem que traz chapéu agalado, e uma trombeta de lata.— Oh meu amigo, esse homem é um charlatão; o que lhe comprastes é uma droga nociva. Não façaes uso d'ella, e desconfiae sempre dos remedios inculcados por gente que não tem conhecimento algum de medicina. Não tendes vós bastante juizo para conhecer que dôr de dentes e indigestão são molestias diferentes, e não pedem o mesmo remedio? Isso é gente que faz especulação de vender venenos, e zomba de quem lh'os compra. Eu vi um que vendia bolinhas de migalhas de pão com o nome de *pilulas para a colica*, e dava grandes risadas depois de as fazer pagar bem caras aos tontos, a quem illudia com as suas bellas palavras. O re-

medio de um charlatão é mais perigoso do que o mal. Por isso meu amigo, quando tiverdes dôr de dentes procurae um dentista; e para prevenir a indigestão o melhor é ser sobrio e moderado, porque os excessos muitas vezes matam; e se apezar da vossa moderação tiverdes alguma enfermidade, consultae o medico.—É coisa notavel, accrescentava Simão de Nantua; queixam-se da adversidade, e acham dinheiro para jogar, para pagar a quem diz a *buena-dicha*, e para comprar drogas nocivas ou bagatellas, que não servem para nada!

CAPITULO III

Simão de Nantua vae a um baile, falla sobre a intemperança, e a este respeito conta uma historia.

No dia seguinte, que era um domingo, deixámos S. Claudio, e n'essa mesma tarde chegámos a uma povoação onde havia um baile. Como o velho Simão passava por alli todos os annos, era muito conhecido toda a gente se alegrou de o ver, e mesmo deixaram por um instante a dança para se apinharem á roda d'elle, mas logo depois continuaram a saltar com muita alegria.

A presença do *maire*, magistrado muito querido dos povos do seu districto, não empecia nada o di-

vertimento d'estes bons aldeões. Havia alli boa gente de ambos os sexos, e passava-se muito agradavelmente. Excepto sómente que, entrando nós em uma especie de taberna para nos refrescarmos, vimos um rapaz com a razão totalmente perturbada por haver bebido em demasia. N'este estado dizia taes despropósitos que, constando ao *maire*, elle o fez conduzir á prisão por dois homens da *guarda nacional*. Nós ouvimos com muito prazer as reflexões moderadas e sisudas que este magistrado fazia ao taberneiro, por ter consentido que aquelle moço bebesse mais do que podia.

Vêde, meus amigos, disse depois Simão de Nantua, quanto é vergonhoso o vicio da intemperança ou gula! Eis ahi um rapaz, que nunca mais poderá apparecer sem se vexar diante de pessoas tão capazes. Ainda elle deve muito á prudencia do *maire*, que o estorvou tanto a tempo de fazer todos os desatinos a que se poderia entregar, pois era provavel lhe acontecesse o mesmo que a esse pobre Philippe, que se não fosse a paixão do vinho seria um homem honrado, e hoje está nas galés por haver bebido com excesso.—Oh sr. Simão disseram os rapazes, contae-nos a historia d'esse Philippe.—De muito boa vontade, meus amigos, disse elle, e vós a contareis depois ao vosso camarada para que possa aproveitar-se d'ella.

HISTORIA DE FILIPPE

Filippe, continúa Simão de Nantua, é filho de um honrado padeiro, que eu conheci em Valença. Seu

pae o educou em bons principios e elle mesmo tem bom coração e qualidades estimaveis; mas basta um só vicio para fazer inuteis muitas virtudes. Esse pobre Philippe é uma prova d'esta verdade. Desde a sua mocidade costumava beber com excesso, de modo que raras vezes estava capaz de trabalhar. O trabalho o enfadava: achava mais prazer em beber um copo de vinho do que em amassar pão. Poderia ter seguido o officio de seu pae, e viver honrada e folgadamente, mas a sua paixão era mais forte do que outra qualquer consideração, e demais d'isso as más companhias da taberna acabaram de o extraviar.

Finalmente, um dia em que se havia embriagado na companhia de um joven soldado, cujo regimento estava de guarnição em Valença, este lhe aconselhou que assentasse praça de soldado, pois não havia alli nada que fazer, e só se cuidava em divertimentos desde pela manhã até a noite. Philippe entusiasmado com esta pintura, vae logo assentar praça, sem cuidar no desgosto que causaria á sua familia. Mas não tardou muito em ser castigado por se haver esquecido tanto do que devia a seus paes. Tendo pois assentado praça, e fazendo o serviço diario, Philippe começava a sentir que este officio não era o mais agradável do mundo, e que o seu camarada, quando lhe mostrou as vantagens, escondeu as durezas da vida militar. Um dia em que este infeliz se tinha embriagado logo pela manhã em companhia de dois homens mal procedidos do regimento, apresentou-se no exercicio em um estado assás indecente. Elle não

sabia onde estava, errava todas as manobras, porque não via o caminho, não andava direito, e na marcha atropellava os visinhos. O sargento o toma pela gola da farda, e quer obrigar-o a sair das fileiras. Philippe não acha isto bom, tira o seu chifarote, e fere o sargento. Logo porem foi preso, e depois sentenciado á morte por haver desembainhado a espada contra o seu superior.

O sargento era bom homem, pediu ao seu coronel que implorasse a clemencia do rei a favor do desgraçado Philippe; e o rei houve por bem commutar-lhe a pena, e por isso se acha hoje condemnado perpetuamente aos trabalhos forçados. Deixo á vossa consideração avaliar qual seria a consternação dos paes d'este moço! Elle não tinha nascido para a deshonra. Mas qual será o paradeiro de quem se entrega á intemperança? Não ha nada mais reprehensivel do que um homem que se expõe voluntariamente a perder a razão, e fazer-se igual aos brutos. Um bebado é desprezivel enquanto um louco é digno de compaixão, pois ainda que a embriaguez seja uma verdadeira loucura, comtudo é mais vergonhosa e digna de imputação, por ser voluntaria.

Quando o velho Simão acabou de fallar, notou que estava alli um rapaz a chorar. — Que tendes vós? lhe perguntou Simão de Nantua. — A vossa historia me deu grande pezar, respondeu o mancebo, pois se o pobre Jorge se embriagou, eu fui a causa, porque o desafiei a beber. Ficaria inconsolavel se lhe acontecesse a mesma desgraça que a Philippe. — Pois bem, replicou Simão de Nantua, espero que não con-

tinuareis a divertir-vos com brincos semelhantes, porque o menor mal que vos pode resultar, é irdes dormir á prisão.

CAPITULO IV

*Simão de Nantua indigna-se contra aquelles
que maltratam os animaes*

Caminhavamos tranquillamente pela estrada de Besançon, quando no ponto onde a estrada fazia uma volta ouvimos imprecações horríveis, e pancadas que resoavam ao longe, ainda que nada vissemos por então. Chegando porém á volta da estrada, vimos uma carreta puchada por dois cavallo, e demasiadamente carregada. O cavallo das varas tinha caído, e como os látigos do chicote não bastassem para o fazer levantar, o conductor armou-se de um fueiro, e a golpes repetidos batia as ancas do pobre animal, que nem assim podia levantar-se.

Vós estaes louco, diz Simão de Nantua ao conductor; quereis matar esse pobre cavallo?—Não, diz o conductor continuando sempre a praguejar, era o que me faltava que este diabo que ha mais de uma hora me faz exasperar, no fim me pregue a peça de rebentar!—Pois em verdade vos digo, que eu, em seu lugar, antes quizera morrer dez vezes do que servir um senhor tal como vós sois, lhe diz Simão de Nantua. De todo o coração desejo que não se levante

d'alli, para descanso d'elle e castigo vosso. Comtudo nós vamos ajudar-vos a levantál-o, mas é por dó do cavallo, e não por amor de vós.—Seja lá pelo que quizerdes; eu não vos peço senão que me ajudeis a sair d'esta difficuldade, respondeu o brutal carreiro.

Com effeito tentámos alliviar os varaes, entretanto, por mais que dissesse o velho Simão, o cavallo continuava a levar no ventre tantos pontapés quantas juras proferia o conductor. O pobre animal, fazendo o ultimo esforço, poude emfim pôr-se em pé; mas não foi por muito tempo. Elle estava arquejante, e parecia soffrer em todo o corpo. O sangue lhe rebentava de muitas feridas que lhe tinha feito o pau. Ao primeiro látego elle quiz dar um passo, mas vacillou e caiu de novo; era escusado tentar levantál-o, porque acabava de expirar.

Então a colera e a pena do conductor se expandiram em pragas horriveis. — Que será de mim? dizia. É mister que eu chegue amanhã a Besançon: eu sou responsavel pelas mercadorias que levo. Acabo de perder um cavallo, e de mais a mais perderei o fructo da minha viagem, se não chegar a tempo... Ah! malvado cavallo! — Isto é excellente, diz Simão de Nantua, vós mataes o vosso cavallo e queixaes-vos d'elle. Que mais pretendeis d'elle do que morrer em vosso serviço? Aquelles que são crueis para com os animaes, esquecendo-se que estas creaturas sentem e soffrem assim como nós, os maltratam sem utilidade, deveriam ao menos pensar que se deve poupar o servo de quem temos necessidade. — Tudo isso é mui-

to bom, diz o carreiro, mas o que hei de fazer agora para continuar o meu caminho? — Isso não sei eu; o mais que vos pedemos fazer será enviar-vos cavallos da povoação que acharmos mais visinha. Entretanto tende paciência, reflecti no que vos acaba de acontecer, e procurae não matar tambem outro cavallo que tiverdes. Adeus.

Indo nós já longe ainda o ouvimos praguejar. O velho Simão estava indignado, e os seus olhos brilhavam debaixo de suas brancas sobranceiras, reflectindo sobre o que acabavamos de observar. — Eu tenho notado, dizia elle, que os homens que tratam os animaes com crueldade são maus. Quem vê sem pena soffrer um cavallo, ou um cão, não está longe de ser insensivel aos soffrimentos dos seus semelhantes; e quem se costuma a fazer mal aos brutos não tardará em o fazer aos homens. Ha paizes onde a crueldade para com os animaes se considera com delicto, e é castigada pelas leis. Isto me parece muito prudente. Entre nós, porém, onde não ha esta legislação, eu quizera que ao menos a opinião publica se manifestasse de um modo efficaz contra este genero de barbaridade, e que o homem que sem necessidade maltratasse qualquer animal, fosse coberto de vergonha, assim como por haver ferido ou maltratado qualquer creatura mais fraca do que elle, e que não sabe ou não pode defender-se. Ou eu me engano muito, ou o carreiro que acabamos de encontrar é tão cobarde como cruel. Mas emfim, não fallemos mais n'isto, pois elle logo foi bem castigado da sua brutalidade, pelo factio mesmo d'essa brutalidade.

CAPITULO V

Simão de Nantua faz ver as vantagens das escolas em que as creanças se instruem pelo methodo de ensino mutuo, e conta a historia do cavalheiro Paulet.

Chegando a Besançon tomámos agasalho por duas noites em uma casa de pasto modesta, que estava á entrada da cidade. A dona da casa tinha tres filhos, sendo dois rapazes; dos quaes o mais velho não tinha menos de onze annos, e uma menina de sete para oito annos. Simão de Nantua, que toda a sua vida gostou muito de creanças, logo ganhou a affeição d'estas, brincando com ellas toda a noite, perto do fogo da cozinha. Mas como nunca perdia de vista as coisas uteis, lembrou-se de perguntar ao mais velho se sabia ler e escrever. O rapaz respondeu com alguma vergonha que não sabia nada d'isto. O velho Simão não quiz augmentar-lhe o vexame, por conhecer que a culpa d'esta ignorancia era mais dos paes do que do pobre rapaz; mas chamou a mãe, e disse-lhe: — Madame Bertrand, vós não cuidaes em que vossos filhos aprendam a ler?

Madame Bertrand. — É verdade que eu quiz fazer aprender alguma coisa ao mais velho, mas fui obrigada a deixar-me d'isso, porque elle não comprehendia nada do que seu mestre lhe ensinava.

Simão de Nantua. — Isso, madame Bertrand, é porque seu mestre mesmo não entendia nada d'isso. Mas porque não o enviaes vós á escola, assim como o seu irmão?

Madame Bertrand. — Porque entendo que ahi não aprenderão mais.

Simão de Nantua. — N'isso estaes enganada, madame Bertrand; aqui ha escolas *de ensino mutuo* onde é impossivel deixar de aprender alguma coisa.

Madame Bertrand. — Já tenho ouvido fallar d'essas escolas, mas não sei bem o que é isso.

Simão de Nantua. — São escolas onde as crianças se ensinam umas ás outras mutuamente a ler, escrever e contar, e onde se aprende o evangelho, o cathecismo, e tudo o que é preciso que as creanças saibam para virem a ser doceis, bons christãos e bons subditos.

Madame Bertrand. — Está bem; mas tenho ouvido dizer que esse methodo viera de Inglaterra, e confesso que isso tambem tem sido causa de não ter grande vontade de o conhecer.

Simão de Nantua. — De Inglaterra! Mas quando assim fosse, entendeis vós que não póde haver nada bom em Inglaterra? E se uma cousa é boa não seria loucura privar-se do uso d'ella só porque veio d'este paiz e não de outro? De mais, minha querida madame Bertrand, eu posso dizer-vos que o methodo do ensino mutuo não é mais inglez do que francez, e eis aqui a prova.

Ha mais de quarenta annos havia em Paris um bravo militar reformado, que se chamava o cavalheiro

Paulet. Este homem respeitavel não possuia senão um rendimento mui limitado, e assim mesmo o consagrava a fazer o bem que podia. Passeando um dia no bosque de Vincennes encontrou um pobre rapaz coberto de trapos, e no estado mais desprezivel. A infeliz criança derramava lagrimas, e parecia totalmente desamparada. O bom cavalheiro, movido de compaixão e caridade christã, que manda soccorrer o seu semelhante, concebeo logo o projecto de recolher em sua casa e adoptar o pequeno infeliz. Levou-o com effeito para sua casa, e começou a servir-lhe de pae e de mestre. Não havia muito tempo que o cavalheiro se dedicava a este caritativo exercicio, quando um dia o seu discipulo lhelevou dois companheiros tão desamparados como elle mesmo estava quando foi encontrado no bosque de Vincennes. — «Meu bemfeitor, diz elle com uma confiança ingenua, fazei-lhes o mesmo bem que me fizestes a mim.» Este excellente homem não teve nem força, nem vontade para resistir, e acceitou-os em casa. Vieram ainda outros, e tambem os recebeu, de modo que a sua casa se tornou o asylo dos orphãos pobres. Mas como se haviam de instruir todas estas crianças? Os recursos do cavalheiro apenas chegavam para os sustentar, mas de nenhum modo para lhes pagar mestres. Felizmente porém o amor do bem é engenhoso, e inspirou a Paulet uma feliz idéa. É mister, diz elle, que estes rapazes se instruem a si mesmos. Aqui tendes, meus amigos, livros e modelos de escripta. Os mais intelligentes ensinarão aos outros o que aprenderem, e eu farei quanto puder para vos ajudar. Este plano acer-

tou o melhor possível. Era para ver este ajuntamento de rapazes todos animados do desejo de se instruírem, e d'uma nobre emulação! Os mais habeis repetiam as lições aos outros, e n'isto consistia o segredo do *ensino mutuo*. Este modo de trabalhar em commum dava ao estudo um encanto particular, que o convertia em verdadeiro divertimento; e por isso os discipulos do cavalheiro Paulet fizeram rapidos progressos. Em breve a instituição se fez celebre. Fallava-se d'ella como de uma pequena maravilha. O bom rei Luiz XVI quiz conhecê-la, visitou-a, e concedeu-lhe trinta mil francos do seu bolsinho. Desde então foi franqueada a quem poderia lá ser admittido, pagando; e isto durou até á revolução, epoca em que o estabelecimento foi derribado. Em quanto porém as nossas desgraças faziam jazer no esquecimento este methodo precioso, um estimavel inglêz chamado Lancaster o havia descoberto tambem, e com elle brindava a sua patria. Eis aqui porque algumas pessoas o chamam methodo de Lancaster. Mas nós tornámos a elle, e desde então se tem aperfeiçoado muito. O rei quer que elle seja estabelecido em toda a França, e que todos os francezes saibam ler e escrever. Assim, minha querida madame Bertrand, é desobedecer ao rei não fazer instruir os vossos filhos.

Madame Bertrand. — Oh, senhor Simão, eu não quero desobedecer ao rei.

Simão de Nantua. — Eu o creio bem, e tanto mais que, se o rei faz abrir escolas para que vós possais ahi enviar vossos filhos, é porque sabe muito bem que a instrucção é necessaria á sua felicidade. Aquelle

que não sabe nada está sempre na dependencia de todo o mundo; é como um cego.

Os negocios, madame Bertrand, pela maior parte não são bem acabados senão quando cada um os póde arranjar por si mesmo. Vós o deveis saber por experiencia, pois vosso marido não sabe ler, nem escrever, nem contar, e se não fosseis vós, o que seria da vossa casa? Felizmente podeis arrumar as vossas contas, e estar segura de não serdes enganada. E podereis deixar de reconhecer esta vantagem, e descuidar-vos de a proporcionar aos vossos filhos? É evidente que, sabendo elles ler, escrever e contar, e em quanto não chegam á idade de governarem seus proprios negocios, podem ajudar-vos a administrar os vossos, e aliviar-vos de todo esse peso na vossa velhice. Accrescentai a isto que, costumando-se ao trabalho e á ordem, não serão jogadores nem vadios, e terão recebido principios de religião e probidade. Quando vós os tiverdes feito instruir, e conseguirdes que sejam laboriosos e honrados, não encontrarão difficuldade em se estabelecerem, porque serão aptos para todos os officios, e muito procurados. Se pelo contrario os deixardes ficar ignorantes e ociosos, contrahirão vicios, e vos darão desgostos. Portanto, madame Bertrand, é absolutamente necessario que desde já os vossos dois filhos vão para a escola do *ensino mutuo*, e eu serei quem lá os conduza.

Madame Bertrand. — Pelo que me dizeis, senhor Simão, não ha nada melhor; n'esse caso louvo-me no que fizerdes.

CAPITULO VI

*Simão de Nantua conduz á escola os meninos
que até então perdiam o seu tempo*

Na manhã do dia seguinte, Simão de Nantua e eu, tomámos cada um pela mão um dos rapazes para irmos com elles á escola do *ensino mutuo*. Madame Bertrand nos acompanhou tambem com sua filha, porque esta teve curiosidade de ver aquillo de que lhe havia fallado o velho Simão. Um menino nos abriu a porta, e o mestre se apressou a receber os dois novos discipulos que lhe levavamos.

Quando chegámos, cantava-se *Domine salvum fac regem*, e logo depois a classe começou os seus trabalhos. Ali estavam quasi duzentos meninos, que todos obedeciam aos gestos de um de seus camaradas collocado no estrado do mestre na qualidade de *monitor geral*, e cada turma obedecia depois ao seu monitor particular. Todos trabalhavam juntos. Os principiantes traçavam letras na areia, e outros escreviam na pedra o que lhes dictava o *monitor*; finalmente os mais adiantados escreviam sobre o papel de um modo admiravel. Notámos no rosto de todas estas crianças uma expressão de alegria franca e desembaraçada, um ar de contentamento que era para ver, e provava bem que o estudo não lhes causava desgosto. Madame Bertrand ficou encantada, e deu

muitos agradecimentos ao meu companheiro. Os rapazes que nós conduzimos pareciam impacientes de estarem nos bancos, para concorrerem com os outros aos exercicios. Mas quando se passou á leitura, e que todos os discipulos fizeram uma pequena evolução para irem ao semi-circulo diante dos quadros, os nossos dois pequenos não poderam conter a sua impaciencia e alegria. Então, diz Simão de Nantua a madame Bertrand, pensais vós que o vosso filho, que até agora nada aproveitou, poderá aprender aqui alguma cousa?—Eu nunca lhe vi tão boa vontade. — Creio bem; e sabeis porque? É porque o vestido é feito para o seu corpo, isto é, não o ha de molestar, e o deixará livre em todos os seus movimentos. Notai, madame Bertrand, que os nossos filhos são mais felizes do que nós fomos no nosso tempo. Não era brincando que se nos ensinava a ler: eu ainda conservo algumas cicatrizes de pancadas que levei do meu mestre. Confessai que nos ficaria mal deixar nossos filhos na ignorancia e na ociosidade, desprezando os meios que se nos offercem para os instruirmos. Grandes males são a ignorancia e a ociosidade! É terreno onde todos os vicios nascem e crescem! Se conheceis, madame Bertrand, algumas pessoas que desprezem a educação de seus filhos, dizei-lhes que virá um dia em que hão de arrepender-se d'isso, e n'esta advertencia lhes fareis um grande serviço.

Tinha-se ajustado que os dois rapazes entrariam n'aquella mesma tarde, e já nos retiravamos quando a menina (que ainda não havia dito nada, mas durante a aula tinha aberto grandes olhos) perguntou

emfim a sua mãe se não podia vir tambem á escola com seus irmãos?

As meninas não vão á escola dos rapazes, diz Simão de Nantua; mas ha outra para ellas, onde aprendem a ler, escrever e contar, e a coser e bordar por diferentes modos. A essa podes tu ir. Pede a tua mãe que te mande lá.

A menina.—Mande-me á escola, sim, minha mãe?

Madame Bertrand.—Sim, minha filha. Na verdade, senhor Simão, muitas obrigações vos devo.

CAPITULO VII

Simão de Nantua concilia dois litigantes

Simão de Nantua tinha que fazer em Semur, e para lá irmos era mister passarmos por Dijon. Antes de chegarmos a esta capital da antiga Borgonha, pernoitámos em uma casa de pasto, onde havia muita gente, que tinha chegado primeiro do que nós. Simão de Nantua, que gostava muito de companhia, propoz que ceiassemos todos juntos, pagando cada um a sua parte. A proposição foi geralmente acceita, e assentaram-se á mesa mui contentes, para comerem um excellente caldo de hervagens, toucinho e batatas.

Quando nós chegámos estavam na cosinha dois homens que disputavam com grande calor. Nem mesmo á mesa deixaram de continuar a questão. — Eu

te repetirei, dizia um d'elles, o que já te disse cem vezes; ha mais de trinta annos que lavro este pedaço de terra. O outro dizia praguejando: ha mais de trinta annos que tu me fazes uma usurpação, porque essa terra não te pertence.—Como não me pertence? — Não, e eu t'o farei ver. Eu tenho os meus titulos, e o cadastro te provará que este pedaço é uma dependencia da minha propriedade. — Bem me importa a mim o cadastro! Eu hei de continuar a lavrar como até agora.—Tu não a has de lavrar.—Hei de lavrar.—Teremos demanda.—Embora; que tu has de perder porque tem logar a prescripção.—É o que havemos de ver.—Pois bem.—Ha um tribunal em Dijon.

Ora basta, diz Simão de Nantua. Estamos nós aqui para disputar, ou para comer? —É um velhaco, que quer tomar o que é meu, diz um dos litigantes.—É um enredador, diz o outro, que ha mais de trinta annos disfructa o que é meu, e não o quer restituir. Todos os annos adianta um pouco mais o rego pela minha propriedade. — E então por isso quereis ter uma demanda, replicou Simão de Nantua; quanto valerá esse canto de terra? — Talvez perto de quinhentos francos. — E isso vale a pena de gastar mil e duzentos ou mil e quinhentos só para se saber a quem deve pertencer? — Como, diz uma das partes, mil e duzentos ou mil e quinhentos? — Pelo menos, diz Simão de Nantua. Parece que vós não sabeis o que é uma demanda. N'este mundo não se administra a justiça *gratis*. Custa caro ter razão, e ainda mais caro não a ter. Quem pleiteia tem de pagar ao

procurador, ao escrivão, ao registo e ao sello; e tudo é paga prompta ainda que o processo vá bem devagar. Quando emfim se proferir a sentença o vencido não attende á razão, appella, e começa de novo a perder tempo e dinheiro. Diz um proverbio que no fim de uma demanda um dos litigantes fica sem camisa, e o outro nú; isto é, um perde muito e o outro fica arruinado. Nada é mais verdade, meus amigos; Deus nos livre do espirito de demandista. É um verdadeiro poço sem fundo onde tudo entra, e nada sae. Se alguém quizesse obrigar-me a pleitear, parece-me que antes lhe cederia metade do que possuia, pois ao menos me ficaria a outra metade, e além d'isso a minha tranquillidade que eu estimo mais que tudo. Olhae; se me daes credito, conciliae-vos e não pleitieis.—Mas, amigo Simão, não sou eu o que quero litigar, é elle que é um demandista como um normando, e não quer ouvir a razão.—Oh! nada d'isso, pelo contrario, elle é que é mentiroso como um gascão, porque finge ignorar que a terra é minha.—Demandista como um *normando*, mentiroso como um *gascão*, são palavras, disse Simão de Nantua, que nada significam, e é uma sem razão insultar homens, que valem tanto como os das outras provincias. Os normandos não são mais demandistas, nem os gascões mais mentirosos do que os da vossa terra. O normando hesita por muito tempo em dizer *sim* ou *não*, mas tambem, se uma vez o chegou a dizer, está dito, e pode contar-se com isso. Antes assim do que fallar ligeiramente, sem estar certo do que se affirma ou promette. Está mais seguro quem vae em um cavallo teimoso, do

que em um cavallo louco. É mais prudente ficar parado, do que ir sem saber para onde. O gascão é fino e artificioso, mas também é vivo, activo e engenhoso. Sabe tirar-se de um mau passo e endireitar um negocio torto. Isto não é mau, comtanto que não seja á custa dos outros. Por exemplo, se aqui estivesse agora um gascão, aposto que elle vos daria algum bom alvitre para terminar e compor a vossa questão sem demanda. Eu supponho que elle vos diria: Vós ambos pretendeis ter razão. Pois bem; tirae á sorte antes do que pleitear, porque essa lucta não vale o que custa. Assim não fareis despeza, e quem perder n'esse jogo, ou decisão da sorte, sempre ganhará mais do que se a justiça dêsse a sentença a seu favor. Se não quereis commetter essa decisão á sorte, reparti amigavelmente como bons vizinhos, e sem pagar a louvados; cultivae depois com cuidado a vossa terra, e procurae fazer dobrar o seu producto, tudo isto será ganho; e depois bebei uma garrafa de vinho em boa amisade.—Então, diz um dos litigantes, elle tem razão. Que te parece, mestre Pedro? Façamos o que elle diz, porque é melhor empregar o nosso dinheiro em uma geira de terra do que nos direitos do sello, nos emolumentos do registo, e mais custas de um processo. — Pois seja assim, mestre Thiago, concordo, e lá vae á tua saude; mas nem por isso o terreno deixa de me pertencer. — N'isso não concordo eu, diz o outro.—Olá, diz Simão de Nantua, tornaes á discussão? Já vos esqueceu o sello, o registo e o procurador? Vamos, vamos; não fallemos mais n'isto. Seja um negocio findo.

Então os litigantes se abraçaram e toda a companhia se foi deitar, dizendo: Este velho Simão é um homem exquisito, mas é preciso confessar que tem juízo, e dá bons conselhos.

CAPITULO VIII

Conversação de Simão de Nantua com um mendigo e boa lição para orgulhosos e vadios

Nós não fizemos mais do que passar por Dijon, e logo partimos para Semur. Havia algumas horas que caminhavamos pela estrada real, quando fomos importunados por um moço de muito boa cara e muito mal vestido, que veio pedir-nos esmola. Simão de Nantua, depois de olhar para elle attentamente, lho diz: Oh meu amigo, que mau officio escolhesteis na vossa idade! É possível, que, sendo sadio e forte, queiraes antes importunar quem passa pela estrada do que trabalhar? Não sabeis que isso é vergonhoso para quem pode ganhar a vida trabalhando?

O Mendigo. — Eu não tenho trabalho em que me empregue, meu bom senhor.

Simão de Nantua. — Qual é o trabalho que sabeis fazer?

O Mendigo. — Eu sei muitos officios.

Simão de Nantua. — Tanto peor! vale mais saber bem um só do que conhecer mal trinta. Talvez por

saberdes muitos não usaes de nenhum. Que officio tinha vosso pae?

O Mendigo.—Meu pae era sapateiro em Nancy.

Simão de Nantua.—E porque não seguistes vós o officio d'elle?

O Mendigo.—Esse era o seu desejo, até mesmo começou a ensinar-m'o; mas isso não me agradava. Depois aprendi a ser tecelão, cesteiro, e carpinteiro; tudo isso porém me aborrecia. Não queria officio mecanico.

Simão de Nantua.—É provavel que fosse por altivez. E então que quereis fazer?

O Mendigo.—Queria ser caixeiro em casa de algum negociante, escrevente de tabellião, ou empregado em algum escriptorio. Com esta esperança deixei Nancy para ir a Paris. Mas não pude conseguir nada do que desejava. Tive a desgraça de perder meu pae depois de gastar o pouco dinheiro que elle me havia dado com muito incommodo seu. Emfim vi-me sem recursos, e reduzido a pedir esmola como vêdes.

Simão de Nantua.—Eis ahi onde conduzem a vaidade de quem se envergonha da sua condição, e a temeridade de querer sair d'ella sem ter para isso as habilitações precisas. Se tivesses prudentemente continuado o officio de vosso pae, teríeis ficado com os seus freguezes, e hoje serieis um honrado mestre do vosso officio, livre e independente. Todos os officios são honrados, quando servidos com honra, probidade e dão proveito: só é humilde e baixo o que é deshonesto ou inutil. Nenhum officio deshonra o homem, ás vezes o homem é que deshonra o seu officio. Quem quer subir mais acima do que póde, arrisca-se a cahir

mais abaixo do que estava. Não é grande loucura largar o que temos na mão para agarrar o que está longe de nós? Adverti que são coisas bem más o orgulho, a vaidade e a ambição: ellas nos obrigam a fazer desacertos, e ellas mesmas nos castigam porque os fizemos. Aquelle que se envergonha de seguir o officio honesto de seu pae não tem muito bom coração: tarde ou cedo soffrerá o castigo e terá de envergonhar-se de si mesmo. Vós talvez tenhaes recebido esta terrivel lição: mas como é possível que não tenhaes preferido algum officio honesto a esse de mendigo? Provavelmente ahi entra alguma coisa de preguiça. Acautelae-vos d'ella, porque é um vicio que vos póde levar muito longe. Ella já vos conduziu a mendigar sem vergonha, e insensivelmente vos arrastará até ao crime sem remorso. Um homem vadio ou ocioso é um ente sem prestimo, pezado em quanto vive, e quando morre allivia o mundo d'um pezo inutil. Deus poz-nos aqui para trabalharmos, e sermos uteis uns aos outros. A sua providencia vigia sobre todos. Elle quiz que houvesse ricos que occupassem os braços dos pobres, e os ajudassem a viver, mas deu aos ricos bastantes cuidados para que não fossem mais izentos de penas e trabalhos do que os outros, porque vê a todos os homens com os mesmos olhos e não faz distincção entre seus filhos. Cumpre confiar n'elle e respeitar os seus decretos. Deus sabe perfeitamente o que nos convém, e quer que cada um se contente com o lugar que lhe designou. Confiemos na sua sabedoria e não murmuremos nunca. Lá está a religião para nos

dar coragem e consolação. Vinde pois comnosco a Semur, meu amigo, e vos farei entrar na fabrica de pannos, e se vos houverdes como bom christão e bom moço, vereis que a Providencia terá cuidado da vossa sorte.

Simão de Nantua ás vezes misturava nas suas practicas alguma severidade, mas então acompanhava-as, como vedes, de algum acto de humanidade para lhe moderar o rigor.

CAPITULO IX

Simão de Nantua inspira resignação e anima as esperanças de um vinhateiro esmorecido

Bons dias, bom velho, disse Simão de Nantua a um vinhateiro que trabalhava na sua vinha, isto vae como desejaes este anno? — Está bem longe d'isso, respondeu o bom homem com tristeza.

Simão de Nantua.—Como assim, meu amigo?

Vinhateiro.—Bem vêdes que a vinha seccou e não pode dar fructo. Já é o segundo anno que falta a colheita, e minha mulher, meus filhos e eu, teremos de morrer de fome. Não sei o que hei de fazer, perdi o animo.

Simão de Nantua.—É na verdade grande desgraça, e eu vos lastimo de todo o meu coração. Mas o mal não se remedeia com esmorecimento. Quando o

homem tem coragem, e quer lutar com a adversidade, é sempre mais forte do que ella. Quem sabe sofrer com resignação, esperar com paciencia, e trabalhar com firmeza nunca succumbe á desgraça. Deus disse:—*Trabalha que eu te ajudarei.*

Dir-me-heis que tendes feito o que em vós estava e não podieis impedir que a estação vos levasse a colheita. Convenho, e por isso mesmo deveis esperar o auxilio de que precisaes. Portanto não vos deixeis esmorecer. O homem honrado e laborioso não morre de fome. Os cultivadores são columnas do estado, e este lhes acudirá quando precisarem. Descançae, o rei vigia sobre vós, ha de diminuir os vossos encargos, e até vos fornecerá meios de esperar pela colheita do anno seguinte. Animo, coragem! A desgraça é como os cobardes, persegue aquelles a quem vê tremmer, e foge dos outros, que a esperam a pé firme.

Vinhateiro.—Eu até agora tive coragem, mas por fim de contas gasta-se.

Simão de Nantua.—Oh! mas se ella se gasta, não é de boa tempera. Cumpre que dure até ao fim, pois talvez o momento em que vos desampara seja aquelle em que passariéis a ser independente. Portanto, meu amigo, resignação, paciencia, e firmeza. Além d'isso contaí com a Providencia, e com o rei, e quando vos achardés remediado, recordai-vos que eu vol-o predisse. Adeus, bom velho.

Vinhateiro.—Boa viagem, meu bom senhor; muito obrigado pelos vossos conselhos.

CAPITULO X

Sensibilidade de Simão de Nantua, e bons conselhos que dá por occasião da morte e inventario de um pai de familia.

Logo que chegámos a Semur, Simão de Nantua conduziu á fabrica de pannos o nosso mendigo para o apresentar ao proprietario. É escuzado dizer que primeiramente tivera o cuidado de examinar es-
crupulosamente os papeis d'este desconhecido para saber quem era, pois Simão de Nantua tinha bastante juizo e prudencia para não se fiar nas palavras de um aventureiro. Sendo apresentado por Simão de Nantua, que gozava de muita consideração e confiança, o rapaz não podia deixar de ser admittido, salvo se não houvesse um só logar. Portanto elle o foi, depois de haver promettido comportar-se como devia, e trabalhar com fervor.

Saindo da fabrica, Simão de Nantua quiz ir logo ver um amigo, que devia em grande parte a fortuna que possuia aos seus bons conselhos. Este amigo era um mercador de mercearia estabelecido ha mais de quinze annos em Semur, onde tinha feito bom negocio. E ainda o fazia todos os annos com Simão de Nantua, que ordinariamente se hospedava em sua casa quando passava por esta cidade. Fomos ambos a casa d'este bom homem. Mas qual seria a ma-

gua do meu companheiro, quando ao entrar na casa achámos toda a familia em lagrimas, porque o pobre Germano acabava de expirar ao cabo de quinze dias de molestia! A mulher do defuncto, seu filho, suas filhas e seu genro, apenas poderam abraçar em soluços o triste Simão, a quem esta noticia acabava de consternar como se fôra irmão do finado. Este quadro era tão lugubre, tão verdadeira a dôr da familia, e a de Simão tão grave e profunda, que eu mesmo não pude conter as lagrimas, ainda que não conhecesse o objecto de todo este lucto.

Depois de pagar este primeiro tributo á memoria de seu amigo, Simão de Nantua pensou nos interesses de toda a familia. Não era como aquelles que na presença de grandes dores alheias se escapam em vez de lhes dar soccorro, com o pretexto de que por demasiada sensibilidade não podem supportar o aspecto da dôr. Não entendia que fosse boa e verdadeira sensibilidade aquella que faz esquecer tudo, e não induz a soccorrer os seus semelhantes quando estão afflictos, ou o necessitam.

Simão de Nantua chamou de parte o genro de Germano, e disse-lhe: Meu caro Dumont, em que estado se acham os negocios d'esta casa? — Em bom estado, pelo que tenho podido ver. — Tanto melhor; mas por que não se puzeram ainda os sellos na caixa, no armazem e nos papeis do teu sogro? — Pois entendeis vós que seja absolutamente necessario fazer essa despeza? Nós nos arranjaremos amigavelmente, e sem necessidade de recorrer á justiça. — Mas isso é mal pensado, posto que seja o pensamento de um homem

de bem. As formalidades estabelecidas pelas leis nunca devem desprezar-se. Aquelles que fizeram as leis meditaram muito; e se assim o determinaram com conhecimento de causa, devemos crer que assim nos convém, pois emfim n'essas materias entendiam mais do que nós. Morre um chefe de familia; os seus bens devem ser divididos. Cumpre que tudo seja bem claro, e isento de qualquer suspeita. O melhor meio de se conservar a união é não haver interesses que disputar, pois o interesse, pela maior parte, é quem perturba as familias. Além d'isso teu sogro era commerciante, tinha credores e devedores, e contas que se devem liquidar: convém que tudo se faça segundo as formas legaes. Em taes circumstancias deve fazer-se inventario, e quem o não faz, raras vezes deixa de arrepender-se. As leis são feitas para proteger a todos, e para segurar os nossos direitos. Se rejeitarmos a sua protecção, e por isso nos acontecer algum mal, a quem devemos tornar a culpa? Vamps, Dumont, a ti incumbe arranjaras isso. É mister avisar sem demora o juiz de paz, e pôr as coisas em ordem.

CAPITULO XI

*Grande satisfação de Simão de Nantua por ver
o fructo de seus bons conselhos*

Simão de Nantua, que não se demorava em qualquer logar senão emquanto tinha que fazer, e folgava

de aproveitar o tempo, não tinha feito tenção de se demorar muitos dias em Semur; mas foi alli retido pelo acontecimento que quasi presenciámos, e não quiz deixar de repente a consternada familia do seu amigo. Passámos metade de uma semana com esta boa gente. Simão de Nantua lhe foi util, e deu excellentes conselhos sobre as disposições que deviam fazer; mas esforçou-se, principalmente por seus discursos cheios de razão e sensibilidade, em lhes inspirar resignação e coragem. Finalmente, passados quatro dias, deixámos Semur, e tomámos o caminho de Bar-sur-Aube. Simão de Nantua estava triste, e não fallava tanto como costumava. De quando em quando dava profundos suspiros, e parecia ter vivas saudades do amigo que acabava de perder. Todavia, como a sua alma era ao mesmo tempo sensivel e forte, pouco a pouco recuperou o seu tom ordinario, e a sua conversação costumada.

De tarde parámos em uma povoação, de cujo nome não me lembro, onde elle conhecia algumas pessoas. Foi uma alegria geral assim que o viram; o que prova que era amado e bem acceito n'aquella terra. A gente moça de ambos os sexos ficou encantada por elle haver chegado. Ah! elle nos contará alguma historia das suas viagens, diziam; elle conta estas coisas com tanta graça e tão bom modo! — Ora bem, amigo Simão, que tendes feito depois que não vos temos visto? Trazeis alguma coisa de novo, que possaes contar-nos? — Sim certamente, meus amigos, eu tenho sabido coisas que vos hão de interessar, porque posso dar-vos novas de duas pessoas d'esta po-

voação, que encontrei na minha ultima digressão, e me deram conta de seus successos. Contar-vos-hei isso depois da ceia, mas dissei-me primeiro se as coisas tem ido bem depois que eu por aqui passei; pois a muitos respeito havia bem necessidade de reforma. Lembra-me que havia algumas raparigas namoradeiras, e com demasiada vaidade. Havia tambem rapazes, que em vez de se occuparem em alguma coisa util ao domingo, depois de haverem cumprido com os deveres de christãos, iam para as tabernas jogar, perder o dinheiro e embriagar-se. Não ousei dizer que até mesmo havia paes de familias, que não lhes davam muito bons exemplos; mas lembra-me ter visto um entrar em casa com a cabeça esquentada pelo vinho, e espancar sua pobre mulher. — Oh! bom Simão, diz uma rapariga, agora já não vereis nada d'isso n'esta terra. Tem-se seguido os vossos conselhos, e os do nosso bom padre cura. Nós todos ainda não sabemos ler, o que sentimos muito; mas o padre cura e o *mairé* nos tem promettido que brevemente haverá aqui uma escola onde aos domingos nos poderemos instruir. Entretanto meu irmão, que aprendeu a ler no regimento quando era cabo de esquadra, nos lê ao domingo de tarde; e o mesmo succede em quasi todas as casas da povoação. Ahi estão sobre a mesa o Evangelho, a Doutrina christã, a Imitação de Jesus-Christo, e dois ou tres livros, que contém historias como vós costumaeis contar-nos, assim como bons conselhos semelhantes aos vossos. Eu vos affirmo, bom Simão, que nos temos tornado mais avisados depois que nos occupamos assim, e

que ao mesmo tempo nos divertimos e recreamos muito.

Estou maravilhado do que vos tenho ouvido! isto é para mim de grande satisfação, diz Simão de Nantua. Continuae, meus amigos, e cada vez vos achareis melhor. Mórmente quando na povoação houver uma escola ao domingo, não deixeis de a frequentar todos, grandes e pequenos. Deveis ser muito reconhecidos ao vosso *maire* e ao vosso cura pelos cuidados que tem de vos procurar meios de instrucção, pois é um grande beneficio que vos fazem. Eu folgo de ver que o conheceis, e fallaes n'isto com tanto prazer e reconhecimento como acabo de ouvir. Não vos posso dizer que prazer experimento em vos achar com tão boas disposições! Mas, meus amigos, não basta formar resoluções de fazer o bem; é mister perseverar. Uma boa resolução é na verdade o primeiro passo, e o primeiro passo é o mais difficil. Vêde pois que loucura seria voltar para traz, quando não ha mais do que proseguir em tão bello caminho já traçado. Todavia ha pessoas que tem facilidade de projectar boas coisas, mas egual promptidão em abandonar a sua execução. Essa gente porém é insensata e não se deve imitar. Por mais pequena que seja uma tarefa, ella não póde preencher-se sem perseverança. Esta virtude é necessaria á pratica de todas as outras. Muitas vezes se ouve dizer *eu farei*, mas nem sempre se vê a execução seguir o proposito; e porque? Porque quem o diz não tem perseverança. Haverá poucos homens que não tenham sentido movimentos de virtude; porém que merecimento ha n'isso, se

esses movimentos brilham e desaparecem como o relampago? O merecimento consiste em seguir constantemente o bom caminho quando uma vez se entrou n'elle. É isto o que vós fareis, meus amigos, eu o espero. Haveis entrado no bom caminho; prosegui pois sempre direitos sem vos desviar, e seguramente chegareis... aonde? á felicidade, que acompanha a virtude em toda a parte.

CAPITULO XII

Simão de Nantua conta a historia de uma menina laboriosa, e de outra dissipada

Prometti, diz Simão de Nantua, que depois da ceia vos daria novas de duas pessoas da vossa terra, e vou cumprir a minha palavra de tão boa vontade quanto esta historia poderá servir de lição ás donzelas que aqui me escutam.

Lembraes-vos de Catharina Gervais, e de Coleta Michaud? Não sabeis que ambas deixaram a sua terra para irem estabelecer-se em Paris? Eu as encontrei ahi, e d'ellas mesmas soube o que lhes aconteceu depois que deixaram a sua terra.

HISTORIA DE CATHARINA GERVAIS

Todos vós sabeis, continuou Simão de Nantua, que Catharina Gervais era uma boa rapariga sem formo-

surá nem pretensões, mas muito sisuda, amiga do trabalho, e inclinada á piedade. Quando partiu para Paris, o seu unico desejo foi trabalhar quanto podesse para ganhar dinheiro com que fosse util a seu pae, que era velho e enfermo. Chegando áquella grande cidade, apresentou-se em uma casa onde foi recommendada pelo vosso *maire*, e tambem podia mostrar um certificado do padre cura d'essa mesma freguezia. Com taes recommendações, de boa vontade a admitiram, e ajustou-se para lavar a loiça, e fazer o serviço grosseiro da casa. Catharina não era altiva nem presumçosa; e fazia sem difficuldade tudo o que lhe mandavam, até mesmo os outros criados, de modo que todos a estimavam. Como ella tinha grande desejo de aprender a cozinhar, pediu ao cozinheiro da casa que lhe explicasse como elle fazia as coisas, e lhe dêsse algumas instrucções: o mestre da cozinha prestou-se de boa vontade, e em pouco tempo Catharina fez-se uma excellente cozinheira. Tudo é facil para quem tem boa vontade. Além d'isso Catharina era virtuosa, e continuava a cumprir exactamente os seus deveres de piedade, e o cura da parochia a conhecia bem.

Quando ella se sentiu capaz de preencher um lugar mais difficil, porém mais lucrativo, foi-se ter com sua ama, e disse-lhe: «Senhora, eu sou muito reconhecida á bondade com que me recebesteis em vossa casa; eu vos devo a obrigação de saber alguma coisa, e estar em estado de ganhar a vida. Bem quizera eu não vos deixar, mas tenho um pae que é velho e necessita do meu soccorro; é preciso que eu

trabalhe para elle. Posso já accommodar-me como cozinheira em uma casa menos consideravel do que a vossa: tereis vós tanta bondade que me recommendasseis ás pessoas que poderiam admittir-me? Eu não quiz procurar casa sem primeiro vos pedir licença.»

A senhora enterneceu-se com a delicadeza e bons sentimentos de Catharina, prometteu-lhe recommendal-a, conservando-a em casa até que achasse um bom commodo. Catharina foi procurar o cura para lhe pedir a sua protecção. Ora aconteceu que o cura conhecia precisamente uma boa senhora já idosa, que tinha necessidade de uma governante, e conhecendo elle tambem as boas qualidades de Catharina, pensou que não podia fazer nada melhor do que entregal-a áquella senhora. Catharina entrou com effeito em casa d'ella, e ficou sendo a principal cozinheira. A ama está muito contente com ella. Catharina ganha grande soldada; e se não tivesse a desgraça de perder seu pae como sabeis, poderia hoje dar-lhe com que vivesse folgadoamente. Além d'isso é de esperar que a ama não se esqueça d'ella em seu testamento; bem que Catharina por seu bom coração e desinteresse não é capaz de se lembrar d'isso, nem fazer semelhante calculo.

E a pobre Coletta? diz uma rapariga que alli estava; ella era tão gentil, tão amavel! Que é feito d'ella?

Ah! diz Simão de Nantua, com gesto de tristeza, isso é o que vamos ver.

HISTORIA DE COLETTA MICHAUD

Coletta Michaud, replicou Simão de Nantua, era mui bonita, como acabaes de dizer, mas infelizmente ella o sabia muito e gostava excessivamente que lh'o dissessem. Não tinha sombra de piedade, e só ia á egreja quando não podia deixar de ser. Todo o seu cuidado durante a semana era o modo por que se vestiria ao domingo para ir á dança. Temia denegrir a pelle, ou tornar asperas as mãos, e por isso não gostava de trabalhar nem no campo, nem na cozinha. O pouco trabalho que fazia, se a obrigavam, era mal feito; porque em vez de lhe dar attenção recordava-se de todos os comprimentos que lhe haviam feito os rapazes. O seu mais forte desejo era ir a Paris, por ter ouvido dizer que a gente ahí se divertia muito; e entendia ella que a cidade lhe convinha mais do que a aldeia. Com isto importunava sua mãe; mas a boa mulher, que sabia bem os perigos a que se expunha sua filha, não queria consentir n'isso. Madame Michaud, não sabendo o que havia de fazer d'esta treslouçada, decidiu mandal-a para Paris, a uma casa que lhe indicou o padre cura, e onde a recommendou muito para que a vigiassem no seu comportamento. Ao despedir-se deu a Coletta os mais prudentes e maternas conselhos; mas tudo era perdido, porque a estouvada não cuidava senão no prazer de ir á cidade. Pobre Coletta! Logo que chegou accommodou-se em uma casa na qualidade de *bonne* ou aia de creanças. A infeliz não entendia nada d'isto: deixava chorar as creanças; não lhe im-

portava se quebravam os moveis ou a cabeça. Não as lavava, nem cuidava em que andassem aceiadas. Coletta só tratava da sua pessoa, e se vinha a casa algum criado estranho apressava-se em ir á antecâmara para receber cumprimentos. Tendo porém occasião de os receber de pessoas de distincção, a sua altivez se tornava insupportavel para com os outros criados, e até mesmo para com sua ama chegou a tomar algumas vezes um tom insolente. Finalmente, um dia que tinha levado os meninos a passeiar ao jardim do Luxemburgo, em meio do qual ha um grandé tanque, deixou-os correr á sua phantasia, emquanto ella se entretinha a conversar com um moço que a havia acompanhado. Eis que de repente se ouvem gritos espantosos: era um dos meninos que caíra no tanque! A pobre rapariga perdeu os sentidos. Felizmente um homem, que ia passando, saltou no tanque, e salvou o pequeno, que se julgava perdido.

Eu deixo agora á vossa consideração o modo por que Coletta seria recebida pela mãe das creanças. Foi despedida no mesmo dia, e achou-se só no centro de Paris sem saber o que fizesse, e sem recommendação alguma para conseguir outra caza. Esta situação devia obrigar-a a muitas reflexões, mas era Coletta capaz de as fazer prudentes? — «Não quero mais ser aia ou *bonne* de creanças, dizia ella; é officio cançado e enfadonho. Quero antes ser criada do quarto em uma casa grande. Isso é que é logar de appetite! Tenho conhecido algumas criadas d'esta ordem, que se apresentam como suas amas, e eu serei mais bonita do que a minha. Não sei a quem hei de

dirigir-me para isso. Mas não importa, irei ao jornal *des Petits Affiches* (dos pequenos annuncios.)»

É escusado dizer-vos, meus amigos, que é coisa triste não ter outra recommendação do que a d'aquelle jornal: mas ha pessoas que não são escrupulosas, e tem seus motivos para isso. Coletta achou uma casa onde se accommodou por criada do quarto: mas que casa! Era uma mulher desprezível por seus costumes, e onde se lhe offereceram sobejos exemplos de depravação para acabar de se perder.

Eu não devo contar o resto d'esta historia diante de donzellas tão honestas como as que estão presentes. Uma semelhante narração offenderia os seus castos ouvidos.

Basta que vos diga que saiu d'esta casa estragada de costumes, e perdida de reputação, e que o seu unico regresso foi dar-se ao mais infame e horroroso officio. Por algum tempo ousou esperar a sua felicidade no seio do vicio. Mas a mão de Deus se apercebia para a tocar. Bem depressa se murcham e desaparecem os seus encantos; a enfermidade e a miseria se apoderam d'ella para a devorarem. Tudo tinha perdido; o que lhe restava sómente era o remorso, a vergonha, os trabalhos e o terror. Eu não ousou, não ousou pintar-vos o deploravel estado em que encontrei esta infeliz: pallida e desfigurada, mendigava e obtinha apenas com que sustentasse a existencia mais desprezível! Finalmente a infeliz já não tem senão um unico desejo e uma derradeira esperança: a de conseguir um asylo, para ahi acabar, no hospital onde se recolhem as mulheres perdidas.

Todos ouviram esta narração até ao fim em silencio triste, e as lagrimas pendiam dos olhos da maior parte dos ouvintes. Aquella rapariga, que no principio tinha fallado de Coletta, disse: Ah! pobre Coletta! por isso não se tinha ouvido fallar mais d'ella! É preciso grande cuidado em não dizer nada d'isto a madame Michaud. Ella é bem infeliz! mas antes supponha sua filha morta do que saiba o que lhe aconteceu.

Vêde, meus filhos, diz Simão de Nantua, a differença que ha relativamente á felicidade entre um comportamento honesto e laborioso, ou extravagante e dissipado. Vêde tambem como a formosura é uma vantagem deploravel quando se lhe dá demasiada importancia. A belleza do rosto não tem valia senão em quanto é imagem da belleza d'alma. Lembrae-vos da historia de Coletta para entreter o horror que deve inspirar o vicio, pensae muito na historia de Catharina, para vos animar cada vez mais á virtude.

CAPITULO XIII

Simão de Nantua faz uma proclamação sobre as vantagens e a historia da vaccina

Entrando na cidade de Bar-sur-Aube, Simão de Nantua parou de repente diante de uma casa, a cuja entrada estava assentada uma rapariga. Eu não pude

logo saber qual poderia ser o motivo da indignação que observava nos olhos do meu companheiro; mas não tardei muito em descobrir que a menina que elle examinava tinha o rosto coberto de marcas vermelhas, e adivinhei o pensamento de Simão de Nantua. Este entra, e pergunta pela mãe da menina. — Esta menina pertence-vos? diz elle. — Sim, senhor. — Pois bem, vós merecieis perdê-la. — Bastante receio tive eu d'isso; a infeliz creança esteve quasi morta! — Dizei antes que quasi a matastes. Como é possível que, havendo estabelecimentos publicos para a vacinação, espereis que venham as bexigas naturaes ameaçar a existencia de vossos filhos! Não sabeis?...

Em quanto Simão de Nantua assim fallava, ouvimos um tambor na rua. — Que é isto? diz Simão de Nantua. — Parece que é para dar algum aviso da parte do *maire*.

— Ah! bom! confiae-me a vossa menina.

Dizendo isto leva a pequena convalescente, e vae postar-se com ella ao lado do tambor. Os que iam passando paravam para ouvirem o que se lhes pretendia annunciar, e formavam um circulo no meio da rua. Logo que o tambor acabou o seu rufo, e o orador do *maire* se dispunha para pronunciar o seu discurso, Simão de Nantua, a quem a impaciencia fez esquecer agora a polidez, cortou-lhe a palavra, e exclamou n'estes termos:

«Habitantes de Bar-sur-Aube, vêde esta creancinha, que acaba de ter bexigas. Ella esteve á morte, e toda a sua vida ha de trazer os signaes da molestia que a desfigurou. Que pensarieis vós de uma mãe

que, tendo pão em casa, deixasse morrer de fome a sua creança? Que pensaes de uma mãe que deixa a sua creança exposta ao perigo de uma molestia muitas vezes perigosa, tendo ao seu alcance todos os meios de prevenir esse mal?

Uma tal negligencia mereceria grave castigo. A beneficencia do governo estabeleceu em toda a parte casas de vaccinação; todos vós podeis fazer vaccinar vossos filhos, e aquelles que deixam de o fazer, por negligencia ou obstinação, são culpados para consigo mesmos, para com o governo, e para com toda a sociedade: elles compromettem a existencia da geração nascente, alimentando um mal contagioso. Quereis conservar vossos filhos? Ou quereis antes expô-los a perdê-los, ou vê-los desfigurados, e talvez mesmo cegos, pois esta enfermidade tão temivel é pela maior parte uma consequencia das bexigas? Ah! acreditae o que vos digo. Aquelles que desprezarem uma precaução que se torna um dever sagrado hão de arrepender-se d'isso um dia. Quando o mal chegar, já não é tempo de o prevenir. Se elle acha a porta aberta entra, e então faz os seus estragos. Ha gente que duvida de tudo, e diz: *Nós veremos quando se der o caso.* Isso é gente louca. O homem avisado vê de longe, e acautela-se. A felicidade não vem sem que a procurem, mas a desgraça vem por si mesma. Quando vós edificaes uma casa, não tomaes todas as precauções contra o fogo? Pois os vossos filhos importam-vos menos do que a casa? Não quereis fazer quanto vos cumpre para os preservar de um mal que os pode levar? Sabeis vós

quantas creanças levava a molestia das bexigas antes do descobrimento da vaccina? De sete bexigosos morria pelo menos um; e apenas um ou dois ficavam sem medonhos signaes da molestia. N'esta povoação as bexigas deviam levar pelo menos uma duzia de creanças, que são outras tantas victimas que a vaccina hoje pode salvar. Mas eu observo alguns d'entre vós, que parecem desconfiarem d'este preservativo. Sois por ventura grandes doutores para presumirdes saber mais d'isto do que os medicos de todos os paizes? Talvez terieis mais confiança nas drogas de um charlatão, que vos fizesse especiosos discursos! Não é para vos tirar o vosso dinheiro que eu fallo: o meu unico fito é o vosso bem; é porque tenho andado um pouco por esse mundo, e visto o que se passa em diversos paizes. Vós talvez não saibaes o que é a vaccina. Pois eu vou dizer-vos como ella foi descoberta.

«Havia na Escossia um medico chamado Jenner, que tinha observado com muita attenção os estragos da doença das bexigas, e procurava, havia muito tempo, algum meio de suavisar um flagello tão funesto á especie humana. Nada tinha podido ainda descobrir quando percebeu que os pastores do paiz, classe mui numerosa na Escossia, appareciam algumas vezes com borbulhas semelhantes ás que vem ás tetas das vaccas. Fez perguntas aos pastores, e soube que quem soffria esta enfermidade nunca padecia a das bexigas. Pelo mesmo tempo um francez chamado *Rabaud*, habitante de Montpellier, tinha feito a mesma observação, e fallou d'ella a um me-

dico inglez, o qual a communicou immediatamente ao medico escossez. Este fez logo experiencias, em que reconheceu que as observações de *M. Rabaud* e as suas eram bem fundadas. Então fez conhecer esta descoberta, e todos os medicos confirmaram por outras experiencias aquellas que Jenner havia feito. Chegaram a fazer deitar por muitas noites uma creança vaccinada com outra mui doente de bexigas, e o mal não se communicou. Ha quem diga que a vaccina causa outras molestias. Os insensatos assim o crêem, mas isso são contos. A verdade do caso é que a vaccina livra de bexigas naturaes. É tal o beneficio que d'aqui resultou, que todo o mundo deveria saber o nome do escossez Jenner e o do francez Rabaud, para os repetir sempre com reconhecimento em todos os paizes.

«Eu vos dizia ha pouco que todos aquelles que não fizessem vaccinar seus filhos se arrependeriam. Notae agora o que eu vi em uma das minhas viagens. Uma mulher tinha dois filhos, um dos quaes ella amava com preferencia reprehensivel. Esta preferencia é sempre injusta no coração de uma mãe; offende-se com isso a natureza, e por isso Deus a castiga. A mãe consentiu em que se vaccinasse o filho que menos amava, mas temia expôr o outro á influencia de um preservativo de que ignorava a virtude. Que aconteceu? A epidemia das bexigas veiu a dominar n'aquelle bairro. O filho preferido estava sem protecção contra o mal; foi portanto atacado e succumbiu. O outro não foi atacado e ainda vive. Habitantes de Bar-sur-Aube! acautelae-vos para não

imitar esta infeliz mãe, assás culpada, mas bem cruelmente punida! Eis aqui o que eu tinha que vos dizer.»

Simão de Nantua tinha excitado uma grande attenção. O adjunto do *maire* o tinha ouvido com admiração, e não quiz interromper o seu discurso. Quando Simão acabou de fallar, voltou-se para o adjunto e disse-lhe: Senhor, eu vos peço perdão da liberdade que tomei, mas entendi que faria bem em dizer o que disse. O adjunto lhe respondeu: tanto vós fizestes bem que eu mesmo já não tenho mais nada que dizer, a minha proclamação não tinha outro objecto do que annunciar aos habitantes que o mal das bexigas ameaçava o paiz, e convidal os a prevenirem-se contra aquelle mal. Vós tendes fallado mais energicamente do que eu o poderia fazer, o que vos agradeço muito. — Não ha de que, senhor; isto saiu do coração; o que desejo é que do meu aviso resulte algum proveito.

CAPITULO XIV

Simão de Nantua enternece-se á vista do quadro que lhe apresenta uma familia virtuosa e feliz.

Quando a multidão se dispersou, um homem, que teria quarenta annos, veio ter comnosco, e disse a Simão de Nantua:—Amigo Simão, olhae para mim,

não me conheceis? — Oh! Deus me perdoe, eu jurára que eras o meu amigo Bernardo. — Sou o mesmo. — Na verdade, amigo, ha dezoito annos mudaste bem, e tens a barba bem negra. Abracemo-nos pois. É grande gosto para mim, tornar a ver-te. — E tambem para mim bom Simão. Eu passava por ali no instante em que fallaveis a essa gente e logo conheci a vossa voz. Então sois sempre o mesmo? — Sempre, meu amigo, na minha idade não é facil mudar. E tu que fazes n'esto paiz? — Logo vol-o contarei; vinde descansar em minha casa. Espero que não procurareis outro albergue. — De muito bom coração. — Este senhor vem tambem convosco? — Sim é meu companheiro de viagem, e nunca nos separamos. — Tanto melhor, eu folgo muito com isso. ✕

Fomos pois todos tres de braços dados até á casa de Bernardo, e atraz de Simão de Nantua o seu cavallo, como se fosse um cão. — Serás tu mercador de vinhos? diz Simão de Nantua vendo a casa do seu amigo. — Para vos servir, respondeu Bernardo. — Parece-me que não tendes feito máu negocio, pois tudo isto está muito bem arranjado. — Eu estou contente da minha sorte. Nunca me esqueci dos conselhos que me desteis em outro tempo em Nantua, e hoje é mister que vos dê por isso muitos agradecimentos, porque me achei bem com elles. Quereis ver minha mulher? — Pois tu és casado? — Sim, e tenho filhos. Agora vou mostrar-vos tudo isso.

Bernardo nos apresentou com effeito a sua mulher, que era pessoa de trinta annos, fresca, e muito agradavel. Tinha ella junto a si duas lindas creanças,

que Simão beijou com ternura. Depois de havermos descansado um pouco, e tomado algum refresco, Simão de Nantua disse a Bernardo: — Ora, meu amigo, conta-me alguma coisa do que se tem passado desde que não tive mais noticias tuas, e como te achas hoje em uma posição tão feliz? — De muito boa vontade, bom Simão, mais vos devo eu.

Bem lembrado estareis, continuou Bernardo, dos conselhos que me desteis quando fui obrigado a partir para o exercito. Nunca me esqueci d'elles, e não se tem passado um só dia em que não tenha tido occasião de os aproveitar. Eu não era mui affeiçãoado á vida militar, mas tinha honra e brio, e com taes sentimentos não se póde ser máu soldado. É verdade que não era d'esses temerarios, que não duvidam de nada, e se julgam mais fortes do que um exercito; mas fazia minha obrigação, e quando me chegava a minha vez, estava prompto, e nunca desamparei o meu posto. Como tinha aprendido alguma coisa, e escrevia bem, distinguiram-me. O quartel-mestre me tomou para lhe servir de secretario, e depois concorreu para que eu fosse nomeado furriel. Desempenhei as funcções d'este posto com probidade, e ao cabo de um anno fui promovido a sargento. Era estimado dos soldados porque os tratava com brandura, e me lembrava que havia sido seu igual. Os meus officiaes me estimavam muito, porque eu sabia obedecer, era fiel ás minhas obrigações, e observante da disciplina. Assim servi sete annos, fiz a guerra, e estaria hoje official se não fosse uma grave ferida que me obrigou a pedir minha baixa, e a deixar o serviço. Desgos-

tei-me com isto, não porque eu tivesse saudades da profissão a que me era preciso renunciar, mas porque não via que modo de vida pudesse seguir. Vamos, Bernardo dizia a mim mesmo, coragem, tu serviste bem, e não deves ser maltratado. Com algum dinheiro que pude poupar, tomei o caminho de Paris. Passando por Bar-sur-Aube, o acaso fez que entrasse n'esta casa para me refrescar. Em quanto eu bebia um copo de vinho, o dono da casa, que era bom francez, e não via um soldado ferido no serviço de sua patria sem se interessar por elle, fez-me perguntas sobre perguntas; contei-lhe toda a minha historia, e confessei-lhe o embaraço que me esperava logo que os meus parcos fundos se acabassem. Depois de haver fitado os olhos em mim por um instante, disse-me: Camarada, eu tenho necessidade de um caixeiro para me ajudar no commercio, quereis ficar em minha casa? — Porque não, senhor? — Pois bem, está ajustado, não ireis mais longe.

Achando-me pois introduzido em casa de M. Antonio, não tive mais trabalho em regular aqui o meu comportamento do que no regimento. Portanto elle começou por me tomar afeição, e acabou por me considerar como filho.

Havia quatro annos que eu estava em sua casa, eis que me chamou um dia ao seu gabinete, e disse-me: Meu querido Bernardo, estou contente de ti, e tu bem conheces que sou teu amigo. Começo a sentir-me velho, e não quero esperar mais tempo para assegurar a sorte de minha filha. Tenho observado que um e outro não se olham com máus olhos; quero

que sejas seu marido, e trespassar-te o meu negocio. — Mas sr. Antonio, deveis advertir que eu não sou mais do que um pobre homem... — Vamos, eu assim o quero. E então desobedece-me-has? — Oh! não, meu querido bemfeitor! — Pois bem. Eu te encarrego de anunciar isto á Marianna.

Eu abracei o bom Antonio, e corri a procurar Marianna, a quem a noticia não causou menos prazer do que a mim. Casámos pois; eu tomei a direcção dos negocios, e não tenho motivo para me queixar dos que tenho feito. Talvez poderia ser mais rico, mas tambem isso inquietaria a minha consciencia, e não dormiria tão descansado. O ceo me deu estes dois filhos, de que lhe dou graças, porque dão esperanças de serem bons, e amam seu pae e sua mãe. Cuido na sua educação, amigo Simão, e não me esqueço do que devo tudo á que recebi na minha infancia. Finalmente, desde que estou estabelecido, nem minha mulher, nem eu, havemos experimentado outro desgosto senão a morte do nosso bom pae. Ha dois annos que o perdemos, e não recordamos esse acontecimento sem que os nossos olhos attestem a nossa saudade. Eis aqui, meu bom amigo, a historia d'este orfão, a quem haveis dado tão paternaes conselhos, e se considera feliz por vos poder mostrar que soube aproveitar-se d'elles.

Simão de Nantua não cabia em si de contente. Elle abraça o pae, a mãe e os filhos; era para ver um espectáculo tão terno! É escusado dizer que fomos tratados excellentemente n'esta casa. Simão de Nantua se felicitou de ter negocios em Bar-sur-Aube, que o

demoraram alli muitos dias. Eu tambem folguei muito com isso, pois não ha nada mais suave, quanto a mim, do que o espectáculo de uma familia virtuosa e contenta.

CAPITULO XV

Differentes encontros de Simão de Nantua na estrada, e bons conselhos que dá sobre diversos assumptos.

Se até agora, leitores, deixei de fallar dos negocios de meu companheiro, é porque tenho que elles são menos interessantes do que os seus discursos. Em geral as suas especulações são logo concluidas; elle vende ou compra segundo a occasião; e as suas transacções acabam-se sem longas discussões. Então mesmo é quando elle falla menos; porque em materia de negocios tem elle por principio que ao homem avisado bastam poucas palavras. Assim, sempre que eu vos digo, chegámos a tal povoação, quero dizer que Simão de Nantua tinha alli que fazer; e quando digo, partimos de tal terra quero dizer que Simão de Nantua havia terminado as suas especulações.

Depois de ter feito ternas despedidas a esta excellente familia, deixámos Bar-sur-Aube para seguirmos a estrada de Chalons-sur-Marne. Creio que Simão de Nantua nunca tinha fallado tanto como durante os tres dias que empregámos n'esta jornada.

Não encontrava na estrada um passageiro a quem não dirigisse a palavra.

Ah! meu amigo, vós apanhareis algum defluxo de peito, diz elle a um moço rustico, que media o caminho com grandes passadas: onde ides tão depressa e tão enfeitado? Ides ver a vossa noiva? — Ah! sim, é verdade, de que se trata é da noiva! Eu corro á cidade para procurar meios de obter espera de um credor, que ameaça fazer vender os moveis de meu pae. — Ora essa! Pois se eu fosse vosso credor, e vos visse n'esse traje com vestidos de bom panno, sapatos apurados e camiza fina, não me inspiraries muita compaixão. Quem vos visse passar, cuidaria que ereis o rendeiro mais rico da vossa terra. — Oh meu Deus! não, nós não somos ricos, e talvez que bem depressa sejamos mais pobres. — Quereis que vos diga porque é isso? diz Simão de Nantua, é porque quereis parecer o que não sois; qual rã da fabula que inchava para parecer tão grossa como um boi. Ella rebentou, meu amigo, e eu tenho muito receio que vos aconteça o mesmo. Ide depressa, e se poderdes sair d'esse embarço, acautelae-vos de nunca ostentar mais fortuna do que tiverdes.

Bons dias, ama. Essa criança grita tanto! Eu creio que é por estar enfaixada como um estojo. Oh! se eu fosse sua mãe, não a deixaria tanto tempo em vosso poder para a martyrisardes assim. Dizei-me que trejeitos fariéis vós se vos envolvessem d'essa sorte? A pobre criança não tem outro recurso senão chorar. Eu quizera que os seus gritos vos fizessem ensurdecer! Não vêdes que essa pobre creaturinha, privada

quasi de respiração e do movimento, não póde crescer e desenvolver-se livremente? Porque são os vossos filhos magros e doentios? É porque vós os não deixaes fortificar. Por ventura os animaes enfaixam assim a sua creação? É por isso que entre elles não ha tantos individuos aleijados e defeituosos. Bem sei que é mais commodo arranjar uma criança como um pacote em trouxa, e deixal-a gritar sem ter mais cuidado n'ella. A causa e os motivos são egualmente barbaros! Em toda a parte se declama contra este uso destruidor, e aquelles que se obstinam a segui-lo ou são estupidos ou máus.

Me Adeus meu valente! Onde perdeste o braço? — Na campanha de 1814. — E como foste ferido? — Um tiro de espingarda me quebrou o pulso, mas nem por isso deixei o posto senão quando me levaram. Depois cortaram-me o braço, e aqui estou. — Havieis de soffrer muito? — Isso não importa nada, o que me custava mais era não poder combater em quanto o inimigo marchava pela minha patria. — De certo vós tendes uma pensão? — Tenho, sim, senhor. — E estaes contente? — Mui contente; tenho a Cruz de Honra, uma pequena pensão, e um pedaço de terra, que me deixou meu pae. O que tenho basta para viver. Sei pela historia que os guerreiros romanos depois das batalhas voltavam para a charrua; tenho gloria em fazer como elles, e não devo queixar-me porque ainda me resta um braço para conduzir a charrua, e servir a minha patria se ella o precisar. Não tenho perdas que lastimar, nem nada que desejar para mim, e só faço votos pela minha patria. — E eu, bom cidadão e hon-

rado militar, uno os meus votos aos vossos pela patria, e tambem pela vossa felicidade.

Ah!... sois vós, senhor Raymundo? — Bons dias, amigo Simão. — Já não estaes na brigada de Nantua? — Não, desde o anno passado, que estou aqui. — Eu me felicito bem d'este encontro. Que gente é essa que vós conduzis? — São desertores. — Desertores! e esses homens fallam francez? — Fallam de certo, porque são francezes. — Ora vamos, isso não é possível: um soldado francez não desampara as suas bandeiras, nem renuncia ao serviço da sua patria e do seu rei. Não é assim, senhores, de certo vós não sois francezes?

Os desertores não ousaram responder; e este nome de francezes, de que elles eram indignos, lhes fez baixar os olhos.

Como é possível que estejaes ahi? diz Simão de Nantua a um soldado, que marchava ao lado de um desertor, e que parecia magoado; vós não me pareceis ser d'aquelles. — D'aquelles! disse o soldado com indignação; eu desertor?... Não, senhor. — E que fazeis aqui meu camarada? — Um d'estes infelizes era meu amigo de criação, fomos companheiros d'armas, e eu teria dado a vida por elle. O seu crime de que não posso conceber a causa, me tem posto em desesperação. Sendo forçado a deixar de o estimar, mas não podendo deixar de ser seu amigo, quiz dar-lhe a ultima prova de amizade acompanhando-o até ao seu destino. Era notoria a nossa amizade, e por isso consegui licença do meu coronel. — Isso parece-me muito bem, mas não temeis que

esse passo vos comprometta? ser amigo de um desertor! — Comprometter-me, quanto ao soldo, sim, mas quanto á honra, não. Todos me conhecem, senhor, e eu tenho mostrado que sou bom soldado. — Eu não duvidava d'isso, meu camarada, nem com sentimentos taes como os vossos, se commette uma acção baixa. Tomae o que vos dou para o vosso infeliz amigo. — Eu acceito para elle, senhor, porque não sou mais do que um pobre soldado; mas, se eu fosse rico, nem o acceitaria, nem ello teria necessidade. — Ide, bom camarada, vós sois um homem estimavel; oxalá que todo o exercito fosse composto de gente como vós! — Ah! descançae, que eu não sou o unico que tenha bom coração; ha lá alguns, que valem mais do que eu. — Adeus sr. Simão, diz o commandante Raymundo, boa viagem. — Outro tanto, sr. Raymundo. Até mais vêr.

Um pouco adiante Simão de Nantua dirigiu-se a um cultivador, que trabalhava á borda da estrada. — Dizei-me, amigo, porque está de pousio esta terra? — É por ser preciso que descançe. — Como, que descançe? Pois a terra é preguiçosa como os homens, e necessita de descanço? Isso é uma preocupação, meu amigo, e em quanto a vossa terra não produz, não ganha forças para produzir mais, e nem por isso deixaes de pagar o imposto. Sabeis ler? — Não, senhor. — Tanto peor; se soubesseis eu vos convidaria a ler o que se escreve todos os dias sobre a agricultura. Ah! acharieis boas instrucções sobre o modo de augmentar o pructo do terreno que cultivaes. Vós outros entendeis que nada póde ser melhor do

que a pratica que vos é conhecida, como se não se fizessem todos os dias descobertas uteis. Se quizesseis escutar os conselhos dos sabios, muitas vezes fariéis melhor negocio. Tendes vós filhos? — Tenho um. — E elle sabe ler? — Não. — Pois mandae-o á escola. Depois elle vos lerá livros de agricultura, e se tiverdes o bom juizo de seguir as uteis lições que ahi se vos offerecem, vereis que vantagens vos provém de não ficardes aferrado á cega rotina. Ha homens estudiosos e meditadores, que se occupam do vosso bem, como não podeis duvidar; mas elles perderão o seu tempo e trabalho se não quizerdes escutal-os. Portanto seria do vosso interesse, e mesmo do vosso dever, dar-lhes attenção. Porque emfim se sois bom francez deveis desejar tudo o que póde fazer os francezes mais ricos e poderosos do que os outros povos. As producções do nosso territorio podem fazer-nos ricos, mas o terreno não produz sem ser ajudado pela industria. Cumpre pois que sejaes industrioso para que vós e o vosso paiz sejam ricos.

Eu não acabaria, meus queridos leitores, se quizesse repetir-vos tudo o que Simão de Nantua disse a cada um d'aquelles que encontrámos na estrada, e nós nunca chegaríamos ao nosso destino, se me demorasse a cada instante, como então fizemos.

CAPITULO XVI

Simão de Nantua chega a uma casa de campo, e indigna-se da ingratidão dos criados para com os seus amos.

Na distancia de algumas leguas de Chalons, Simão de Nantua parou em uma linda casa de campo onde tinha costume de vender, quando passava, alguns tecidos de cassa, cambraia e outras coisas. Esta casa é uma propriedade magnifica, cujos donos tem grande trem de mobília e muitos criados.

Fizeram-nos entrar para a copa, e Simão de Nantua começou a desdobrar as suas mercadorias para mostrar o que trazia de novo. Os criados da casa acabavam de almoçar, e continuavam a sua conversação sem se apressarem.

Entretanto uma criada muito elegante dizia: Eu não sei o que tem hoje a senhora, desde pela manhã que está com um genio insupportavel.

Criado. — Eu bem sei o que ella tem. É o resultado da disputa que o sr. conde teve com ella hontem á tarde ácerca de sua filha.

Criada. — Isso é porque o senhor teu amo é um bruto.

Criado. — Não digo que não; mas a senhora tua ama é uma mãe bem indifferente, e comtudo beem feliz por ter quem lhe cuide nos filhos.

Criada. — Tudo o que quizeres. Não me trata ella tão bem para que eu tome o trabalho de a defender.

Criado. — Vá feito. Tambem te entregou meu amo. Desde o dia em que perdeu os vinte mil francos ao jogo, em casa do duque, não tenho recebido d'elle senão desabrimentos. Um jogador enraivado!...

Criada. — Sim, e somos nós então que soffremos as consequencias das tolices dos nossos amos.

Mordomo. — E eu, julgaes vós que não tenho nada de que me queixar?

Criado. — Oh! mas tambem lhe tiraes o proveito! A esse respeito eu cá me entendo.

Mordomo. — Sim, porque me tens roubado alguma coisa dos meus lucros.

Criada. — Pois pode-se roubar á gente aquillo que não lhe pertence?

Criado. — Dize-me cá. Aquella pobre modista chegou emfim a receber a sua conta?

Criada. — Ah! sim, bem sei. A senhora nem sequer se atreve a fallar n'isso ao sr. conde. É coisa enorme! A proposito, e o pobre architecto, como sairá da sua pretensão?

Criado. — Devagar! que as dividas do jogo estão primeiro.

Simão de Nantua, a quem esta conversação tinha impaciado, não pôde deixar de lhes gritar: Que vos importa isso?

Criada. — Como é isso! que nos importa? Vós sois bem atrevido; e que vos importa a vós a nossa conversação, sr. bufarinheiro?

Criado. — É bem insolente!

Simão de Nantua. N'isto ha com effeito muita insolencia! Julgaes que me humilhaes chamando-me bufarinheiro? Julgaes que não valho tanto como vós? Se os meus vestidos não são tão bellos e elegantes, tonho a vantagem de não servir ninguem, entendeis? E digo francamente o que tenho no coração a quem o merece. É bem edificante a conversação que acabo de ouvir! Deus me livre de ser fidalgo, se é preciso para isso alimentar em casa ingratos, que calunniam e roubam! Ah! não vos enfadeis, pois o que digo é verdade. Não acabaes de vos gabar das vossas mesmas velhacarias, e de fazer indecentes zombarias a respeito de vossos amos? E na presença de um estranho, sem reserva nem moderação alguma! Com que fundamentos, vos perguntara eu, ou com que auctoridade julgaes do seu comportamento, e fallaes d'elles tão descomedidamente? Elles por ventura confiaram-vos os seus segredos? Conheceis vós os motivos dos seus procedimentos? Estaes bem certos do que dizeis e julgaes ter visto? E ainda mesmo quando tivessesis observado alguma coisa reprehensivel, era do vosso dever calar-vos. Quem vos recebe em sua casa, vos sustenta e vos paga, não tem um direito sagrado ao vosso respeito e reconhecimento, á vossa fidelidade e discrição? Não é da vossa obrigação servir-os, e defender os seus interesses em toda a occasião? Com taes sentimentos e com tal comportamento é que vós poderieis honrar a libré que trazeis, e fazer-vos estimar na vossa condição. Não ha quem veja com indifferença um d'esses criados velhos, que nunca foram velhacos nem ingratos,

mas tem servido seus amos cordialmente, e que de algum modo pertencem á familia em cujo seio tem passado a sua vida. Eu posso contar-vos que vi, não ha muito tempo, uma mulher que, depois de haver creado os filhos de uma familia respeitavel, ao cabo de trinta annos de casa teve a dôr de vêr recair na infancia o seu amo, aliás bem velho, em consequencia de um ataque de paralyisia. Pois bem ; eu vi esta respeitavel creatura não deixar um minuto, nem de dia nem de noite, o quarto do seu amo, por espaço de cinco annos, que tanto durou ainda. Não existindo ella mesma senão para elle, quando sentia fal-lecerem-lhe as forças e succumbir á fadiga, ella se punha de joelhos, e dizia : Meu Deus, eu não vos peço senão que me concedaes bastante força para servir meu bom amo até ao fim. Oh ! boa Francisca tua virtude, teu zêlo acharam uma digna recompensa na affeição e reconhecimento dos filhos de teu amo, e principalmente na tua propria consciencia... Mas eu estou a dizer coisas que vós não podeis entender, e parece-me que já vos vejo sorrir. Adeus ; não me demoro mais com tal gente. Se não quereis nada das minhas mercadorias, isso não importa.

CAPITULO XVII

Simão de Nantua passa a noite em um corpo de guarda, onde acha occasião de dizer coisas boas ácerca da guarda nacional.

Eu não sei que contas fez Simão de Nantua, que, sendo ordinariamente tão previsto, e medindo tão bem o seu tempo, n'esta occasião achou-se em falta. Tantas vezes parámos no caminho para conversar com uns e com outros, que a noite nos surprehendeu antes de chegarmos a Chalons.

Iremos pernoitar á cidade, diz Simão de Nantua, ou em alguma estalagem na estrada? — O tempo está bello, lhe disse eu; continuemos até Chalons porque não são mais que duas leguas pequenas. — Pois bem, seja assim.

Nós, porém, estávamos algum tanto fatigados, e não podíamos andar depressa, de maneira que era perto de meia noite quando chegámos ao nosso destino, coisa que nunca nos succedera. Na cidade tudo estava fechado, e não sabíamos aonde nos dirigissemos para achar um albergue.

Isto é bem desagradavel, diz Simão de Nantua. Eu que me encarrego de dar conselhos aos outros, acabo de fazer uma verdadeira tolice! Agora é tratar de a reparar. Não quero deitar-me ao relento e arriscar-me a adormecer ao pé das minhas mercado-

rias, porque não ha povoação, grande ou pequena, que não tenha o seu quinhão de ladrões. Sabeis vós o que havemos de fazer? — Não. — Pois segui-me.

Então conduziu-me á casa da camara, onde havia um corpo de guarda nacional. — Quem vive? grita a sentinella. — Amigos: eu quizera fallar ao official da guarda.

Veu pois o official reconhecer-nos, e Simão de Nantua expõe-lhe a nossa situação, mostra-lhe os nossos papeis, e pede-lhe permissão para passar a noite no corpo da guarda, de que não vos farei a descripção, visto que todos esses logares são semelhantes uns aos outros, e poucas pessoas haverá que não tenham visto ao menos um.

Offereceram-nos polidamente um logar na tarimba, o que nós agradecemos sem acceitar, Simão de Nantua, porque gostava mais de conversar, e eu, porque tenho a desgraça de não poder adormecer em tarimba. Ficámos portanto, á roda da mesa com os guardas nacionaes, dos quaes uns jogavam, outros bebiam, e outros fumavam, Um dos que fumavam, de quando em quando tirava o cachimbo da bocca, e praguejando, dizia: «Que maldito officio! Succeda o que succeder, é a ultima vez que entro de guarda.» — Que dizeis, camarada? diz Simão de Nantua: não quereis tornar a entrar de guarda, parece que não fallaes seriamente, pois isso é incompativel com a qualidade de bom cidadão, como certamente sois. Se cada um dissesse outro tanto, onde estaria a segurança publica? — Que me importa a mim? Eu não tenho propriedades que guardar. — Bem dizia eu que

não fallaveis sériamente, pois ainda agora mesmo continuaes a gracejar. — Não senhor, não gracejo. — Oh certamente; pois eu não posso acreditar que considereis extranhas as propriedades dos vossos concidadãos, assim como os monumentos publicos, e tudo o que faz a riqueza do reino, porque emfim vós sois francez. — Sim, sou francez. — Pois bem; deixaríeis de o ser recusando participar com todos os cidadãos dos cargos de um serviço honroso, e util á tranquillidade do estado e dos individuos. É porventura uma grande desgraça passar de tempos a tempos uma noite no corpo da guarda? Oh! meu Deus, se fosse para vos divertirdes não vos queixaríeis. Vamos, pois, não murmureis mais se quereis que se creia no vosso patriotismo. Quando toda a nação se sujeita a um êncargo necessario ao bem geral, aquelle que quizesse esquivar-se a isso, teria bem de que envergonhar-se. Vedes a minha cabeça calva, e brancos os poucos cabellos que me restam, e nem por isso deixo de entrar de guarda quando estou em Nantua. A minha idade certamente podia isentar-me, mas cumpre que alguns velhos robustos substituam os rapazes enervados, que se fizeram velhos antes de tempo.

Estas palavras fizeram córar o joven soldado, que não ousou responder nada, porque, além da força das razões, a physionomia de Simão de Nantua tinha alguma coisa que inspirava respeito.

De repente ouvimos uma disputa no quarto do official. Era um soldado, que acabava de entrar no corpo de guarda, tendo faltado á hora em que lhe tocava fazer uma sentinella. — Eu vos previno, se-

nhor, lhe diz o capitão, que eu fui obrigado a mencionar-vos na parte, por faltardes ao serviço.—Como quizerdes, capitão; mas eu tenho mais que fazer do que estar aqui no momento preciso para vir encerrar-me na vossa guarita.—Vós tomaes isto em um tom que não é muito conveniente, replicou o official. Parece que os vossos negocios vos retiveram muito tempo á mesa, porque cheiraes muito a vinho.—Isso é possível: então mencionaes isso tambem na parte.—Pois bem, como assim o quereis, não deixarei de o fazer.

Camarada, diz Simão de Nantua, se eu estivesse no logar do senhor official, não teria tantas considerações com um homem que se esquece tanto do seu dever como vós fazeis. Parece-me que não sabeis o que é disciplina, moderação e mesmo polidez. Dir-me-heis que não sois soldado pago para estardes no vosso posto, mas é porque não advertis que desde o instante em que fazeis parte de um corpo onde ha que fazer uma porção de serviço, se faltaes a esse serviço, prejudicaes a todos os vossos camaradas, que têm demasiada bondade para não vo-lo fazer sentir. Além d'isso, fallando d'esse modo ao vosso official, não advertis que elle é o depositario de uma auctoridade que o rei lhe conferiu. Se o official usa d'essa auctoridade com moderação, é porque entende tratar com homens dignos de taes attentões, e que não teem necessidade de coacção para cumprirem com o seu dever. As funcções de official da guarda nacional, se tornariam cruelmente penosas, se se houvesse sempre de commandar a homens como vós. Seria mister en-

tão que deixasse a polidez, e vos fallasse como a soldados indisciplinados. Conhecerieis então que elle tem o direito e o poder de fazer-se obedecer. Vêde se algum dos vossos camaradas vos dá razão n'este momento. Sabei meu amigo, que quem falta ao seu dever, e junta a esta primeira falta a grosseria e o descomedimento, não acha nunca gente honrada do seu partido. Eu creio que nada podereis fazer melhor do que logo pela manhã ir offerecer as vossas desculpas ao senhor official.

Assim fallava Simão de Nantua, eis que entra uma patrulha conduzindo um homem ao corpo da guarda.

Capitão, diz o cabo de esquadra, eis aqui um homem, que nos insultou quando lhe perguntámos o que fazia na rua ás duas horas da madrugada.

O Capitão.— Como vos insultou elle?

O Cabo.— Respondeu que isso não nos importava, que fazia o que queria e zombava de nós.

O Capitão.— Vejamos os vossos papeis, senhor.

O preso.— Eil-os aqui, meu official, elles estão em regra, e eu vos asseguro que entrava pacificamente em minha casa, vindo de assistir ao noivado de um amigo meu, quando estes senhores me encontraram.

O Capitão.— Mas porque insultaste a patrulha?

O preso.— Não sei; uma idéa ruim, que me veiu á imaginação. Foi uma sem razão, de que peço perdão a estes senhores.

O Capitão.— Certamente que foi uma sem razão. Todos os cidadãos devem lembrar-se que aquelles que se encarregam da guarda diaria da cidade tem

direito a ser respeitados de todos os outros cidadãos; que não ha maior despropósito do que zombar de homens, que sacrificam o seu tempo e descanso á causa publica, e que finalmente é insultar a lei insultar aquelles que são armados em nome d'ella. Entretanto ficae aqui por ora, e logo que seja dia podereis voltar para vossa casa.

Eis o que eu acho bem pensado, diz Simão de Nantua, e precisamente o que eu diria se me tocasse minha vez. Assim pois, conversando, se chegou ao romper da manhã, e depois de havermos agradecido ao capitão a condescendencia de nos receber no seu posto, deixámos o corpo da guarda para procurarmos uma estalagem mais commoda.

CAPITULO XVIII

Discurso de Simão de Nantua aos curiosos que corriam para verem a execução de um condemnado á morte.

Fomos para uma pequena estalagem na praça, e logo nos deitámos, porque a noite do corpo da guarda não nos tinha descansado muito da fadiga da vespera. Passadas duas horas, Simão, que era austero para com o seu corpo, levantou-se para tratar dos negocios, e deixou-me dormir muito á minha vontade. Creio que ainda agora dormiria, se não fos-

se acordado por um grande ruido que se fez na praça e na mesma estalagem, seriam onze horas ou meio dia. Até vieram ao meu quarto perguntar se podiam dispor da minha janella. — Que é isto? pergunto eu á dona da casa. — É que vae um homem padecer morte por condemnação da justiça. — Mas vós fallaes n'isso com tanta alegria! — É por ser de interesse para nós, pois vem muita gente d'estes contornos, e alugamos as janellas por alto preço. — Então lhe disse eu, podeis dispor da minha janella.

Eu quizera que Simão de Nantua estivesse presente, porque as palavras e os gestos da dona da estalagem lhe forneceriam materia para um bello discurso. Mas Simão não tardou muito.

As janellas e toda a casa estavam cheias de gente: homens, mulheres, creanças, emfim grande multidão para assistir a um tão triste espectáculo!

Estou bem arrependido de termos vindo para esta estalagem, disse eu ao meu companheiro de viagem. Elle me respondeu: Pois eu não; porque tenho que dizer duas palavras a toda esta gente quando estiver acabada a execução.

O profundo silencio em que de subito ficou esta numerosa assembléa nos fez conhecer o instante em que o infeliz acabava de soffrer a pena do seu crime.

Este silencio não durou porém muito, porque logo depois toda a gente que estava nas janellas desceu á grande sala da estalagem, onde cada um se poz a conversar e a fazer reflexões. Uns fallavam do acontecimento com indifferença, e outros se riam e gracejavam bem fora de proposito.

Parece-me, diz Simão de Nantua em voz bem alta, que o espectáculo que acabaes de presenciar não produziu sobre vós uma impressão bem profunda, pois vos vejo conversar, e até mesmo rir. Comtudo o que acaba de acontecer offerece materia a boas reflexões. É provavel que uma simples curiosidade vos trouxesse aqui, o que de certo não é motivo mui louvavel, pois ver morrer um homem só pelo prazer de o ver expirar, não é um acto de humanidade. Ahi ha mulheres, que depois de conduzirem seus filhos a este espectáculo triste, parece que voltam de uma partida de divertimento. Isto não dá idéa favoravel de bondade do seu coração. Entendeis vós que a justiça vos prepara uma festa quando condemna á morte um criminoso? Não vêdes o aparato de que ella cêrca a execução das suas sentenças? O sacerdote, as guardas, o cadafalso, tudo concorre para mostrar ao olhos tempo o poder e a misericordia de Deus, a auctoridade das leis, a vergonha, e o fim do crime. D'esta sorte a sociedade, cortando do seu corpo um dos membros, quer offerecer a todos os outros uma grande lição, e d'este mal necessario fazer resultar um bem. Ella não vos apresenta o objecto de uma barbara curiosidade, mas sim o assumpto de profundas meditações, que advertem a cada um que os olhos da justiça divina e humana estão sempre abertos sobre o crime, e que o criminoso é punido cedo ou tarde. Ah! quanto mais energica seria ainda a lição se o desgraçado que morreu agora pudesse apresentar-vos os pormenores da sua vida; se elle pudesse mostrar-vos como foi gradualmente conduzido aos

crimes que o levaram ao cadafalso. Eu nunca me esquecerei das ultimas palavras de um facinoroso, que foi enforcado no tempo em que esta especie de supplicio estava em uso em França. Do mesmo modo que esse que hoje vistes morrer, elle havia assassinado o seu bemfeitor para se apoderar do quo este possuia. Alguns instantes antes da execução sua mãe o quiz ver pela ultima vez. Ella se apresentou pois desolada e trémula diante de seu filho... «Infeliz! exclamou elle quando a viu, vindes contemplar a vossa obra? Sim, sois vós, foi a vossa fraqueza, a vossa negligencia, que me deixaram entrar na carreira do crime. Ah! se eu não fosse deixado a mim mesmo desde a infancia; se vós tivésseis tido algum cuidado na minha educação; se não me tivésseis deixado crescer na ignorancia, ociosidade e preguiça; se tivésseis combatido as minhas primeiras propensões, o cadafalso não se teria hoje levantado para mim. Quando me vieis tomar habitos viciosos, porque não os reprimistes? Porque fechasteis os olhos aos primeiros roubos que vos fiz? Porque não me obrigasteis a estudo ou officio em que eu podesse ganhar a vida honestamente? Porque me não apartasteis dos amigos perigosos que eu frequentava, os quaes com seus maus conselhos começaram a extraviar-me? Porque não vos armasteis de severidade contra as minhas primeiras devassidões? Assim me familiarisei com o crime! multiplicaram-se as minhas necessidades, e tudo me pareceu bem para as satisfazer. Uma vez entrado n'esta infeliz carreira, não me foi mais possivel sair

«d'ella. Segui-a, e eis-me chegado ao termo onde ella conduz. Deshonrei a minha familia, commetti muitos crimes; minhas mãos derramaram o sangue do bemfeitor que me havia aberto os seus braços. Eu vou emfim soffrer o justo castigo de tantos horrores. Infeliz e culpada mãe! tudo isto é obra vossa! E podeis encarar-me? Ah! afastae-vos, afastae-vos de mim...» A desditosa mãe, pallida e moribunda, quer ainda abraçar seu filho, mas elle enfurecido e desesperado, exclama: — «Não vos chegueis a mim; vosso filho maldiz a existencia que lhe destes...» A estas palavras a desgraçada mãe, opprimida pela maldição de seu filho, cae desfallecida; a respiração se lhe suprime, seu peito se incha, os olhos se fecham, e expira... «Então, exclama o maldado, ella morre!... minha mãe já não existe!... «Ah! eis ahí o meu ultimo crime!» Não pôde dizer mais: caíu em uma especie de desmaio, de que só tornou a si para ser levado ao cadafalso. Homens, mulheres, creanças, que me escutaes, que terieis vós sentido se o criminoso que a lei feriu hoje vos tivesse feito uma semelhante exposição? Ah! por certo este spectaculo teria feito sobre vós mais profunda impressão. Talvez elle vos dissesse o mesmo que acabaes de ouvir-me, porem a sua voz seria certamente mais terrivel e mais efficaz do que a minha.

Nunca Simão de Nantua desenvolvera tanta eloquencia como n'este discurso. Seus olhos, seus cabellos brancos, a expressão da sua physionomia e a sua voz, tinham alguma coisa de terrivel, que parecia gelar todo o auditorio. Estavam todos em uma

especie de torpor. A mesma dona da casa estava pallida, e sem saber o que pensasse do homem que tinha em casa.

Toda a gente se retirou cunfim vagarosamente, e com o silencio e recolhimento que o assumpto devia inspirar.

CAPITULO XIX

Simão de Nantua mostra a utilidade do aceio, e como até a gente mais pobre pode ser acciada

Desde Chalons até Amiens não parámos em alguma cidade, fomos andando de aldeia em aldeia, e as mais das vezes por caminhos transversaes. Isto porém não impediu que Simão de Nantua tivesse muitas occasiões de satisfazer o seu gosto de conversar.

No primeiro dia da nossa jornada fomos surpreendidos por uma furiosa tempestade, e abrigámo-nos em uma pobre cabana onde vivia uma mulher, que teria quarenta annos de idade, com duas creanças. O marido parece que estava no campo. Só uma chuva tão copiosa poderia obrigar-nos a ficar n'este logar em que se respirava um ar infecto, que parecia não ter sido renovado havia muito tempo. Tudo n'aquella casa era excessivamente sujo, e as pessoas que a habitavam mais immundas ainda. Eu não podia suster o riso dos tregeitos exquisitos que este espectáculo obrigava a fazer a Simão de Nantua, que

não pôde guardar silencio por muito tempo, e falou á mulher n'estes termos.— Sabeis vós, minha boa senhora, que a vossa casa não é das mais aceiadas, e que vos arriscaes muito a adoecer se não tiverdes mais cuidado no aceio da casa, dos filhos e de vós mesma?— Ah! senhor, diz a mulher, mas para isso era preciso ter os meios convenientes. Vós bem vêdes que somos tão pobres!— Isso é verdade, e eu vos lastimo de todo o coração. Mas entendeis que o aceio seja coisa dispendiosa? Custar-vos-hia dinheiro o ar que deixasseis entrar na vossa casa, ou a agua com que lavasseis os vossos corpos e os vossos moveis? A miseria não pode desculpar a falta de aceio, porque emfim o ar e a agua são coisas que não custam dinheiro. Não sei como podeis viver aqui! Esse desleixo vos custa mesmo mais caro que pensaes, pois é extremamente nocivo á saude, e não era para espantar que tivesse maus resultados, quanto á vossa saude e de vossos filhos. Não ha nada peor do que respirar sempre um ar infecto. Se deixardes cobrir de sordidez e de bichos os vossos corpos, isso será um principio de corrupção de que podem resultar enfermidades mui graves. Vêde como os animaes vão mergulhar-se n'agua para limparem seu corpo; o instincto mesmo os conduz a tomar este cuidado, que é natural e necessario. Entendeis vós que seja coisa boa para a saude a humidade que cobre as paredes da vossa casa?— Ah! senhor, mas como se pode isto evitar?— Como? Não é preciso mais que ter as paredes aceiadas e renovar com frequencia o ar da casa. Bem sei que não con-

seguireis expellir completamente a humidade, mas de certo a diminuireis muito. Tambem a loiga em que se faz a cozinha parece-me que não é lavada muito a miudo, e eu vos advirto que isso é mui perigoso. Olhae para a cara de vossos filhos, e vêde como está cheia de borbulhas! Isso pode augmentar a ponto de se formarem chagas.— Ah meu Deus, que tão difficil é conservar o aceio!— Mas eu vos torno a dizer que não custa nada. Por mais pobre que cada um seja não se deve fazer asqueroso aos olhos dos outros. Na verdade, minha boa senhora, eu vos repito o conselho: tende mais cuidado em tudo o que vos cerca, e ficae certa que achareis n'isso uma casta de commodidade, que ha de suavisar a vossa situação.

Simão de Nantua teria ainda dito mais se não tivesse pressa de sair d'este mau ar, e vendo que a chuva havia cessado, despedimo-nos d'esta pobre gente, e continuámos o nosso caminho.

CAPITULO XX

*Simão de Nantua assiste á festa dos annos
do rei*

Era o dia 25 de agosto quando, pelas nove horas da manhã chegámos a uma terra assás consideravel, e observámos que alli havia grande alvoroço. O repique dos sinos da parochia, a gala dos habitantes, o dis-

vello e alegria com que se procuravam uns aos outros, tudo annunciava que se preparavam para celebrar os annos do rei. Nós concorremos com toda a gente á egreja, e assistimos ao officio divino, de que ficámos edificados. Era facil perceber que as orações dirigidas ao ceo a bem de um filho de S. Luiz partiam do coração. O cura aproveitou-se d'esta circumstancia para fazer aos seus parochianos uma pratica cheia de sabedoria, e em que muito lhes fallava da caridade christã.

«Jesus Christo, lhes dizia, ordena que vos ameis como irmãos, que vos auxilieis uns aos outros, que lastimeis os maus sem os aborrecer, e que perdoeis as offensas. E não é isto mesmo o que vos recomenda tambem esse bom rei a favor do qual hoje vimos implorar a protecção do ceu? Que vos recomenda elle, que vos pede? Que sejaes unidos, e que vos esqueçaes de quaesquer desavenças e motivos d'ellas; que não penseis mais no passado, e vos abraçeis todos como filhos do mesmo pae. Elle não quer que exista inimizade entre seus subditos, dando-vos elle mesmo o exemplo d'esta virtude christã, que manda esquecer as injurias. O seu amor e solidude se estendem igualmente a todos. Elle não distingue diversas castas de francezes: quem faz essa criminosa differença offende a Deus e afflige o coração do rei. É em nome de Deus, e em nome do rei, meus caros parochianos, que eu hoje vos recomendo especialmente a caridade e a união. Esta virtude será para vós uma origem de consolação e de ventura. Quem ha ahi que não tenha necessidade

«de indulgencia e perdão? Porem com que direito o
«pretenderia elle dos outros se elle mesmo recusasse
«perdoar e ser indulgente? Desgraçado aquelle que
«deixa entrar em seu coração o odio e o desejo de
«vingança! Certo que nunca achará amigos, e o evi-
«tarão como um flagello. Sêde bons e caritativos, e
«todos vos amarão. Se houver quem vos ataque, tam-
«bem não faltará quem vos defenda, porque vos pre-
«sumirão dispostos a tomar tambem a defeza dos ou-
«tros. Que somos nós, ou que podemos sem o auxilio
«dos outros? Não necessitamos todos uns dos outros?
«Que seria de nós se nos dilacerassemos em vez de
«nos auxiliarmos reciprocamente? Eu não vos falla-
«rei, meus queridos parochianos, do amor e acata-
«mento que deveis ao vosso legitimo rei. Conheço os
«vossos sentimentos a esse respeito, e mesmo o modo
«porque hoje os manifestaes torna superfluas novas
«exhortações...»

Eu quizera reter bem a pratica do cura para a re-
petir por inteiro, pois continha coisas excellentes, que
a occasião lhe havia inspirado. Fallou um pouco da
legitimidade, e mostrou que é essencial á tranquillidade
do estado adherir a este principio. «Porque em-
«fim, dizia elle, não é verdade que, se a corôa não per-
«tencesse a alguém de direito, seria objecto de uma
«contenda interminavel, e não veriamos senão revolu-
«ções, batalhas e sangue derramado? Isto é bem facil
«de comprehender. Mas se a corôa deve pertencer de
«direito a alguém, não é natural que seja ao her-
«deiro d'aquelle que lhe sustentou o peso? accrescen-
«tava o cura; pois não se deve crêr que o governar

«seja uma doçura. Não ha officio mais pesado, mais «difficil e que mereça mais reconhecimento da parte «dos homens, quando é bem desempenhado.»

Da igreja fomos á praça, onde estava uma especie de pedestal destinado á inauguração do busto do rei. Por cima do pedestal estava disposto um docel de verdura sustentado por grinaldas, de que pendia uma corôa de flôres. O *maire*, official reformado e proprietario da casa de campo que estava mais perto, foi quem fez esta inauguração. O busto foi levado em procissão á roda da povoação, cujas casas estavam todas ornadas de folhagens e bandeiras, e depois foi collocado sobre o pedestal no meio de repetidas acclamações de: *Viva o rei!* Entretanto que Simão de Nantua não achava occasião de fallar, indemnizava-se gritando tambem com todas as forças da sua alma: — *Viva o rei!*

Acabada esta cerimonia, o *maire* convidou os camponezes a irem a uma rua da sua quinta assistir ás carreiras a cavallo e a pé. O premio da carreira a cavallo era um relogio, e o da carreira a pé uma taça de prata. O mesmo vencedor levou ambos os premios, e ninguem d'isso teve ciume, porque cahiu em um rapaz geralmente estimado por suas boas qualidades. O joven vencedor estava louco de contente; este dia era para elle o mais feliz da sua vida, pois recebia das mãos da senhora baroneza, mulher do *maire*, não só os dois premios que havia ganhado, mas tambem uma noiva a quem amava extremosamente.

Existia porém alguma inimizade entre as familias

me da protecção das leis. Essa reunião de vontades para o bem geral seria sem duvida um dos mais bellos e mais nobres caracteres para distinguir uma nação illustrada e generosa.

Emquanto me entregava a estas reflexões, tinha retrocedido insensivelmente, e achava-me na casa de pasto no mesmo momento em que Simão de Nantua acabava de entrar.

CAPITULO XXVI

Simão de Nantua faz callar pessoas maldizentes, e para isso conta-lhes a historia do velho Paradiso

A mesa da casa de pasto estava posta para o jantar. Logo que se assentaram os hospedes puzeram-se a conversar, e parece que conheciam bastante gente em Amiens, porque começaram a dizer mal da terça ou quarta parte d'aquella povoação, e por um modo desapiadado. Por pouco que durante uma tal conversação, nós seriamos informados da chronica escandalosa de toda a cidade. Quanto mais maltratada ficava qualquer pessoa que era objecto d'esta maledicência, mais se ria todo o auditorio, excepto Simão de Nantua que enrugava o seu sobr'olho branco, como é seu costume quando começa a impacientar-se. Até que diz elle:—Quereis, senhores, que vos conte tambem uma historia?

d'estes dois amantes, e por isso recusavam consentir n'esta união, o que constando á baroneza, mandou chamar os paes de um e outro, e disse-lhes: Para que é esse odio que vos desune, e se oppõe á felicidade de vossos filhos? Vamos, meus amigos, o rei não quer que seus subditos se aborreçam uns aos outros. Está chegado o anniversario do seu nascimento, elle deve ser em toda a parte um dia de reconciliação; cumpre que hoje vos congregateis e consintaes que vossos filhos se amem: com essa condição eu me encarrego de os dotar.—Elles não poderam resistir á generosidade da baroneza, o prestaram o requerido consentimento. Chegou enfim o dia de S. Luiz, que devia preencher tantos votos. A noiva camponeza, vestida de cassa branca, e enfeitada com um ramillete de flores de lorangeira, foi apresentada ao noivo, que acabava de ser proclamado vencedor nos jogos publicos. A mesma senhora baroneza tomou as mãos dos noivos e as uniu. Seguiram-se logo acclamações geraes, e não se ouvia por toda a parte senão — *Viva o rei! Viva o sr. maire! Viva a sr.^a baroneza!*

Os jogos foram seguidos de uma dança campestre, que teve logar na praça diante do busto do rei. Os noivos romperam o baile, e a sr.^a baroneza quiz fazer-lhes a honra de dançar com elles uma contradança. Nada houve que perturbasse esta innocente alegria. Um bello sol havia esclarecido este dia de prazer, e quando elle chegou ao momento de desaparecer no horizonte, os seus ultimos raios pararam sobre a imagem do rei para a esclarecer mais vivamente. O primeiro dos espectadores que percebeu isto o fez

notar aos outros, e esta circumstancia excitou novas aclamações, que terminaram a festa.

Nós acabámos de ver, me diz Simão de Nantua, uma amostra do espectáculo que offerecem hoje todas as cidades e povoações do reino. Venturoso o príncipe cujo nome e cuja vida são objectos de alegria e de bençãos, até nas povoações menos notaveis dos seus estados.

XXI

Simão de Nantua explica a um novo jurado (membro do jury) a natureza e importancia de suas funcções.

O desejo de assistirmos á festa do rei nos tinha demorado todo o dia n'esta terra, onde não conheciamos ninguem, nem sabiamos a quem havíamos de pedir hospedagem. Ella porem nos foi offerecida por um bom rendeiro, com quem Simão tinha conversado alguns instantes durante a dança.

Chegando á granja Simão de Nantua disse ao rendeiro que nos hospedava: Que tendes, amigo Morin, que vos dê cuidado; pareceis-me estar pensativo?

Rendeiro Morin. — É verdade, amigo Simão, que tenho alguma coisa que me inquieta.

Simão de Nantua. — Será indiscrição perguntar-vos o que é?

Rendeiro Morin. — Não. É que sou chamado para

jurado no tribunal de Laon. É a primeira vez que isto me succede, e confesso que desejava bem dispensar-me d'isso.

Simão de Nantua. — Dispensar-vos d'isso? E porque? Primeiramente não é possível; mas além d'isso é um dever a que nenhum cidadão honrado deve subtrahir-se. Não sabeis que o julgamento por jurados é uma das prerogativas mais preciosas que nos deu a carta constitucional? Supponhamos que ereis accusado injustamente, n'esse caso não folgarieis bem de ser julgado por homens que fossem vossos eguaes, que não podessem ser guiados pela paixão, pelo interesse, pelo temor, ou emfim adormecidos pela indiferença? Pois bem; como recusarieis vós aos outros esse direito precioso que a lei lhes concede, e que reclamarieis para vós mesmo? Se queremos conservar as nossas boas instituições cumpre sujeitar-nos ás obrigações e encargos, que ellas nos impõem.

Rendeiro Morin. — Meu Deus, vós tendes razão, amigo Simão. Não é o trabalho ou incommodo o que eu temo; mas vós concordareis comigo que é uma coisa terrível dispor de algum modo da vida de um homem; tambem por isso estou quasi determinado a absolver todos os que se apresentarem.

Simão de Nantua. — Ah! sim, n'isso farieis uma boa coisa, e a vossa consciencia deveria ficar bem tranquilla! Isso era nada menos do que faltar ao empenho contrahido, trahir a confiança da justiça, e comprometter a sociedade inteira. Supponhamos, amigo Morin, que por esse modo salvaveis a vida a um malvado, e que, uma vez elle restituído á liberdade,

commettia novos crimes, e assassinava mais algumas pessoas; não serieis vós a verdadeira causa d'esses novos crimes, e desgraças; e a vossa consciencia não vos faria terriveis accusações?

Rendeiro Morin. — O que me dizeis amigo Simão, parece-me de razão. Mas então o que se ha de fazer? Será preciso condemnal-os todos?

Simão de Nantua. — Isso não. Seria outra loucura, ainda peor do que a primeira. Pelo que vos ouço, entendo que vós não sabeis em que consistem as funcções que haveis de desempenhar como jurado.

Rendeiro Morin. — Não sei muito bem, a dizer a verdade.

Simão de Nantua. — N'esse caso, escutae-me. Tomando assento nos bancos do jury, vós vos obrigaeis primeiro do que tudo a ouvir a discussão o mais attentamente possivel, sem alguma prevenção pró ou contra o accusado, e depois a dizer a vossa opinião em consciencia. Por tanto deveis prestar toda a vossa attenção ao depoimento das testemunhas, aos discursos do magistrado accusador, dos defensores dos accusados e do juiz presidente do tribunal. Depois não tendes mais do que responder ás perguntas que vos fizerem os juizes, porque não sois incumbido de proferir a sentença. Perguntar-vos-hão se o accusado é culpado; — se foi culpado com premeditação, ou sem ella; — se o crime foi acompanhado de tal, ou tal circumstancia. A tudo isso respondereis *sim* ou *não*. Se depois do que tiverdes ouvido ficardes convencido que o accusado é culpado, e declarardes o contrario, tornar-vos-heis muito mais culpado do que o reu por

essa iniqua resposta. Se porém tiverdes a menor duvida, se não achardes motivos sufficientes de convicção, deveis responder *não*, porque é melhor expornos a absolver um culpado do que a condemnar um innocente. Então depois de haver posto todos os vossos cuidados em averiguar a verdade, qualquer que seja o resultado do negocio, a vossa tarefa está desempenhada, e podeis dormir descansado. Segundo as declarações do jury, os juizes farão a applicação da lei, e pronunciarão a sentença pela qual o accusado deve ser condemnado ou absolvido.

Rendeiro Morin. — Bem entendo o que me dizeis, amigo Simão; mas nem por isso deixa de ser uma tarefa penosa e capaz de inquietar.

Simão de Nantua. — Penosa, concedo; mas não entendo que deva inquietar um homem honrado. Não é, querido Morin, senão uma missão honrosa, que vós deveis preencher tanto mais escrupulosamente quanto melhor conheceis a sua importancia e difficuldade. Escutae tudo com attenção, procurae liquidar a verdade sem pedir o parecer dos outros membros do jury, porque só o vosso proprio juizo vos deve guiar, e depois direis a vossa opinião, qualquer que seja, sem temor nem fraqueza. D'esta sorte tereis cumprido a obrigação que a lei vos impõe, e não tereis de que vos arguir.

Rendeiro Morin. — Vós me daes algum animo, amigo Simão. Todavia parece-me que não deixarei de sentir uma grande emoção.

Simão de Nantua. — Tambem não vos digo menos d'isso; nem se deveria ter em boa conta aquelle que

fosse julgar o seu semelhante como quem vae á feira. Aquelle que é responsavel pela honra ou pela vida de um homem tem bastante de que se sentir commovido, mas nem por isso se deve deixar dominar d'esse sentimento a ponto de não ver, nem ouvir claramente, porque então desempenharia mal o seu ministerio.

Rendeiro Morin. — Vamos, amigo Simão, procurarei seguir os vossos conselhos, que muito vos agradeço.

Simão de Nantua. — Não vos esqueçaes principalmente que sois chamado a preencher uma obrigação da maior importancia, e que o julgamento por meio do jury é um dos maiores beneficios das nossas modernas instituições.

CAPITULO XXII

Boa lição dada por Simão de Nantua áquelles que crêem em duendes e almas do outro mundo.

Estavamos bem affastados da estrada real em um caminho de atalho quando uma tarde tememos extraviar-nos se de noite houvessemos de continuar o nosso caminho até á primeira povoação. Simão de Nantua me propoz então que parássemos em uma casa solitaria que se avistava a alguma distancia. Fomos portanto lá ter e Simão de Nantua

bateu á porta. — Quem está ahi? diz uma voz tremula que parecia ser a de uma velha. — Amigos, respondemos nós, quereis abrir-nos a porta? — Quem sois vós? — Mercadores de feiras, que pedem pousada. — Isso será certo? — Pois certificaes-vos primeiro pela janella. — A boa mulher olhou com effeito, e desceu para nos abrir a porta.

Esta pequena casa era habitada por um velho camponez, sua mulher, e um filho que teria de vinte a vinte e cinco annos. — Boas noites, minha boa gente, diz Simão de Nantua, podereis agasalhar-nos esta noite em vossa casa? Nós recciamos extraviar-nos por esses atalhos. — De mui boa vontade, disse a velha, pois me pareceis gente honrada, e tambem nos vireis desassombrar esta noite. — Como desassombram! — Sim, mas vós mesmos talvez tereis medo, e eu vos aviso d'isso. — Que quereis dizer? — Vós vereis, vós vereis. — Mas o que é? Haverá ladrões n'este sitio? — Ah! ladrões sim; peor do que ladrões! — Dizei-nos pois o que é? — É a alma do senhor Ricardo!

A isto Simão de Nantua desata uma gargalhada, e apertando as ilhargas, põe-se a rir com todas as suas forças. Aquella boa gente, que nada tinha menos do que vontade de rir, ficou espantada da convulsão de riso do velho Simão, e pouco faltou para crer que a sua grande barriga era a alma do senhor Ricardo, que vinha zombar d'elles. — Não tenhaes medo, lhes digo eu, não tenhaes medo. Bem vêdes que elle não tem ar de ser um espirito. Mas explicaes-nos o que é essa alma, de que acabaes de fallar. — Eu vou explicar-vos isso. Havia n'este sitio um bom vi-

D. J. de S. J.

sinho, e bom cidadão, que se chamava o senhor Ricardo, e fazia muito bem a todos os desgraçados. A morte d'elle aconteceu ha dois mezes, foi uma consternação geral. Fez-se-lhe um vistoso enterro, e toda a gente lhe fez dizer missas pela alma.

Nós porém somos tão pobres que não podémos mandar dizer nem uma missa por alma d'elle, do que tomamos muita pena. Não possuímos mais do que uma pequena terra, e o quintal que podereis ver. Comtudo era melhor que assim mesmo mandassemos dizer missas por alma do senhor Ricardo, a quem devíamos tantas obrigações! Mas por isso a sua alma se indignou contra nós a ponto de que desde a colheita vem todas as noites bater o trigo, e leva quanto póde para dar aos pobres.

Simão de Nantua estava alegre, e continuava a rir com grande escandalo dos nossos hospedes; mas por fim diz-lhes: E como sabeis que é a alma do sr. Ricardo que vem tomar o vosso trigo? — Como o sabemos! pois nós não o ouvimos bater todas as noites? E além d'isso ella nos fallou e disse tudo o que eu acabo de vos repetir. — Ah! minha boa gente, pois vós tendes a singeleza de a acreditar só pelo seu dito? Como é possível que esse grande pateta de vosso filho não tenha chegado mais perto para se certificar do que isso era? — Ah! sim, diz o joven camponez, para me levar com o trigo! Assim era eu asno! — Mas, diz Simão de Nantua, é preciso que vós todos tenhaes perdido o juizo para crerdes que os mortos voltam assim! O que vós julgaes ser alma do outro mundo é de certo um ladrão, que conta com a vossa

cobardia, pois se atreve a vir bater o trigo mesmo em vossa casa. — Com a nossa cobardia? Pois não somos nós os unicos cobardes. Abi está o vizinho Matheus, a quem contámos isto, que nunca ousou passar aqui uma noite para nos desassombrar. — O vizinho Matheus não quiz vir passar aqui uma noite? Quereis vós apostar que é elle quem vos leva o trigo? Pois eu já vos declaro que é elle a alma do sr. Ricardo. E torno a dizer-vos que sois uns loucos em crer que os mortos voltam. Tendes vós em casa uma espingarda? — Sim, senhor. — Bem está; pois dae-m'a, e logo saberemos o que isto é.

Simão de Nantua carrega a espingarda, e vamos ambos pôr-nos de emboscada no angulo da casa, em quanto os nossos tres hospedes estavam tremendo, e nos suppunham perdidos. Eram onze horas quando vimos chegar um vulto envolvido em uma longa camisola por cima de seus vestidos, e na cabeça um grande barrete de papel branco. Com effeito elle começa a separar de um feixe algumas espigas, estendeu-as no chão e põe-se a malhar o trigo. No momento em que elle nos voltava as costas aproximámo-nos d'elle quanto possivel, e Simão de Nantua dispara para o ar a espingarda. A alma espantada dá um grande grito, e cae de costas mais morta do que viva. Caimos logo sobre o ratoneiro, segurámo-lo antes que tornasse a si do medo e levámo-lo para casa. Eis aqui, diz Simão de Nantua, a alma de outro mundo, que vos vinha assustar, e agora se acha tão tremula como vós. — Ah! é o vizinho Matheus! — É elle? Pois que vos tinha eu dito? E ainda acreditareis em almas do ou-

tro mundo? E vós, grande, pateta, disse Simão de Nantua ao rapaz, se ha quinze dias tivesses feito o que eu acabo de fazer agora, ainda terieis em casa todo o trigo que este maroto vos tem roubado. Vêde o que é a superstição e a cobardia. Aquella cega o homem e esta o torna paralytico ou tolhido. Não devemos desconfiar dos mortos, mas sim dos vivos. Como é vergonhoso e desprezível o medo! Ide observar de perto o que vos atemorisa, e as mais das vezes vós mesmos riréis do vosso medo! E vós, sr. Matheus, se não quereis ser entregue á justiça, deveis restituir desde já todo o trigo roubado, e além d'isso uma somma com que esta boa gente possa mandar dizer algumas missas por alma do seu bemfeitor. Mereceis este castigo por todos os motivos e mórmente por terdes feito servir á vossa má acção a memoria de um homem que já não existe. Faltar ao respeito devido aos mortos é um crime.

O vizinho Matheus pediu perdão, e prometeu quanto exigiram d'elle. Deixámo-lo ir, envergonhado e confuso, e cada um se foi deitar em socego até ao dia seguinte, em que tornámos a entrar na estrada, depois de haver recebido os agradecimentos de nossos hospedes, e a promessa de não acreditarem mais em almas do outro mundo, nem em duendes.

CAPITULO XXIII

Simão de Nantua anima ao trabalho pastores indolentes e preguiçosos

Quando nos achámos a alguma distancia da casa, disse-me Simão de Nantua: Pensaes vós que essa gente ficou firme e curada, e não crê mais em almas do outro mundo, ou duendes?—Mas ao menos, respondi eu, parece que receberam uma boa lição sobre este assumpto.—Estaes muito enganado, meu bom companheiro. Não ha doença mais difficil de curar do que o medo: e estou certo que nada era mais facil do que fazer que esta gente tornasse a ver almas do outro mundo e phantasmas.—Entretanto, repliquei eu, é coisa bem vergonhosa ver reinar similhantes superstições ainda agora no seculo em que vivemos!—Certo que isto faz compaixão; e todavia transmittem-se de paes a filhos, nas familias que desprezam a educação. Vêde como esta pobre gente tem aterrado o grande imbecil de seu filho; e como este tem a imaginação cheia de phantasmas e almas do outro mundo. Aposto que, não obstante ser alto e forte, não é capaz de dar quatro passos sem companhia em uma casa ás escuras! Bem quizera eu poder persuadir aos paes que nunca é bom atemorisar os filhos, e empregar um meio tão perigoso para os castigar, ou para os fazer doces. Se se interrogasse a maior parte

dos epilepticos, e dos que padecem convulsões e pesadelos durante o somno, provavelmente diriam que isso vem de lhes haverem mettido sustos na infancia. — Isso é bem verdade, amigo Simão, lhe respondi eu. Pode ainda accrescentar-se que esses terrores inspirados ás creanças são ás vezes capazes de lhes causar a morte. Não ha muito tempo que eu li nos jornaes um caso terrivel. Uma pobre creança a quem sua aia quiz adormecer ameaçando-a de a fazer levar pelo papão ou fradinho da mão furada, tomou tal medo e susto que uma hora depois, quando a aia veio ver se estava dormindo, a infeliz creaturinha já não existia! — Oh meu Deus! replicou Simão de Nantua, se se conhecessem todos os males que pode causar o medo, e como pode tornar o homem acanhado e fraco, os paes não se exporiam com tanta leveza a fazer estupidos ou cobardes os filhos.

Assim conversando chegámos a um lugar onde havia uns pastores que guardavam carneiros. Em quanto o rebanho pastava em meio do rostolho, os dois rapazes que o pastoreavam, e dos quaes o mais velho teria dezeseite annos, estavam deitados debaixo de uma arvore, e parecia que dormitavam. Simão de Nantua approximou-se a elles, e disse-lhes: Parece-me, amigos, que não temeis que o lobo vos leve os carneiros, pois dormis tão descansados. — Oh não ha perigo aqui, disse o mais velho dos rapazes, o lobo não anda por este sitio, e quando apparecesse, o cão nos avisaria. — Embora, diz Simão de Nantua, mas vós não poderieis empregar o vosso tempo de um modo mais util? Parece que a noite é tempo bas-

tante para dormir. Em quanto vós guardaes o vosso rebanho, o que não vos occupa muito, ha muita casta de trabalho em que vos occupasseis. — E que trabalho, sr. mercador? — Se soubesseis ler, poderieis gastar algumas horas em aprender coisas uteis. Ha livros que vos podem ensinar como se trata o gado para se tirar d'elle o maior proveito possivel. Quando chegasseis a saber isso, e que assim augmentasseis o rendimento de vosso amo, elle tambem vos augmentaria a soldada. Alem d'isso tambem poderieis ainda occupar-vos em pequenos artefactos, de que tirasseis algum lucro. Eu já vi pastores como vós, que, mesmo guardando os seus rebanhos, em vez de dormirem como mandriões debaixo de uma arvore, passavam o seu tempo a entrançar a palha para fazer chapeos, e vendiam isso muito bem. Se vós por exemplo tivesseis feito outro tanto eu poderia quando passasse comprar-vos a obra, e isso seria de muita conveniencia para vós. Outros tem habilidade, e divertem-se a fazer brinquedos para creanças, o que se vende muito bem na cidade. Finalmente, havendo boa vontade de trabalhar, de tudo se pode tirar partido. Mas quem se deixa adormecer sem providencia, accorda sem recursos. Se continuardes assim como agora, nunca passareis de guardar rebanhos alheios. Se porém fizerdes como eu vos digo, chegareis algum dia a guardar rebanhos vossos. Ora, isto faz bastante differença, não é assim? Mas tambem é muito differente trabalhar ou não fazer nada. Vós sois moços e não deveis inutilisar as vossas forças. Vireis a ser velhos, e não deveis achar-vos no caso

de perguntar: E porque não fiz eu isto? Acredita-me, meus amigos, mudae de proceder, e passados alguns annos talvez direis: Na verdade o velho Simão nos deu um bom conselho, e bem fizemos nós em o escutar e seguir.

CAPITULO XXIV

*Sabios conselhos de Simão de Nantua a uns eleitores,
que vão para a assembléa eleitoral*

No dia seguinte chegámos a uma grande quinta onde Simão de Nantua parou para ver se tinham necessidade de alguma das mercadorias que elle levava. Eram horas de jantar, e o rendeiro tinha á sua mesa dois amigos. Logo que elle nos avistou, disse para os convidados: Ahi vem um homem, que não será inutil na nossa reunião, e poderá dar-nos sãos conselhos. Bons dias, bom Simão, como vae isso desde o anno passado? Vinde jantar comnosco, e direis a vossa opinião sobre o assumpto que nos occupa. — Com muito gosto, sr. Giraud, bem sabeis que para isso não me faço rogar. Vejamos de que se trata. Dizei-me o vosso negocio.

Rendeiro Giraud. — Has de saber, amigo Simão, que é chegado o tempo das eleições. Estes senhores e eu pagamos as nossas contribuições, e portanto somos eleitores. Temos de ir um dia d'estes á assem-

bléa eleitoral, e estávamos a discutir o que lá fariamos.

Simão de Nantua.—Pois bem; em que qualidade de pessoas quereis vós votar?

Outro rendeiro.—É isso precisamente o que ainda não assentámos. Eis aqui listas que nos enviaram sem sabermos d'onde; e na verdade não conhecemos nenhum d'estes nomes.

Simão de Nantua.—E que necessidade tendes de vos inquietar com essas listas, ou com pessoas que não conheceis? Vós conheceis a gente da vossa terra, e isso é só o que vos é preciso. Deveis saber, entre os proprietarios vossos concidadãos, quaes são aquelles que mais merecem a vossa confiança.

Rendeiro Giraud.—Certamente. Vós tendes razão, amigo Simão: assim mesmo pensava eu. Nós não devemos incumbir dos nossos interesses homens de quem nunca ouvimos fallar.

Simão de Nantua.—Quereis que vos diga quaes são os homens em quem deveis votar? Se tendes na vossa terra algum proprietario, que seja homem de bem, e conhecido por amante da sua patria; que tenha mostrado firmeza em tempos difficeis; que seja dotado de um character prudente e pacifico; que passe por ter um entendimento illustrado; esse é que deve ser encarregado dos vossos interesses, pois estareis seguros de que elle os defenderá bem. Sabeis vós avaliar o bello direito que vos concede a carta, de elegerdes vós mesmos os homens que devem fazer as leis a quem deveis obedecer? Isto vos segura que os impostos nunca serão mais pesados do que o exigirem as ne-

cessidades do estado, e não excederão as vossas forças relativas. Ha gente que despreza a faculdade de ir á assembléa eleitoral usar d'este precioso direito. Isso são cidadãos indifferentes ao bem geral, e até aos seus proprios interesses. Eu observo com muito gosto que vós não sois d'esse numero, senhores, e que pensaes seriamente n'este importante objecto. Mas, como ha pouco vos dizia, é muito essencial fazer boas escolhas. Cumpre evitar por exemplo essas cabeças turbulentas, que só acham a sua felicidade na agitação e no movimento continuo. Os indifferentes e descuidados não valem mais, pois as funcções de deputado exigem zelo, attenção e amor á causa publica. Eu vos repetirei o que dizia o anno passado aos meus compatriotas de Nantua. Ide, meus amigos, á assembléa eleitoral; a lei vos chama alli para desempenhardes um dever de cidadãos. Mas attentae bem no que ides fazer. Não vos deixeis lograr pelos intrigantes. Deveis saber melhor do que os outros o que vos convém, tendes olhos e ouvidos para observar a gente: assim deliberae por vós mesmos segundo o que tiverdes observado. Que vos é preciso para defender vossos direitos? Homens que conheçam bem as vossas precisões e os vossos recursos; que sejam dedicados ao bem geral, e não sacrifiquem os vossos interesses aos seus. Escolhei esses, e fareis bom serviço á patria e ao rei, que não quer senão o vosso bem, e faz consistir a sua ventura em vos fazer felizes. Elle vos deu uma constituição, e disse-vos: *Eis ahi os vossos direitos, conhecei-os e abraçae-os: eis ahi os vossos deveres, conhecei-os e guar-*

dae-os. Tudo isto se contém na carta; a isto nos devemos limitar. Quando todos os francezes conhecerem a constituição do seu paiz para a amar e defender, então os francezes serão grandes e poderosos.

Rendeiro Giraud.—Dizeis muito bem, amigo Simão, e nós todos pensamos do mesmo modo.—Eu bem sabia que nos havieis de dar bons conselhos. Ha muito tempo que nos conhecemos, e, graças a Deus, temos aprendido comvosco muitas coisas uteis.

Simão de Nantua.—É certo que temos visto muito; mas tudo nos deve ensinar a sermos prudentes, e fazer todos os sacrificios possiveis para conservar-mos uma tranquillidade preciosa. Não é isto assim senhores?

Rendeiro Giraud.—Ah! vós tendes muita razão. Depois do que temos ouvido ao amigo Simão, eu seria de parecer que votassemos no sr. G.

Outro rendeiro.—Era exactamente o que eu ia propor-vos.

Terceiro rendeiro.—Pois seja o sr. G.; porque é homem que passa por ter merecimento; e estamos certos que é honrado.

Rendeiro Giraud.—Na verdade, amigo Simão, é pena que não sejaes candidato pois ereis vós a quem eu daria o meu voto.

Simão de Nantua.—Pois bem, em todo o caso podeis ficar certo que não o darieis a um mau francez.

CAPITULO XXV

Reflexões do companheiro de Simão de Nantua sobre o respeito devido aos monumentos publicos

Tenho-vos feito esperar muito, queridos leitores, para chegar a Amiens. Mas enfim chegámos a este lugar, que é cabeça do departamento do Somme, e fomos alojados em uma casa onde, rente da rua havia uma especie de casa de pasto. Enquanto Simão de Nantua fazia as suas digressões, eu fui ver a cidade, que não conhecia, e a cathedral, de que tinha ouvido fallar como de um monumento magnifico. Demorei-me pois a contemplar este bello edificio tão bem conservado, e que não soffreu o mais leve insulto na época em que se destruíam tão boas coisas. Este espectáculo fez nascer no meu espirito uma serio de reflexões, que me levaram a conceber uma opinião mui favoravel da sabedoria dos habitantes de Amiens. Tanto me afflige ver mutilar os monumentos publicos que são propriedade nacional, quanto me parece honroso e digno de um povo illustrado respeitar e fazer preservar de qualquer ultrage esses mesmos monumentos, que attestam ao mesmo tempo a gloria, a riqueza, e o genio de uma nação. Se os estragos causados pelo tempo offerecem um triste espectáculo, ao menos n'isso mesmo ha uma mistura de sublime e respeitoso, que inspira gosto de o

contemplar; mas a destruição produzida pela mão dos homens não tem nada que seja bello; tudo ahi é feio. Não basta que o tempo mine as nossas fragéis obras? havemos ainda em cima apressar a sua acção? Ponhamos antes todo o nosso cuidado em reparar o mal que fazem os seus golpes. Emquanto novos monumentos se levantam para perpetuar a memoria do genio da nossa idade, honremos e conservemos os antigos testemunhos do genio de nossos paes, cuja gloria é nossa herança. O nosso paiz é rico em monumentos de magnificencia nacional e utilidade publica. Os estrangeiros vem contemplar estas admiraveis propriedades, e prestar homenagem ao povo que as creou. Por isso temos sido admirados até pelos nossos inimigos. Que pensariam estes de nós se vissem que as abandonamos, e até mesmo as mutilamos? Vigie pois cada cidadão na conservação dos monumentos do seu paiz e de todas as propriedades publicas; ajude com a sua vigilancia a da autoridade protectora, e dê principalmente o exemplo de respeito e honra a tudo o que pertence ao estado. Conservem-se em bom estado as estradas que estabelecem uma preciosa communicação entre os diversos pontos do reino. Não temam os habitantes do campo consagrar alguns instantes a esses trabalhos de utilidade geral, de que elles mesmos hão de colher o fructo. Sejam objecto de especial cuidado os canaes que unem os nossos rios, e de que o commercio tira tanto proveito. Finalmente tudo o que é bello, grande e util se torne inviolavel e seja posto debaixo da guarda, respeito e zelo publico, assim co-

A esta subita proposição toda a assembléa que ainda não o tinha ouvido fallar manifestou a sua curiosidade, e se dispoz para dar-lhe attenção.

HISTORIA DO VELHO PARADISO

Havia na minha terra, diz Simão de Nantua um homem chamado o velho Paradiso. Este bom homem, que era mui caritativo não podia soffrer que se dissesse mal dos outros, e defendia sempre com bastante zelo os auzentes de quem ouvia dizer mal. Entendia elle que a maledicencia era coisa feia e perigosa, e dizia: Quem sabe se aquelles que assim fallam dos outros diante de mim, fallarão de mim do mesmo modo diante dos outros? Ninguem se pode fiar em um maldizente, por ser homem que não é amigo de ninguem, e para quem nada ha sagrado. É para sentir que aquelles que tem este defeito encontrem pessoas que os escutem, e lhes achem graça no que dizem. Mas, por mais que o velho Paradiso discorresse, nem por isso havia menós maldizentes que achassem ouvintes. Ora como elle se affligia com isto, e tudo o que dizia era perdido, tomou o partido de se callar, e fechar os olhos como se estivesse dormindo, sempre que ouvia fallar mal de alguém. No cabo de certo tempo já dormia deveras quando começavam a murmurar diante d'elle. Isto soube-se por toda a parte, e o somno do velho Paradiso chegou a passar em proverbio, de maneira que quando se ouvia um discurso maldizente, dizia-se: *É capaz de fazer dormir o velho Paradiso.*

Aconteceu um dia que o cura da parochia fez um sermão ou pratica sobre o Evangelho, que dizia: O diabo tentou Nosso Senhor, e offereceu-lhe tudo o que pudesse ver desde o cume da montanha, com tanto que quizesse dobrar o joelho ao tentador. Ao sair da igreja muitas pessoas se tinham assentado debaixo de uma arvore para conversarem, e entre ellas estava tambem o velho Paradiso. Tratava-se do sermão que acabava de prégar o padre cura, eis que um dos circumstantes diz:—«Era preciso que Satanaz fosse bem estúpido quando se dirigiu a Nosso Senhor para o tentar. Tudo o que Satanaz offereceu pertencia a Nosso Senhor e não a elle, e deveria pensar que isso não poderia tentar a Deus, porque este não se deixa enganar.»—Todos acharam a reflexão acertada, e cada um repetia que era preciso que Satanaz fosse bem estúpido. O velho Paradiso não dizia palavra, baixava os olhos e estava quasi a dormir, quando o primeiro que havia fallado o tirou pelo braço, e disse-lhe: E vós, amigo Paradiso, que dizeis a este respeito? Satanaz não vos parece bem estúpido?—Mas o velho Paradiso, esfregando os olhos, responde: E quem vos disse isso? Talvez elle não soubesse com quem fallava.—Então gritou toda a assembléa: Ora eis ahi o amigo Paradiso tomando tambem a defeza do diabo.—Sim, diz o bom homem, para que é dizer mal d'elle? Vós dirieis mal de um anjo do mesmo modo, se se offerecesse a occasião, porque as vossas linguas não respeitam nada. ✕

Simão de Nantua calou-se, e tomou todo o ar de outro velho Paradiso. Os convidados, que bem tinham

comprehendido o que queria dizer a sua historia, olharam uns para os outros, e todos em silencio ficaram por alguns instantes como retidos por uma especie de vergonha. A conversação começou de novo, mas sobre outros objectos. Abstiveram-se de murmurar enquanto nós alli estavamos; porém creio que se indemnisiariam depois que saímos, porque a maledicencia é um dos vicios de mais difficil cura.

CAPITULO XXVII

Simão de Nantua ora ao povo sobre a necessidade de pagar exactamente os impostos

O primeiro lugar onde nos demorámos depois de deixarmos Amiens, é uma pequena povoação de que não direi o nome, por me aproveitar da lição que nos deu o velho Paradiso no capitulo antecedente. Atravessávamos a principal rua d'esta pequena povoação, quando vimos muita gente apinhada junto a um annuncio, que se acabava de affixar. Como tanta gente não podia chegar ao mesmo tempo, e todos estavam impacientes de saber qual era o objecto do annuncio, pediram áquelle que estava mais perto que lesse em voz alta. Nós tambem parámos para escutar, e ouvimos o seguinte:

O maire da municipalidade de... previne os habitantes d'esta terra, que, havendo-se muitos d'elles

descuidado de pagar a importancia de suas contribuições, se lhes concede para effectuar este pagamento o prazo de quinze dias, passado o qual, aquelles que não estiverem correntes serão executados na conformidade das leis.

A estas palavras seguiu-se uma pequena murmurção na assembléa, e em todos os rostos estava pintado o azedume. Ouvia-se mesmo algumas vozes dizerem: *Eu não posso pagar.... Apenas tenho o que me é indispensavel.... O pão está caro.*

Simão de Nantua não pôde conter-se; e depois de fazer signal que queria fallar, dirigiu ao povo o seguinte discurso:

Oh meus amigos! Eis ahi uma coisa bem estranha, e que não vi ainda em parte nenhuma. Vós não quereis pagar as contribuições! Pois bem; façam todos o mesmo, e ficaremos bem aproveitados. Para fazer rir á vossa custa aquelles que vos querem mal, não podeis fazer nada melhor. Só os maus cidadãos, a má gente, podem recusar o pagamento das contribuições. Sim, maus cidadãos, porque não lhes importa as necessidades do estado; má gente, porque falta a uma obrigação por ella mesma contrahida. Isto parece espantar-vos; entretanto é uma verdade. Não tendes vós eleito os deputados, e não lhe haveis dado a vossa confiança para defenderem os vossos interesses? Não vos compromettestes a sustentar o que elles fizessem em vosso nome? Pois bem. Quem votou e consentiu nos impostos? Foram os vossos procuradores, os vossos deputados, porque viram que isso era absolutamente necessario para o bem do es-

tado. E então recusaes pagar? Desobedeceis á lei feita por aquelles mesmos que vós encarregasteis de a fazer? Bem vedes que isto não é razão, nem prudencia, nem probidade. Se o governo vos lançasse taxas arbitrarias, eu vos desculparia que murmurasseis. Mas o governo não o faz, nem o pode fazer. Lá está a carta constitucional, que segura os vossos direitos e propriedades. Mas para que ella os segure sempre, é mister que vós mesmos comeceis por lhes obedecer. Quereis que os estrangeiros digam que não sois dignos de ter uma constituição livre, nem boas leis, porque não sabeis sujeitar-vos ao que ellas determinam? Ora pois, não vos esqueçaes a esse ponto de que sois francezes. Dir-me-heis que os tempos vão contrarios, e que haveis soffrido muito. Bem sei isso; mas para chegardes a um melhor estado de coisas é preciso resignar-vos a soffrer mais algum tempo com coragem. E depois de haverdes murmurado e lidado muito, que se seguirá d'ahi? Perder muito tempo, e por fim pagar; pois quem falla em nome da lei é sempre mais forte do que aquelle que a desconhece. O tempo perdido vos custará mais caro do que as contribuições, pois o dinheiro pode recuperar-se, mas o tempo não se recupera. Cumpre economisal-o ainda mais do que a bolsa. O trabalho e a industria são os unicos remedios para curar a miseria, e quem é activo e cuidadoso não tem que receiar a penuria. Não é pela desesperação que vencereis a difficuldade, pois a desesperação augmenta as dividas, e o trabalho paga-as. Quem primeiro começa a trabalhar primeiro se desempenha. Tende confiança em Deus,

que vos ha de ajudar, meus amigos; obedeci á lei, trabalhae com fervor, e vivei com prudente economia. Bem depressa conhecereis que os vossos encargos não são tão pesados como pensaes, e achareis que tendes mais força de que é necessaria para os cumprir. Quando tiverdes pago as vossas dividas, sereis ricos. Verdadeiro pobre é sómente aquelle que diz: Nada do que possuo é meu. Quem não deve anda com a sua cara descoberta, vae a toda a parte, e olha para toda a gente sem ter de baixar os olhos. Para isto não é preciso muito, porque o homem que dá dois réis do que é seu, é mais rico do que aquelle que toma dez mil réis emprestados. Não basta saber como se adquire, cumpre tambem saber poupar, pois toda a despeza é grande quando não é necessaria. Costuma-se dizer: *Isto é quasi nada, eu posso fazer esta despeza*. Mas não é assim, porque o pouco repetido torna-se muito. Por mais pequeno que seja um buraco, se o vinho passa, o tonel será esgotado. Se vós tivesses pensado bem n'isto, terieis a somma necessaria para pagar a importancia da vossa contribuição, e não murmurarieis por haver de pagar a bem da vossa patria o que ella vos pede; ella vos protege e defende, e por isso mesmo tem direito a exigir o vosso soccorro. Aquelles que lh'o negam são filhos ingratos, que não merecem ser felizes e abençoados pelo ceo. — Eis aqui o que eu tinha que vos dizer, meus amigos. Acredita-me. Tenho visto muito, mas nunca vi que se ganhasse alguma coisa em ser sedicioso ou rebelde.

Esta dissertação, que Simão de Nantua pronun-

ciou com energia, mas sempre com a sua bondade ordinaria, pareceu fazer viva impressão sobre o povo, que se dispersou tranquillamente e sem murmurar mais. Taes são em quaesquer circumstancias o ascendente e a superioridade d'aquelle que falla em nome da religião e das leis.

CAPITULO XXVIII

Simão de Nantua discorre contra a falta de respeito devido aos mortos

Nós faziamos caminho por Elbeuf, onde Simão de Nantua queria renovar o seu sortimento de pannos. Passando por uma pequena povoação encontrámos o acompanhamento de um enterro. Era elle composto de muitos camponezes, e entre elles vinham dois rapazes vestidos de luto, que pelo seu ar triste e chorooso nos pareceram ser filhos do defunto. Parámos, e tirámos respeitosaemente os nossos chapéus, em quanto o prestito se encaminhava á igreja. Simão de Nantua, querendo saber quem era o fallecido, dirigiu-se a um homem que acompanhava o cadaver mas com o chapéu na cabeça. É, diz o homem, um rendeiro d'esta municipalidade, cuja morte não é grande perda.—Comtudo, diz Simão de Nantua, parece que tinha amigos, e a sua morte é mui sentida, porque vejo muita gente assistir ao seu enterro.—Isso é pos-

sivel; mas quanto a mim não tenho pena. Era um mau homem com quem eu andava em litigio. A sua morte dá-me algum respiro, pois que seus filhos são menores, e a demanda não irá depressa.—Ah! é por isso que vos alegraes com a morte d'esse homem, e não tiraes o chapéu no seu enterro, como fazem os outros? Isso amigo, não me dá boa opinião do vosso direito no litigio de que fallaes; e quando isso constar, poderá prejudicar-vos no conceito dos juizes. É grande cobardia injuriar a memoria dos mortos, pois que elles não podem defender-se, nem justificar-se. Em todos os tempos foi um dever sagrado fazer as ultimas honras áquelles que deixaram de existir, ainda mesmo que houvessem sido nossos inimigos. Quem falta a este dever não tem alma assaz elevada, nem muito bom coração. Eu aposto que vós tendes menos amigos n'esta terra do que tinha o finado, e não gozaes de grande consideração. — Deixal-o, diz o camponez com mau modo: cada um faz o que entende.—Embora, diz Simão de Nantua; mas tambem cada um é estimado segundo o seu merecimento e suas acções.

Depois d'isto deixámos o homem, e ficámos conversando Simão de Nantua e eu. Bem quizera, me diz elle, que désapparecesse d'entre nós todo o vestigio de irreverencia nos funeraes. Ainda existem em algumas terras de França usos barbaros, que seriam proprios de uma nação selvagem. Um dia percorrendo pelas montanhas dos departamentos ou provincias do Rhone e do Loire achei-me em uma povoação onde davam á sepultura um dos habitantes. As exequias ti-

veram logar como cumpria em tudo, salvo em que o caixão por economia tinha de menos duas tabuas, cuja falta deixava perceber o corpo mal accommodado. Quando o caixão desceu á cova viu-se que era demasiado estreita, e eu desviei os olhos com horror ao ver o coveiro descer a esse buraco, saltar sobre o caixão, e dar-lhe grandes pontapés para o fazer entrar á força. Mas tudo isto ainda não é nada. Apenas se acabou a cerimonia, os assistentes foram todos de chusma á taberna para beberem e celebrarem a memoria do morto. O filho mais velho foi constrangido a ir com elles, ser testemunha de uma especie de orgia, e beber tambem chorando á memoria de seu pae ou á sua saude. Um tão escandaloso espectaculo revoltou-me a ponto que não pude esconder o horror que me inspirava, e disse francamente o meu modo de pensar a este respeito, como sabeis que é meu costume. Todos se puzeram a rir da minha indignação, excepto o pobre moço filho do defuncto, cujos olhos pareciam agradecerem-me a compaixão que eu mostrava ter do seu tormento. Um velho, mais prudente e asisado do que os outros, chegou-se a mim, e disse-me: Que quereis vós? é uso antigo do paiz. A familia do morto paga todas estas despezas, e se o recusasse fazer, isso seria olhado como ultraje á memoria d'aquelle que acaba de perder.—E disse eu, bem estranho modo de mostrar o respeito por um morto, embriagarem-se sobre a sua sepultura! Por mais antigo que seja este uso, nem por isso é menos barbaro e revoltante, e já era tempo de acabarem tão vergonhosos prejuizos.

CAPITULO XXIX

Simão de Nantua tem um encontro do qual se mostra que os golosos são castigados pela mesma gula.

A narração de Simão de Nantua foi interrompida por um singular encontro que tivemos e nos assustou muito, ainda que talvez faça rir muita gente, porque ha pessoas, que se riem de ver os outros em tortura, o que não é nem humanidade nem polidez. Nós percebemos á beira da estrada um rapaz e uma rapariga, ambos com as cabeças encostadas a uma arvore, fazendo esforços terriveis para vomitarem. Estava no chão uma pequena caixa azul.—Que tendes vós pobres crianças? lhes diz Simão de Nantua chegando-se a elles. — Ah! senhor, acudi-me, exclama a rapariga, estou morta, estou envenenada! — Envenenada! oh! meu Deus! e como foi isso? Que vos aconteceu?—Sim, sim envenenada. —E eu tambem, diz o rapaz, ella é que teve a culpa por ser gulosa.—Ora se te parece, diz a rapariga, torna-me a culpa como se tu não fosses tão culpado como eu!

O rapaz queria responder, mas o vomitorio, que continuava a obrar efficazmente não o deixava falar. Depois de havermos acudido a um e outro, e quando enfim estavam mais alliviados do seu padecimento Simão de Nantua lhes perguntou: Que é o que vos aconteceu? que tem esta caixa? — O veneno, diz o rapaz; o pateta do boticario certamente se

enganou. — Fallaes de um boticario, vejamos o que isto é. Mas vós já podeis conhecer que não estaes envenenados. — Estaes bem certo d'isso, senhor? — Sim, sim; socegae, e contaes-nos o que vos aconteceuu.

— Devo dizer-vos, senhor, continuou o rapaz, que nós moramos em uma pequena casa d'aqui meia legua com nossa mãe, que já não é moça, e muitas vezes está doente. Hontem achou-se ella mui indisposta, a cada momento se suffocava. O doutor Bonin, medico da terra, lhe fez uma receita que nem nós, nem mais ninguem em casa soube lêr. Mas elle nos disse que, levando-a ao boticario do logar vizinho, nos daria o que era mister. Minha irmã e eu partimos esta manhã para lá, e ficou em casa nossa irmã mais pequena com minha mãe para tratar d'ella. Chegando a casa do boticario, leu este a receita, e deu-nos esta caixa azul cheia de pastilhas brancas, similhantes a assucar. Era eu quem as trazia, e nós voltavamos socegradamente para casa quando minha irmã me disse: — Ó João, sabes tu que isso que está na caixa me parece bem bom? — Ah! disse eu, talvez seja alguma droga bem má. — Oh não! Às vezes ha coisas bem boas em casa do boticario, e aposto que isto é excellente. — Parece-te que sim? — Eu apostaria. — Queres tu provar? — E se se perceber? — Diremos que a caixa não estava cheia. Oh! isto parece bem bom! — Tudo isto fez que eu tambem tivesse desejo de provar; então abro a caixa, e cada um de nós comeu uma pastilha. Minha irmã achou-a excellente; a mim pareceu-me algum tanto amarga a

primeira, mas depois achei as outras menos más. Finalmente ambos commemos metade das pastilhas da caixa. Um instante depois minha irmã me disse que estava mal do estomago. Eu sentia o mesmo incommodo, mas não ousava dizel-o. Finalmente foi forçoso confessal-o, quando já não era possivel retêr o vomito. Ambos sentimos o effeito ao mesmo tempo, e eis-nos aqui encostados a esta arvore com ancias terriveis. Haveria talvez uma hora que soffriamos e nos julgavamos envenenados por engano do boticario, quando vós chegasteis, e a vossa presença nos tranquillizou alguma coisa. — Meu irmão lá arranja isso como lhe parece, diz a rapariga; mas, senhores, eu vos affirmo que elle tinha tanto appetite como eu, só com a differença que não ousava ser o primeiro que o confessasse. — Bem vejo, diz Simão de Nantua, que não têm menos culpa um do que outro, porque vosso irmão, por ser mais velho, devia ter mais juizo, e não se deixar tentar. Mas emfim, ambos estaes castigados do vosso erro. Vêde o que é a gula; ella vos fez commetter muitos desatinos, e esquecer-vos de coisas importantes. Não advertisteis que vossa pobre mãe estava doente e esperava pelo remedio; não pensasteis que a caixa inteira seria precisa para a curar, e tivesteis idéa de mentir se se percebesse que faltava alguma coisa na caixa. Ora de que vos serviu cair n'essa tentação? Comesteis pastilhas, que não eram muito boas, e vos fizeram soffrer muito. A gula é como os outros vicios, isto é, encarrega-se de castigar aquelles que se deixam seduzir por ella. Isto não é mais do que um vomitorio, e não causa espanto

que vos incommodasse alguma coisa. Mas se fordes gulosos podereis adoecer até com as coisas mais saudáveis, porque as tomareis sem moderação, e o excesso até mesmo nas coisas boas produz sempre effeitos nocivos. O que lisongeia o paladar, muitas vezes dilacera o estomago. Quem se entrega sem moderação ao que seduz e tenta os sentidos, expõe-se a sofrer physicamente, e vem a saude a pagar as dividas da sensualidade. Seria uma loucura esperar que, por serdes moços e sadios, isso haja de durar sempre. Se não resistirdes ao attractivo dos sentidos, envelhecereis antes de tempo. Quando apenas contardes trinta annos, o vosso estomago já terá sessenta. Talvez mesmo a vossa paixão possa custar-vos a vida; porque se vos acontecesse ter entre as mãos algum veneno que não conhecesseis, poderieis tentar-vos com elle, como hoje vos aconteceu com as pastilhas. Recordo-me de ter visto um moço mui guloso, a quem um engano similhante foi funesto. Nunca via alguma coisa que lhe parecesse boa para comer, que não a provasse. Esta disposição lhe tinha feito commetter muitas indiscrições e imprudencias; finalmente elle veiu a ser victima d'ellas. Achando um dia uns pós brancos embrulhados n'um papel, entendeu que seria assucar, ou outra coisa boa, e comeu... Era arsenico! Poucos instantes depois foi atacado por colicas e convulsões terriveis. Como se ignorava a causa do mal, não se lhe pôde ministrar socorro algum, e expirou poucas horas depois com dôres espantosas. Possa servir-vos de lição este exemplo e mesmo o que acaba de vos acontecer, meus fi-

lhos. A gula é um vicio mui baixo e perigoso. de que só se pode esperar enfermidade e vergonha. Agora, que estaes melhor, ide depressa levar essa caixa a vossa mãe. Eu desejo que esse medicamento sirva ao mesmo tempo para curar vossa mãe da sua moléstia, e a vós de uma disposição que vos pode ser fructuosa. Adeus, meus filhos.

CAPITULO XXX

Simão de Nantua encontra um fabricante seu conhecido, que acabava de fazer uma viagem por toda a França.

Entrando em Elbeuf chegou-se a nós um mancebo bem parecido, o qual diz a Simão de Nantua:— Vós por aqui, senhor Simão, quanto folgo de vos ver! — Oh! és tu, meu pobre Claudio, e que fazes por esta terra? Terás deixado a serralheria para trabalhos em pannos?— Não, mas faço o meu giro por toda a França, e agora mesmo vou a Ruão. Tomára já voltar a Lyon, por que então tomarei a loja, e meu pae descancará.— Parece-me isso muito bem, e eu te felicito por essa disposição. Tens já corrido muitas terras?— Não poucas. Comecei pelo sul.— Está bem; tu me contarás isso com mais vagar. Onde estás alojado? Eu desejára ficar perto de ti.— Trabalho em casa de um serralheiro da terra, durante os

oito dias que hei de demorar-me aqui. Lá perto ha uma casa de pasto. — Pois bem, leva-nos a essa casa de pasto.

— Este moço, diz Simão de Nantua voltando-se para mim, é um habil official de serralheiro, e faz muito bem em seguir este officio, porque seu pae tem boa reputação na serralheria, ganhou o premio estabelecido para quem inventasse a melhor e a mais segura fechadura. Lisongêa-me isto porque ainda não se sabe se Claudio esteja estabelecido em Lyon, a qual é a patria natural de Nantua, e portanto meu patricio. Embarquei este rapagão no tempo em que ainda era moda embalar as crianças. — Ora amigo Claudio, visto que estamos já estabelecidos em nossa casa, contanos agora alguma coisa dos teus negocios.

— Vós sabeis, sr. Simão, diz o mancebo, que os operarios em Lyon se associaram para se socorrerem uns aos outros, em caso de molestia ou falta de trabalho, comtanto que não seja por culpa d'elles. Isso concorre para se estabelecer entre elles muito boa intelligencia e união. Quando algum camarada tem de ir viajar por todá a França, não o deixam partir sem o irem acompanhar até uma ou duas leguas, cantando, e desejando-lhe boa viagem. Isto me aconteceu a mim, assim como aos outros. Com um livrinho na algibeira, o operario viajante está certo que ha de ser bem recebido em toda a parte, e achar que fazer pelo seu officio em todos os logares onde se apresentar; e, Deus louvado, a mim nunca me faltou. Saindo de Lyon comecei a minha digressão pelo sul; vi todas as grandes cidades, Avinhão, Marselha, Nimes, Mont-

pellier, Tolosa, Bordeos, etc., e em cada uma d'ellas trabalhei. Tambem poderia dizer-vos que encontrei camaradas que não sabiam muito do seu officio, e cuja comprehensão ou talento não alcançava muito longe. Isso mesmo me foi util, porque dizia commigo mesmo: não os imitemos, porque isso me faria tanto mal como a elles. Cumpre aproveitar assim o mau como o bom exemplo, e as tolices dos outros podem ser-nos tão uteis como os seus acertos. É por isso que me abstive sempre de imitar aquelles que, chegando a uma terra, se divertem farejando por aqui por alli, em vez de procurarem obra, e trabalharem pelo seu officio. Observei que saindo da sua terra aprendiam exactamente tudo aquillo de que não tinham necessidade, e pouco do que deveriam aprender. Abstinha-me tambem de fazer como outros, que apenas ganhavam algum dinheiro corriam a dispendel-o em divertimentos. Vendo isto eu dizia commigo mesmo: — Claudio, toma cuidado em ti: tu folgarias tanto como outro qualquer de te divertires, mas não é para isso que aqui vieste: acabado o passatempo, e olhando para a bolsa, não gostarás de a ver vasia. É uma loucura gastar dinheiro em comprar um arrependimento. Quando isso acontece não se dorme tão bem, trabalha pois, em vez de te divertires, e terás o prazer de não te faltar o necessario. Poupano alguma coisa, ainda que aconteça adoceres na jornada, não serás obrigado a ir para o hospital. Discorrendo d'esta sorte, sr. Simão, creio ter evitado muitos despropositos, que teria feito se reflectisse menos. Além disso lembrava-me de meu pae, já velho, que

me viu partir cheio de confiança, e esperando que eu volte para me entregar o seu estabelecimento, e elle poder descansar. De tudo isto resultou que a minha bolsa está bem provida, e eu prevenido para as necessidades. Até mesmo tive a satisfação de poder prestar algum serviço a muitos dos meus camaradas que não tinham tido a mesma precaução. Hoje sei bem o meu officio, e além de me ter exercitado em trabalhar o melhor possível em todos os generos de serralheria tenho adquirido conhecimento das terras que fornecem as melhores qualidades de ferro, o meio de as conseguir, o seu valor; e a vantagem de uma sobre outra qualidade segundo as obras a que são applicadas. Pareceu-me que todos estes conhecimentos me seriam uteis para a pratica do meu officio e creio agora que os possuo. Tenho tido a fortuna de ser bem acolhido e bem tratado nas officinas onde tenho trabalho, e não receiarei mostrar os meus attestados no fim do meu giro pela França. Agora, na volta para a minha terra, sinto-me bem contente. Olhae, tio Simão, um giro pela França é uma boa coisa; aprende-se muito, e hoje sei muitas coisas uteis que nunca saberia se não tivesse saído da minha terra.

Tudo o que acabas de dizer, amigo Claudio, me dá grande gosto, diz Simão de Nantua. Sempre fiz conceito de ti, que serias um bom moço, e vejo que não me enganei. — Em verdade, sr. Simão, devo confessar-vos que muitas vezes me tenho lembrado dos vossos principios, e se acertei alguma vez, foi recordando-me de certas maximas que vos tinha ouvido. — Pois bem, meu bom Claudio, tanto melhor. Eu

tenho consolação de haver concorrido ao menos em parte para a tua felicidade. Olha lá, quando vires teu pae não deixes de lhe dizer que encontraste o seu velho amigo Simão de Nantua, que sempre o ama de todo o coração, e não voltará a Nantua sem passar por Lyon para o abraçar.

CAPITULO XXXI

Simão de Nantua discorre ácerca da inveja, e sustenta que o invejoso não enriquece, nem engorda.

Havendo deixado Elbeuf para irmos ao porto de Honfleur, onde se faz um commercio consideravel em rendas, Simão de Nantua se demorou na passagem, em uma grande povoação onde costumava vender da fazenda que levava a mercadores alli estabelecidos. Entrou pois em casa de um conhecido para lhe fazer os seus offerecimentos. Este mercador tinha muito mau gesto: os olhos eram encovados, as faces chupadas, a côr amarella, o corpo magro, e sobre tudo um ar sombrio e carrancudo. — Criado do senhor Thibaud, diz Simão de Nantua. — Bom dia, senhor Simão, responde o mercador com azedume. — Hoje não precisaes de nada? — Não. — Como assim, senhor Thibaud? Porventura os negocios não vão como quereis? — Podeis retirar-vos, ide a casa d'esse velhaco de Parneau; elle vos comprará; elle sim;

porque vende. — Mas porque lhe chamaes velhaco? sempre me pareceu homem honrado. — Ah! não é por meios honestos que se ganha tanto dinheiro como elle tem. — Pois eu entendia, senhor Thibaud, que a probidade era um boa meio para adquirir boa reputação e que uma boa reputação ajudava, e contribuia muito para fazer negocio. — Isso poderá ser; mas Parneau nem por isso deixa de ser velhaco, porque pouco a pouco me leva todos os meus freguezes. — Ah! eis ahí o que vos custa, senhor Thibaud. Mas se quereis dar-me credito, reflecteis que não é dizendo mal de Parneau que podereis attrahir os freguezes. Talvez seja o meio de os afugentar mais depressa. — Deixal-o; para mim é o mesmo, eu sempre direi a quem o quizer ouvir, que Parneau é um velhaco. — Senhor Thibaud, se me daes licença, dir-vos-hei que vi em alguma parte um caso mui semelhante ao vosso. Havia em uma pequena povoação um mercador, que fazia bom negocio, porque era o unico no seu ramo, mas o consumo da terra era assaz forte para dois ou tres mercadores do mesmo trafico poderem fazer fortuna. Isto fez que outro sujeito viesse alli estabelecer-se. Desagradou isto muito ao primeiro mercador, e começou a dizer muito mal do seu collega; o seu modo era tão azedo que fazia fugir os freguezes; a inveja lhe saía pelos olhos; em pouco tempo emmagreceu, e se fez pallido de desesperação, finalmente elle proprio veio a ser a causa da sua ruina. A sua loja foi abandonada, porque elle dizia mal de toda a gente, e demais observou-se que tudo o que

dizia do seu rival era calúnia. Chegou a ponto de não continuar o seu commercio; liquidou pois os seus fundos e retirou-se passando a loja a um successor. Este porém houve-se bem differentemente. Elle mesmo propoz ao outro mercador sociedade em alguns negocios; recebia os freguezes com um ar ameno e risonho, no seu commercio e em tudo procedia como homem de bem. Logo os seus negocios foram tão felizes como os do seu collega, e ambos fizeram uma fortuna consideravel. Entretanto o invejoso no seu retiro emmagrecia, e cada vez se tornava mais amarello, pois a inveja é uma terrivel molestia. A felicidade dos dois mercadores era para elle um supplicio; não podia ouvir fallar n'isto sem sentir um accesso de raiva; parece que tinha n'alma um bicho que o devorava. Este modo de existir odioso e repugnante affastava d'elle toda a gente, não tinha ninguem com quem desabafasse o desespero que o ralava. Finalmente as coisas chegaram a ponto que lhe era preciso esconder-se de envergonhado, pois logo que apparecia apontavam-n'o dizendo: *Eis alli o invejoso*. Eu não vos applico isto, senhor Thibaud, bem sei que não podeis parecer-vos com o homem de quem fallo; mas é sómente para -vos mostrar que se ganha mais em conservar a harmonia com os collegas do que alimantar ciumes e descreditos entre si. Porventura não é justo que toda a gente viva? Havendo dois logares porque ha de ser occupado um só? A industria é um campo que pertence a todos; e qualquer tem direito de o cultivar. Não se deve querer tudo para si. Quem começa por abarcar tudo, acaba por ver que

lhe levam tudo. Quem se afflige com a prosperidade dos outros merece a sua propria ruina. O tempo que empregamos em contrariar as vantagens dos outros é perdido para os nossos interesses, e a mortificação que isso nos causa deteriora a nossa saude. Não ha invejoso rico, sadio, e que viva muitos annos, porque a inveja é uma lima que gasta e destroe ao mesmo tempo o corpo e a alma.— Se não tendes mais nada que me dizer, interrompe Thibaud, fazei-me o gosto, senhor Simão de levar os vossos fardos a casa do senhor Parneau, porque já vos disse que não quero nada d'elles.— Ahi vou, ahi vou, senhor Thibaud, não vos enfadeis; muito me afflige achar-vos tão doente.

— A molestia está assaz adiantada, diz Simão, quando nos retirava-mos, e com o tom de medico que augura mal do doente; a molestia está adiantada em demasia, e já não tem cura!

CAPITULO XXXII

Simão de Nantua faz conhecer as vantagens do novo systema de pesos e medidas

Então, continuou Simão de Nantua, não é bem triste o espectáculo que vos mostrei? Quanto a mim parece-me tão afflictivo que me fez adoecer. Vamos d'aqui a casa de Parneau, e ahi vereis um homem bem differente d'aquelle que deixámos.

Com effeito achámos este honrado mercador em uma pequena mas bonita loja sobremaneira limpa e arranjada, e que parecia bem sortida. Recebeu-nos graciosamente, com um ar de alegria e polidez que parecia ser-lhe habitual.

Eu venho de casa do senhor Thibaud, diz Simão de Nantua. — Ah! ah! e fizestes algum negocio com elle? — Não. — Tanto peor; pois sei que se queixa, e tenho pena que o seu commercio não vá bem. Esse pobre homem diz mal de mim; mas eu nem por isso lhe quero mal, e de todo o coração o lastimo de ser tão invejoso como é. Mas o que lhe se lhe ha de fazer? — Folgo bem de vos ouvir fallar d'essa maneira, senhor Parneau. — Oh meu Deus! isto é bem natural. E vós, amigo Simão, trazeis-nos alguma novidade?

Então puzeram-se a conversar ácerca de negocio, e o meu companheiro vendeu n'esta loja uma grande quantidade de sua fazenda. Entretanto ouvimos uma disputa mui renhida em casa do visinho, que era tendeiro. Os que passavam paravam, e nós tambem tivemos a curiosidade de ir ver qual era a causa e o assumpto da contenda.

Em casa do tendeiro estava um homem encolerizado queixando-se de ter sido enganado no peso em uma grande quantidade de mercadorias que havia comprado. Dizia elle: eu paguei por esse preço na supposição que a libra ou arratel era de dezesseis onças. Certamente não pagaria tão caro se soubesse que a libra não tinha mais de quatorze onças. — E eu, respondia o tendeiro, tambem não a daria por esse preço se soubesse que a libra era de dezesseis

onças. Toda a gente sabe que sou homem de verdade, e não engano ninguém, entendeis vós? — Vós devíeis prevenir-me. — E vós devíeis saber o que fazíeis; — Na minha provincia sei qual é o uso, mas, não sou obrigado a saber os usos da vossa provincia. Entretanto louvo-me no que disserem estes senhores. — Tambem eu.

Senhores, diz Simão de Nantua, é evidente que o negocio que fizestes não pode ser valido, porque houve mutua falta de explicação. Mas este caso deve fazer-vos conhecer o mal que fazeis a vós mesmos obstinando-vos a usar dos antigos pesos e medidas, que o governo aboliu. Já vêdes o que resulta. Quando se imaginou estabelecer um systema uniforme de pesos e medidas em toda a França foi porque se conheceu o inconveniente da diversidade de medidas que havia no antigo systema de uma provincia para outra. Basta ter senso commum para comprehender quanto é mais comodo e facil usar em toda a parte dos mesmos pesos e das mesmas medidas. Qual é pois a causa de haver ainda quem prefira o antigo systema apesar de ser tão inconveniente? Eu a digo: é porque por uma parte os mercadores não querem dar-se ao trabalho de aprenderem o novo, e por outra parte os consumidores imaginam que não estando a isso costumados podem facilmente ser enganados pelos vendedores, que não forem homens de verdade. Nem uns nem outros teem razão. Primeiramente, senhores, os vendedores não podem negar que teriam muito menos trabalho em aprender o novo systema do que tem todos os dias em fazer os calcu-

los e reduções que exige o antigo. Não ha nada tão simples como as novas divisões, que todas se fundam no systema decimal. De certo é muito mais facil e mais prompto calcular grammas, hectogrammas, e kilogrammas, do que arrateis, onças, oitavas, escropulos, etc. Dir-me-heis que não entendeis nada d'esses nomes; mas eu creio que elles não são mais difficeis para a memoria do que os outros. Porque é mais estranha a palavra *metro* do que a palavra *vára*? Todas estas questões teriam logar se pelo contrario se tratasse de substituir as antigas medidas ás novas. Quanto aos compradores ou consumidores que receiam ser enganados, o que acabamos de observar bastaria para lhes provar até que ponto elles se enganam se se persuadem que são menos expostos comprando libras do que kilogrammas, meias canadas em vez de litros. Se cada um quizesse fazer o que convém para se adoptar geralmente o novo systema metrico, de certo todos ganhariam muito n'isso. Eu estou persuadido que com o andar do tempo o antigo systema ha de desaparecer totalmente; mas para que é privar-nos entretanto da utilidade que se poderia conseguir facil e promptamente? Oxalá que o caso que faz o objecto d'esta disputa sirva de lição a todos os circumstantes; e com isto, senhores, vos deixo e creio que na resolução de desfazerdes o vosso negocio.

CAPITULO XXXIII

Simão de Nantua é testemunha de um caso nocturno em que se mostram os funestos effeitos da colera

Nós não chegámos a Honfleur senão á noite, e bem fatigados. Portanto procurámos primeiro que tudo uma pousada e camas. Havia quasi duas horas que dormiamos a somno solto, quando acordámos espavoridos aos gritos que pareciam partir de um quarto vizinho. Levantámo-nos pois á pressa, para nos informarmos do que isto era. A porta do quarto estava aberta. Simão de Nantua entrou sem cerimonia, e logo foi seguido de muitas pessoas, que assim como nós acudiram ao ruido. Achámos então um homem enfurecido, que com uma das mãos agarrava pelos cabellos uma mulher, e tinha na outra o resto de uma cadeira com que espancava duramente esta infeliz. A mulher pedia soccorro com todas as suas forças, e aos seus gritos se juntavam os de um filho pequeno, que abraçava a perna do furioso pai e procurava afastal-o. A primeira coisa que fizemos, foi arrancar a victima das mãos d'aquelle louco, cuja colera parecia crescer pelo mesmo obstaculo que a nossa presença oppunha á sua acção brutal.—Explicae-me diz Simão de Nantua, o que quer dizer toda esta bulha?—Quer dizer, responde a mulher em lagrimas, que eu sou uma infeliz obrigada a viver com um furioso como

aquelle, e vós me farieis muito melhor serviço deixando que elle acabasse de me matar.

Entretanto o marido espumava de raiva, e proferia pragas medonhas.

Imaginae, diz a mulher, o que será soffrer um homem n'este estado duas ou tres vezes por semana, e isto por bagatellas! por exemplo, hoje foi por que percebeu que eu, sem lhe dizer nada, tinha posto em reserva algum dinheiro, afim de que elle o não gastasse inutilmente.

Isto é escandaloso, diz Simão de Nantua, não ha espectáculo mais afflictivo do que uma familia em desordem, nem paixão mais funesta do que a colera. Vejam se este homem não é bem semelhante a um bruto feroz? Por ora nada se pode fazer d'elle. Livremos de seu furor estas duas creaturas para que não sejam victimas, e deixemol-o entregue aos seus vergonhosos arrebatamentos.

O parecer de Simão de Nantua foi seguido. Fecharam o homem no seu quarto e deram outro quarto para a mulher e para a creança. Estes diversos incidentes produziram tal transtorno no cerebro do malvado, e tanto exaltaram a sua colera, que os seus orgãos não tiveram força para resistir a um tão rude abalo. Na manhã seguinte acharam-no estendido na cama desfallecido, balbuciando palavras sem conexão, e com todos os symptomas de ataque cerebral. Todos os soccorros foram inuteis, elle expirou no mesmo dia.

Este successo causou grande sensação na casa de pasto. A mulher do infeliz offereceu o exemplo bem

edificante de uma dôr sincera na morte de seu marido. — Era meu marido e pae do meu filho, dizia ella, eu não podia aborrecel-o.

Simão de Nantua parecia profundamente affectado, e dizia: Oxalá que Deus tenha lançado olhos de misericordia sobre este infeliz. Podesse um raio de luz esclarecer os seus derradeiros instantes, e dar logar ao arrependimento. Oh! paixão terrível que pode dar a morte, sem deixar tempo a que o homem se reconcilie com Deus! Oremos por este desgraçado, e desejemos que o fim terrível que elle teve se torne um exemplo pavoroso e saudavel para todos os homens inclinados á colera. A colera, esse feio vicio que faz esquecer o christão dos seus deveres n'esta vida, e de que ha outra depois d'esta.

Simão de Nantua era sobremaneira humano, e não podia ficar indifferente á sorte da viuva e do pequeno orphão. Esta mulher era natural de Valenciennes, onde antes de casar se empregava em fazer rendas. Offereceu-se portanto Simão de Nantua para lhe procurar trabalho na officina de um fabricante em Honfleur. A pobre viuva não sabia como havia de mostrar o seu reconhecimento ao meu companheiro. Depois que vivia com o seu terrível marido parecia ter perdido todas as suas faculdades! As scenas frequentes a que estava exposta tinham-na de algum modo tornado incapaz de fallar e de obrar. Logo porém que foi restituída á sua liberdade recuperou tudo o que a sua infeliz posição lhe havia feito perder. Simão de Nantua não deixou Honfleur sem lhe conseguir meios de subsistir e de educar seu filho. Re-

commendou-lhe porém primeiro que tudo a educação de seu filho; que lhe inspirasse o amor e temor de Deus; que lhe dêsse o exemplo das virtudes christãs, e que o fizesse aprender um officio que podesse assegurar-lhe a independencia.

CAPITULO XXXIV

Simão de Nantua vae á igreja, canta no côro, e ouve o sermão do cura, que reconheceu ser um seu antigo amigo.

Os leitores certamente se lembram de que eu disse, no primeiro capitulo d'este livro, que Simão de Nantua havia sido destinado para o estado ecclesiastico, e fizera em outro tempo alguns estudos. N'esse tempo tinha conhecido muitos rapazes que estudavam com elle, alguns dos quaes haviam entrado no serviço da igreja. Eu quiz recordar esta circumstancia, para que os leitores não se espantassem do que aconteceu ao meu companheiro de viagem, em uma povoação onde parámos, na distancia de algumas leguas de Honfleur. Era um domingo pouco antes da hora da missa. N'estes dias, Simão de Nantua nunca deixava de ir á igreja, no logar onde se achava. Fomos juntos. Á porta da igreja estavam alguns aldeãos a conversar. Simão de Nantua lhes fez algumas perguntas e entre outras, como se chamava o sr. cura.

—Ah! é um homem bem digno: chama-se o sr. Hilario.—O sr. Hilario! E sabeis de que terra é natural?—De Bourg, no departamento de l'Ain.—Oh! exclamou Simão, onde está elle? onde está elle?—Na sacristia o achareis.—Simão corre logo á sacristia, e eu o acompanho.—Senhor cura, lhe diz, ainda vos lembraes de Simão de Nantua, que teve a honra de ser vosso condiscipulo no latim?—Sim, é verdade bem me lembro.—Pois eil-o-aqui, sou eu mesmo, sr. Hilario.—É possível!...—Sou eu mesmo que, ouvindo o vosso nome, quiz vir logo offerecer-vos o meu respeito.—Eu folgo muito de vos tornar a ver, meu querido Simão, e muitas vezes tenho desejado saber o que era feito de vós. Temos muito que dizer, mas são horas da missa. Ah! meu Deus, dizei-me: ainda sabeis cantar? Podereis fazer-me um serviço?—Sim, senhor cura.—É porque o meu cantor está hoje doente. Quereis vós fazer-me o gosto de o substituir?—De muito boa vontade.

Simão de Nantua, embiocado em uma sobrepeliz, vae para a estante do côro, e começa a cantar com uma voz capaz de partir a abobada. Eu nunca o tinha visto desempenhar taes funcções, e fiquei pasmado do seu talento. Mas o que me deu um prazer extraordinario foi o sermão do bom cura, do que vos referirei ao menos algumas passagens.

«Jesus Christo, dizia elle, quando a S. Pedro que tornasse a embainhar a espada, e disse-lhe que quem ferisse com ferro, com ferro morreria. Comprehendeis vós, meus irmãos, todo o sentido d'estas palavras? Ellas não significam sómente que a es-

«pada vingará o mal que tiver feito a espada. O
«ferro aqui é a imagem do vicio e das paixões. O
«nosso Divino Mestre quiz dar uma lição a todos os
«homens, e ensinar-lhes que os vicios são castigados
«pelos mesmos vicios, e as paixões escondem debaixo
«de um veu seductor um veneno que mata. *Aquelle*
«*que fere com ferro morrerá pelo ferro*: isto é, o or-
«gulhoso será humilhado pelo triumpho dos outros; o
«invejoso será dilacerado pela desesperação que lhe
«causará a fortuna alheia. *Aquelle que fere com fer-*
«*ro morrerá pelo ferro*: isto é, o maldizente vi-
«rá a ser o objecto do odio e desprezo que tiver
«procurado attrahir sobre seu semelhante; o avaro
«perecerá de miseria por haver negado o seu super-
«fluo ao infeliz. *Aquelle que fere com ferro morrerá*
«*pelo ferro*: isto é, o homem que se entrega á pre-
«guiça soffrerá privações, o que se entrega á intem-
«perança perecerá victima da sua devassidão; quem
«se entregar á colera merecerá a indignação de Deus
«e dos homens; quem gostar de vingar-se attrahirá
«sobre si a vingança do ceo e da terra. *Aquelle que*
«*fere com ferro morrerá pelo ferro*: isto é, aquelle
«que opprimir, tambem lhe chegará a sua vez de ser
«opprimido; quem não tiver soccorrido o seu simi-
«lhante quando o viu soffrer, tambem quando elle
«mesmo se vir em necessidade, de ninguem receberá
«auxilio; quem aborrecer os homens será aborrecido
«por elles; quem perseguir, será perseguido. Eis
«aqui, meus irmãos, o que o Senhor quiz dizer ao
«apostolo n'estas palavras. Já vêdes quantas verda-
«des terriveis se contém em tão poucas palavras! En-

«tretanto aqui mesmo se podem descobrir outras tantas consolações, pois se o vicio castiga o vicio, tambem a virtude recompensa a virtude. Lembrae-vos de que se fordes humildes sereis exaltados; se fordes caritativos, achareis indulgencia, soccorro e protecção da parte de vossos irmãos. Amae o vosso proximo, se quereis ser d'elle amado. Dae e soccorrei a quem necessita, na certeza que, se chegardes a precisar, tornareis a achar esse capital de beneficencia e caridade que tiverdes assim empregado. Sêde sobrios e castos, e conservareis a saude e as forças. Guardae-vos da mentira e da maledicencia; tomae a defeza dos que são offendidos, e se acontecer que vós o sejaes um dia, não vos faltará quem vos defenda. Não façaes mal a ninguem, nem ainda mesmo ao vosso inimigo, antes fazei-lhe todo o bem que vos fôr possivel. Então estareis contentes de vós mesmos, o vosso somno será pacifico; respirareis livremente; os homens vos estimarão, e Deus vos recompensará. Tudo o que eu vos digo, meus irmãos, não é mais do que repetir o que vos diz Jesus Christo Nosso Senhor. Elle quiz participar das nossas miserias, e a sua vida é o exemplo de todas as virtudes. Sendo perseguido, pedia a seu eterno Pae que perdoasse aos seus perseguidores, como elle mesmo lhes perdoava. Imitae pois o nosso Salvador, meus irmãos, e sereis ditosos cá na terra, esperando a felicidade que vos está destinada lá no ceu, por toda a eternidade.»

Acabada a pratica, em que o cura disse outras muitas coisas boas que não pude reter na memoria,

cu examinava a cara de Simão de Nantua. Parecia encantado do que acabava de ouvir; o seu ar era pensativo, e como quem revolvia no espirito alguma coisa importante. Saberemos o que era, se lermos o capitulo seguinte.

CAPITULO XXXV

Simão de Nantua janta em companhia em casa do cura, e para provar com factos a verdade do que disse o prégador, conta uma historia.

Depois da missa o bom cura nos convidou para nos acharmos no presbyterio. Espero, disse elle a Simão de Nantua, que me fareis a fineza de jantar e dormir em minha casa. O meu companheiro tinha tido tanto prazer em tornar a vêr o sr. Hilario, que era impossivel esquivar-se ao convite, e portanto accitou. Simão de Nantua preencheu ainda outra vez as funcções de cantor, e entoou as vespervas.

O cura costumava receber no presbyterio ao domingo de tarde alguns habitantes da sua parochia, aos quaes dava por essa occasião instrucções religiosas e moraes. N'esse dia se juntaram algumas pessoas com quem nós concorreremos, e fallou-se do sermão ou pratica que o cura tinha feito pela manhã.

Ah! senhor cura, que bella pratica! exclamou Simão de Nantua. Vós dissesteis grandes verdades, de

que seria facil fazer applicação. A vossa pratica me fez lembrar uma historia, de que eu fui quasi testemunha, e offerece um exemplo bem notavel do vicio castigado pelo vicio, e da virtude recompensada pela virtude.

Cura.—Será por acaso a historia dos dois irmãos Marcel?

Simão de Nantua.—Precisamente. Por ventura os terieis vós conhecido?

Cura.—Pois não! Não ha mais de sete ou oito annos que eu vi o bom Luiz estabelecido na sua linda quinta. Esta manhã quando prégava pensava n'elle.

Simão de Nantua.—Tambem eu quando vos escutava. Mas se ha oito annos que não tornasteis a vêr o Luiz, não conheceis ainda todas as suas prosperidades.

Cura.—Seria bom que nos contasseis essa historia, amigo Simão.

Simão de Nantua.—Pois sim, mas isso levaria muito tempo.

Um velho camponez.—Tanto melhor, sr. Simão; se quereis ter essa condescendencia dar-nos-heis a todos muito gosto.

Simão de Nantua.—De muito boa vontade, senhores, satisfarei o vosso desejo.

Juntaram-se todos em redor de Simão de Nantua, e este depois de tossir e esfregar a testa, fallou n'estes termos.

HISTORIA DOS DOIS IRMÃOS MARCEL

Não vos persuadeaes meus bons amigos, que eu vou contar-vos um conto. É uma historia verdadeira, e a prova d'isso é que o senhor cura e eu conhecemos as pessoas de que vos fallarei. Escutae-me pois, e tirae proveito do que ouvirdes. O comportamento dos outros deve ensinar-nos a regular o nosso. Se virmos cair um homem, devemos cuidar em não pôr o pé no lugar onde elle pôz o seu, por que é escorregadio; se porém virmos que vae direito e firme, podemos segui-lo, porque vae por bom caminho. Não vos direi mais nada a este respeito: eis aqui a minha historia.

Havia em uma pequena povoação do departamento dos Altos-Alpes um pobre homem chamado Marcel. Este homem enviuvou cedo, e sua mulher deixou-lhe dois filhos pequenos. O mais velho chamava-se Jeronymo, e o mais moço chamava-se Luiz. Marcel tinha juizo, mas faltava-lhe instrucção, e sentia muito não poder dar educação a seus filhos, por não ter posses para o fazer. Quanto elle seria feliz hoje podendo envia-los ás escolas onde a instrucção é gratuita! Mas n'aquella epoca não as havia em bastante numero para que a povoação onde vivia Marcel pudesse possuir uma. Não podendo pois dar instrucção a seus filhos, ao menos procurava inspirar-lhes principios de piedade e virtude. Todavia como elle não podia occupal-os todo o dia com estas instrucções, era facil á ociosidade e á dissipação destruirem promptamente a sua obra.

Jeronymo era extravagante; andava todo o dia com os rapazes vagabundos da terra, ia com elles saltar os muros dos jardins, e roubar as fructas, de maneira que já por estas estravagancias tinha sido mui reprehendido por seu pae. Por desenfado entre-tinha-se em maltratar os animaes. Um dos seus passatempos era espancar os cães e os gatos, ou quebrar as pernas dos patos e gallinhas ás pedradas. Todas estas más disposições se fortificaram n'elle pelo habito, e já era facil antever que viria a ser um homem de mau procedimento.

Não era assim Luiz: os discursos de seu pae faziam uma impressão mais forte no coração d'este rapaz, ainda que mais moço. Luiz algumas vezes tomava a liberdade de fazer increpações a seu irmão quando o via praticar alguma acção má, ainda que essas advertencias lhe custassem algumas pancadas. O character de Luiz era naturalmente alegre; comtudo tinha momentos de tristeza causados pelo desgosto de se achar ignorante e sem meios de instruir-se. A força de procurar o modo de sair d'este embaraço, veio-lhe uma idéa em que logo se fixou. Vae pois a casa do cura, e diz-lhe: Senhor cura eu sou bem infeliz! — Mas porque, meu filho? Pois eu tinha ouvido dizer que creis um bom rapaz, e muito melhor do que vosso irmão — Oh Senhor cura, meu irmão é bom rapaz ainda que um pouco estouvado. — O que vos mortifica pois? — É não saber ler. Oh! Senhor cura, se vós me ensinasseis a ler... eu vos faria todo o serviço que pudesse.

O cura ficou attonito, e encantado d'esta rogativa,

feita por um rapaz tão novo e conjecturou que elle viria a ser um homem distincto. De boa vontade annuiu ao seu desejo ; e eis o nosso Luiz indo todos os dias a casa do cura tomar a sua lição. Não lhe foi preciso muito tempo para saber ler, porque tinha boas disposições, e estudava quanto podia. O cura tomou-lhe amisade, e quiz continuar a sua educação. Ensinou-lhe successivamente a escrever e a contar, e um pouco de latim, de geographia e de historia. É escusado dizer que Luiz era perfeitamente instruido ao mesmo tempo nas verdades da religião christã, e tinha grande piedade e devoção.

Entretanto Jeronymo zombava da assiduidade com que seu irmão lhe fallava de aprender alguma coisa. Os defeitos de Jeronymo á medida que elle crescia tornavam-se vicios. Na idade de quatorze annos já era temido e detestado na terra, e não fazia convivencia senão com tres ou quatro individuos, que não eram melhores do que elle.

Quando os dois irmãos chegaram á idade de quinze ou dezesseis annos, o pae os chamou, e disse-lhes : Meus queridos filhos, vós ambos estaes em idade de procurar fortuna. Eu não posso ajudar-vos a adquiril-a, pois sabeis quanto me custa a subsistir. Aqui tendes quarenta e oito francos, que apenas pude poupar para vos dar. Dou metade a cada um e é quanto vos posso fazer. Ide com isso á cidade, procurae em que trabalhar e ganhar dinheiro, e dai-me noticias vossas. Tu, meu caro Luiz, espero que sairás bem. Eu devo grande obrigação ao Senhor cura pela instrucção que te deu : com ella te acharás em toda a

parte, e poderás abrir caminho de um modo ou de outro. Mas tu, meu pobre Jeronymo, fico com bastante cuidado em ti. Tu poderias ter feito como teu irmão, e também merecer o favor do Senhor cura; mas não quizeste, preferiste entregar-te á ociosidade e á dissipação: receio bem que tenhas motivo de te arrependeres! Finalmente o meu coração fará os mesmos votos por ambos. Ide meus filhos e sede felizes.

O bom Marcel abraçou seus filhos, e involuntariamente apertou Luiz com um movimento mais terno. Durante esta scena chegou o cura. O pobre Luiz lançou-se-lhe nos braços, sem poder fallar nem exprimir o seu reconhecimento senão com lagrimas. Jeronymo também chorou, e sentiu uma verdadeira emoção; tanto é verdade que até mesmo os corações mais depravados não podem esquivar-se ao tributo que a natureza reclama. Finalmente os dois irmãos se apartaram da companhia de seu pae e do bom cura, que ambos os seguiram com os olhos até ós perderem de vista.

Luiz caminhava em profunda tristeza. Jeronymo também tomou por algum tempo um ar pensativo; mas logo se recobrou, e foi o primeiro que rompeu o silencio dizendo a seu irmão: nós vamos a Lyon, não é assim? — Sim: e que projectas ahí fazer? — Não sei nada. — Todavia é forçoso pensar n'isso. — A occasião me determinará; terei tempo de cuidar n'isso quando se me tiver acabado o dinheiro. — Isso não tardará muito, meu pobre Jeronymo; eu li não sei onde que os rapazes e os insensatos entendem que vinte annos e vinte moedas nunca se acabam. — Ah

meu irmão, dispensa-me dos teus sermões, faz-me esse favor.—Pois bem, Jeronymo, eu não direi mais nada.

Havendo caminhado todo o dia os nossos dois viajantes, chegaram no fim da tarde a uma estalagem com tenção de ahi pernoitarem. Estavam na distancia de quasi doze leguas de Lyon, e esperavam lá chegar no dia seguinte, ou no outro.

Na estalagem havia muitas pessoas, e entre estas Jeronymo notou um furriel, que ia para a guarnição de Grenoble. Este moço não tinha boas qualidades, e por isso lhe não foi difficil ganhar logo a affeição de Jeronymo, pois diz o proverbio:— O semelhante facilmente se junta ao semelhante. —Passado um quarto de hora são ambos amigos, contam reciprocamente os seus negocios como sujeitos que logo ao primeiro golpe de vista reconheceram não valer mais um do que o outro. O furriel sabendo que Jeronymo tinha vinte e quatro francos na algibeira, lambia os beiços. Era elle um velhaco muito mais esperto do que o seu novo amigo, e na guarnição tinha aprendido todas as gatunices do jogo. Diz elle a Jeronymo que tambem tem dinheiro, e convida-o a jogar. Jeronymo não era homem que se esquivasse a tal convite; e assim como os loucos e insensatos, que não duvidam de nada, imaginou logo vêr os seus fundos dobrados, e a sua bolsa provida de modo que nunca podesse achar-se vazia.

O prudente Luiz que tinha ouvido o convite assustou-se. Quiz fazer uma reflexão a seu irmão, porém foi recebido muito grosseiramente, e portanto obrigado a calar-se.

Eis aqui pois os nossos dois jogadores em acção. Jeronymo em poucos lances perdeu os seus vinte e quatro francos e por tanto ficou privado de todo o recurso. Emprestas-me dinheiro, diz elle a Luiz, para recuperar o que acabo de perder? — Não, respondeu Luiz com firmeza; tu não quizestes escutar as minhas observações, tambem deves achar bom que eu seja surdo á tua rogativa, e guarde o meu dinheiro.

A amizade do furriel para com Jeronymo esfriou notavelmente desde que percebeu que Jeronymo não tinha mais real. Deixou-o, desejando-lhe boa noite e boa sorte para o futuro, e foi-se deitar.

Quando os dois irmãos se acharam sós, Luiz disse a Jeronymo: Meu amigo, vejo que nós não podemos viver juntos. Os nossos gostos e inclinações não são conformes, e nunca se poderão ajustar. Nós nos incomodariamos reciprocamente, portanto é melhor que nos separemos, e cada um vá para sua parte procurar fortuna. Tu perdeste o dinheiro que tinhas por não quereses seguir o meu conselho; eu nem por isso quero deixar-te sem recurso algum no momento de nos separarmos. Dos meus vinte e quatro francos pagarei a despeza de ambos n'esta casa, e repartiremos o resto como bons irmãos. Depois nos despediremos.

Esta resolução agradou muito a Jeronymo, que a acceitou, agradecendo friamente a seu bom irmão a sua generosa acção.

Como Luiz tinha proposto se executou, e ao romper da manhã os dois rapazes se abraçaram, e cada um seguiu por differente estrada.

Ora qual dos dois quereis, senhores, que nós sigamos primeiro?

— Eu creio, diz o cura, que é melhor desembaraçar-nos immediatamente de Jeronymo, porque prevejo que elle ha de acabar mal.

— Pois bem, diz Simão de Nantua, vejamos o que foi feito de Jeronymo.

CAPITULO XXXVI

Continuação da historia dos dois irmãos Marcel.

— Mau comportamento e fim tragico de Jeronymo.

Jeronymo, que não perdia de vista o seu furriel, continúa Simão de Nantua; e esperava sempre tirar partido d'elle, abandonou o projecto de ir a Lyon, e tomou o caminho de Grenoble, caminhando devagar, para dar tempo a que o furriel o podesse alcançar. Este não tardou muito, e vinha com o seu sacco ás costas cantando alegremente. — Ah! por aqui, camarada? Então que fazeis? Eu suppunha que ti-nheis seguido a estrada de Lyon. — Mudei de idéa, meu amigo; e quero ir convosco a Grenoble para servir no vosso regimento. — Devéras? pois bem; tanto melhor. Vós sois patusco, e eu gosto d'isso. Oh nós iremos bem de camaradagem. Já que isso é assim, vamos, e eu vos apresentarei ao meu capitão.

Eil-os que caminham juntos, e chegam a Grenoble. Jeronymo é apresentado e lhe assentam praça. Veste o uniforme, toma a espingarda, e começa a fazer exercicios. Nos primeiros dias tudo foi muito bem. Jeronymo tinha recebido o soldo, e demais havia ganhado um pouco de dinheiro ao jogo com alguns de seus camaradas, de sorte que não pensava senão em se divertir com esse dinheiro, e não lhe importava mais nada. Promptamente distinguiu e escolheu para conviver como seus amigos os peiores soldados do regimento. Quando não estava de serviço frequentava com elles as tabernas e más sociedades, e não se recolhia ao quartel senão quando tinha grande precisão de se deitar.

Isto não podia durar muito tempo. O bom humor de Jeronymo começou a diminuir com os seus fundos, e quando viu a bolsa vazia nada o fazia rir. — Oh! não é isto o que eu queria. Para me divertir é que assentei praça. Não duvido fazer o exercicio e entrar de guarda, mas com a condição que poderei divertir-me; aliás mando ao diabo a arma e a farda.

Jeronymo, como sabeis, tinha-se acostumado a achar licitos todos os meios de satisfazer os seus appetites. Ora n'estas circumstancias, sem se dar ao trabalho de averiguar se para ter dinheiro não havia outro expediente senão o de roubar, pensou que este era o mais simples e o mais commodo, e determinou-se a empregal-o sem o menor escrupulo. Todavia fez uma reflexão, a qual prova que não era totalmente desprovido de prudencia. — Vou roubar os meus camaradas, diz elle; mas se isto se descobre

serei prezo e fuzilado, e não é isto o que eu quero. Em verdade que, tudo bem considerado, o officio de soldado não me convém muito; façamos pois um pequeno mealheiro e desertemos.

Uma vez tomada esta resolução, só cuidou de a levar a effeito, e eis aqui como. Tinha notado que alguns soldados haviam juntado dinheiro, ou por economias, ou empregando-se na cidade em diversos trabalhos nos dias em que não estavam de serviço. Todos os bons soldados tinham uma pequena reserva de dinheiro guardada na mochila. Os maus porém diziam que os outros eram avaros, e portanto Jeronymo pensou que mereciam a peça que lhes ia pregar.

Fingiu-se pois indisposto uma manhã para não ir com os outros ao exercicio. Durante a ausencia d'elles passa revista ás mochilas, ajunta uma somma de cincoenta escudos (ou cento e cincoenta francos), sae do quartel, vae trocar o seu uniforme por uma veste parda, e deixa Grenoble, tomando caminhos transversaes para que o não apanhem.

Caminhou sempre com a maior velocidade, e muitas vezes ficou ao relento por não querer expor-se a ser preso nos logares onde pedisse agasalho. Tendo viajado por dez dias de um modo tão incommodo, chegou a uma grande cidade, que lhe disseram ser Chalons-sur-Saone. Resolveu demorar-se ahi: pareceu-lhe que estaria tão seguro como em outra qualquer parte, e que assim como tinha escapado até alli não teria mais que temer. Com effeito parecia coisa milagrosa haver escapado ás diligencias da guarda

da policia, que não costuma gracejar com os desertores; e Jeronymo era já não só desertor, mas ladrão. Este successo o animou, e projectou continuar um officio que achava lucrativo, e lhe parecia mui agradável. Não advertiu o insensato que os olhos da justiça estão sempre abertos sobre a gente d'esta classe; que se uma ou outra vez se escapa á sua vigilancia, por fim se descobre, e é mister d'essa vez pagar por todas.

Foi-lhe preciso começar a sustentar-se do seu dinheiro, o que não durou muito, pois veio tambem o jogo ajudar o estomago a gastar o dinheiro mais depressa. Quando se viu sem recursos cuidou em realisar outros, esperando occasião de fazer o que chamava um bom lance de fortuna.

Havia em Chalons uma companhia de comicos ambulantes, que representavam melodramas. Jeronymo tinha-se ligado na taberna com um d'esses farcistas, que faziam papel de ladrões nas peças do repertorio. Este homem chamava-se Bernardino. Elle tinha fallado muitas vezes a Jeronymo sobre os agra-dos da profissão de comediante, mas Jeronymo não se tentava a seguil-a por duas razões: a primeira porque não ousava confessar ao seu amigo Bernardino, que não sabendo ler nem escrever, não sabia que papel havia de fazer; a segunda, porque a miseravel bagagem do comico, não fazia suppôr que faria grande fortuna quem lhe seguisse as pégadas. Entretanto a necessidade obrigaría Jeronymo a prescindir d'esta ultima ponderação, mas a primeira lhe apresentava um obstaculo inyencível.

Um dia comtudo lembrou-se de perguntar a Bernardino se não havia alguns papeis mudos, porque, dizia elle, não tinha memoria, e nunca poderia aprender de cór uma só linha. — Isso não importa, respondeu Bernardino; ha o que chamamos em termos d'arte *comparsas*. — De verdade? disse Jeronymo: pois bem, se está vago algum d'esses logares na vossa companhia, de boa vontade me incumbirei d'elle. — Tu não tens mais do que fallar, pois ha logar e eu te vou apresentar ao director. — Estamos entendidos, diz Jeronymo.

Jeronymo é apresentado; o director acha-lhe uma boa physionomia, e para o dia seguinte se lhe destina o primeiro ensaio. Estava elle vestido de saltador, e pertencia ao bando de que era chefe Bernardino. O traje ficava-lhe bem; o seu rosto principalmente tinha uma boa expressão, e eis aqui o que concorria para lh'a dar.

Antes de entrar no theatro tinha lançado uma vista d'olhos sobre o escriptorio onde se vendiam os bilhetes da entrada. O aspecto da receita tinha excitado n'elle certos sentimentos e desejos, que se pintavam em suas feições, e as punham em perfeita harmonia com o seu papel. Acabada a representação, o director lhe fez um cumprimento, e mostrou grande pezar de que a sua memoria lhe não permittisse preencher um primeiro papel. Mas Jeronymo respondeu sempre que isso era impossivel, e não dependia da sua vontade.

Toda a noite teve diante dos olhos a imagem seductora da receita, e o seu espirito só se occupava

do projecto de apropriar-se d'ella um dia, e abandonar o director e a companhia.

Por um ou dois mezes pensou nos meios de executar este lindo plano. Depois de haver meditado muito, achou que não havia melhor partido do que alliciar o recebedor a fazer sociedade com elle, e escaparem-se ambos levando a caixa. O nosso Jeronymo já tinha farejado a probidade d'este recebedor e como se entendia bem com elle, julgou que podia com toda a segurança animar-se a fazer-lhe a proposição. Convidou-o pois a irem beber á taberna; e despejando uma garrafa Jeronymo lhe participou os seus designios, e não teve grande trabalho em o persuadir. Concordaram logo ambos que a grande empresa fosse executada no dia seguinte. Elles não escolhiam mal o dia por ser domingo, e haver um espectáculo que não deixaria de attrahir muita gente. Ora a coisa foi como eu vou dizer.

Havendo o recebedor realisado o valor de todos os seus bilhetes, arranja o seu sacco, segundo o estylo, e leva-o como se fosse entregar a receita. Mas em vez de ir á caixa fazer a entrega, sae furtivamente da cidade, e vae lealmente encontrar-se com o seu companheiro, que o esperava, em alguma distancia, e a quem uma indisposição supposta havia dispensado de figurar na scena até este dia.

Logo que se juntaram pozeram-se a caminhar com cuidado, para escaparem ao perigo o mais promptamente possivel. Correram assim toda a noite, e não pararam senão ao romper da manhã, em uma casa de pasto, para tomarem algum alimento. Jeronymo

não ficou pouco assustado quando viu n'esta casa de pasto dois soldados de policia, que haviam deixado os seus cavallos no pateo. Não se esquecia elle de que era desertor, e como visse que os soldados olhavam para elle com attenção, não duvidou que tivessem a indicação dos seus signaes. Sem dizer nada ao seu companheiro, sae da sala e vae ao pateo onde estavam os cavallos dos soldados, escolhe o melhor, corta as redeas do outro para que não se sirvam d'elle, e larga a correr a toda a brida, zombando dos soldados da policia, que o viam fugir, e inutilmente o ameaçavam.

Mas a figura mais triste era a do pobre recebedor, porque Jeronymo levava o mealheiro, em quanto elle ficava sem recurso algum e em refens nas mãos dos soldados da policia, que estavam furiosos. Nós veremos mais tarde o que lhe aconteceu, por se deixar seduzir pelos conselhos de um ladrão.

Jeronymo continuou a galopar no cavallo do guarda da policia, até que o pobre animal esfalfado caiu e expirou no caminho. Então o nosso ladrão afastou-se da estrada, e entrou em um bosque para descansar e contar o seu thesouro. Montava este a seiscentos francos (vinte moedas). Jeronymo nunca tinha visto tanto dinheiro. Por um momento julgou-se em estado de esperar todos os acontecimentos possiveis. Não durou porém muito esta illusão, porque em quanto elle contemplava a sua riqueza, foi surprehendido por dois homens de caras medonhas, que, applicando-lhe uma pistola ao peito, lhe pediram a bolsa ou a vida. O pobre Jeronymo dá um grito, e cae de

costas como se tivesse já quatro ou cinco tiros. Os dois ladrões o seguraram dizendo-lhe:—Não temas nada; nós o que queremos é o teu dinheiro, e não te faremos mal. Jeronymo, tornando a si um pouco, lhes disse:—Mas senhores, como é isto? eu sempre ouvi dizer que os lobos não se comiam uns aos outros. Eu tenho a honra de ser dos vossos, e fazeis uma acção pessima querendo despojar um confrade. — Isso póde ser; mas tambem não tens ouvido dizer que os bens roubados não aproveitam?— Ora não gracejemos, replicou Jeronymo, já vos disse que sou dos vossos. Não ha mais de quatro dias que eu estava vestido como vós estaes. Este dinheiro é a receita dos comediantes de Chalons, que tive a habilitade de empolgar para mim só. Eu quero repartir comvosco, mas não dar tudo. — Pois bem, diz um dos ladrões, se com effeito és dos nossos podés alistar-te no nosso bando; vem pois comnosco. — De muito boa vontade, senhores, pois creio que me não resta outra coisa que fazer.

Jeronymo seguiu os dois ladrões, que o conduziram ao logar mais espesso do bosque, onde estavam os seus camaradas em numero de sete ou oito. — Aqui vos trazemos um novo irmão, disseram os scelerados. — É elle homem seguro? perguntou um que parecia o chefe da quadrilha.—Sim, sim, elle traz dinheiro para a massa.—Em boa hora venhaes, camarada.

Eis aqui pois Jeronymo alistado em um bando de ladrões! Não é preciso dizer-vos o que elle fez durante quatro annos que alli esteve sem ser desco-

berto. Veiu a ser um dos mais habéis salteadores. Passado pouco tempo conheceram-lhe prestimo para o officio, e desempenhou as funcções do que se chama *exploradores*, isto é, que vão adiante para descobrir terreno e projectar os assaltos. Entrava em uma casa na qualidade de criado, ou por outro qualquer modo, roubava com admiravel destreza, e quando era preciso preparava a entrada aos seus sócios.

Um dia se dispunha elle para uma expedição, e tinha entrado, como acabo de dizer, em uma casa de campo, onde esperava um bom lance. Infelizmente porém veiu ahi jantar um official, que Jeronymo não conhecia. Durante o jantar o official observava Jeronymo, que servia á mēsa com o seu prato na mão. Depois de haver olhado para elle algum tempo, exclamou de repente: — Eis um desertor e um ladrão! Prendam esse homem. Jeronymo, a quem um raio não teria atemorizado mais do que estas terribes palavras, deixa cair o prato e encaminha-se para a porta com tenção de fugir. Mas não teve tempo para isso, porque o agarraram e fecharam em um quarto, enquanto foram chamar a força armada para o levar á prisão.

Era chegado o momento em que tudo se ia combinar contra Jeronymo. Chegam dois soldados da policia, e um d'elles é precisamente aquelle em cujo cavallo Jeronymo tinha fugido depois do roubo de Chalons. Vós adivinhaes o resto, meus queridos amigos. Jeronymo é levado á prisão, forma-se-lhe o processo, seus crimes são manifestos e publicos, elle é forçado a confessal-os, e é condemnado ás galés.

Mas ainda isto não é tudo: haveria oito dias que estava em Toulon, quando um forçado se chega e fita os olhos n'elle por alguns instantes. Depois, levantando o seu grilhão, e dando um grito terrível, atira com elle ao peito de Jeronymo, e o deita morto aos seus pés.—Perverso, diz elle, eu te esperava aqui para me vingar de ti. A ti e aos teus perfidos conselhos devo eu a desgraça de arrastar este instrumento de infamia e de dôr; eu quizera que elle fosse tambem instrumento da minha vingança. Se não fosses tu, eu não teria sido um criminoso; tu me fizeste commetter o primeiro crime, convidando-me a roubar a caixa dos comediantes de Chalons. O meu ultimo crime será talvez este assassinato, mas eu o commetto para livrar a terra de um monstro.

Assim acabou Jeronymo, depois de ter successivamente passado por todos os graus do crime. A vingança do ceu e a vingança das leis tardam ás vezes, mas o culpado nunca lhes escapa, ellas o alcançam tarde ou cedo.

—Eis aqui um exemplo terrível, diz o cura, e bem capaz de fazer nascer graves reflexões. Elle offerece com effeito a prova das verdades que eu pregava esta manhã. Mas, meu querido Simão, todo o auditorio ficou triste. Dizei-nos pois que foi feito do bom Luiz, enquanto o irmão caminhava á sua ruina. Esse quadro será mais suave e consolador do que aquelle que nos acabaes de traçar.

—Oh! sim, certamente, diz Simão de Nantua, mui suave e de muita consolação, como vamos ver.

CAPITULO XXXVII

Fim da historia dos dois irmãos Marcel.—Bom comportamento e prosperidade de Luiz.

Quando Luiz se separou de seu irmão encaminhou-se pela estrada de Lyon. Em quanto caminhava, pensava sempre em seu irmão Jeronymo, e concebia grandes receios sobre a sorte d'este infeliz. Depois, reflectindo sobre si mesmo, dizia: — E que vou eu fazer? Quando chegar á cidade, quaes serão os meus recursos? tenho uma pequena instrucção, mas como a farei eu valer? não conheço ninguem que me proteja e ajude a estabelecer-me. O mais que posso esperar é accommodar-me por criado em alguma casa, e isso me repugna alguma coisa. Antes ficar no campo e fazer-me cultivador. Eu observo que muitos dos proprietarios de terras não sabem tirar d'ellas todo o partido possivel. Com os meus pequenos principios posso aprender coisas uteis, principalmente estudando sobre o que se tem escripto em agricultura. Se eu chegasse a augmentar o rendimento de algum proprietario, talvez fizesse a minha fortuna. Vejamos. Não se deve divagar eprehender muitas coisas; cumpre fixar-se em uma só, e entregar-se a ella inteiramente. Sim; mas a quem me dirigirei para a execução d'este projecto?

Conversando assim consigo mesmo, chegou a uma

grande quinta ou granja, que consistia em terras, matas, vinhas e prados.—Eis aqui o que me convinha bem! diz elle. Entra portanto na casa, apresenta-se ao rendeiro, e sem preambulo pergunta-lhe se tem necessidade de alguém para o seu serviço. — Sómente preciso de um pastor, respondeu o rendeiro; se este emprego vos convém, meu filho, podeis entrar em minha casa.—De muito boa vontade, diz Luiz, eu estou ás vossas ordens, e farei quanto me for possível para que fiquéis contente com o meu serviço.—Assim o espero, meu amigo, diz o rendeiro.

Luiz entra em exercicio, e começa a conduzir os rebanhos ao campo. Esta occupação não era muito do seu gosto; mas dizia elle, tudo tem principio, eu fiz bem em acceitar, porque se rejeitasse talvez estorvasse a minha fortuna. Coragem, Luiz! tu não estás destinado a ficar pastor toda a vida. Começa por te fazer util, e depois virás a ser necessario. O que mais o affligia era não ter dinheiro para comprar alguns livros. Imaginou pois fazer pequenas obras ou artefactos com que pudesse ganhar alguma coisa, e teve muito cuidado de poupar as suas soldadas, fundando n'esta reserva todas as suas esperanças. Além d'isto poz tanto zelo e intelligencia em tratar os gados que lhe foram confiados, que o rendeiro não pôde deixar de o notar. Nunca havia uma rez doente; os curraes sempre estavam sãos e aceiados, as camas de palha sempre renovadas e bem dispostas e tanto que se Luiz quizesse ir para outra granja, seria bem pago, porque já era muito procurado. Mas elle tinha ouvido dizer que muitas vezes é mais proveitoso per-

manecer onde se está do que vaguear de uma parte para outra. Além d'isso o seu coração era tão reconhecido que não podia esquecer-se d'aquelle a quem devia o primeiro asylo que encontrou.

Logo que pôde escreveu a seu pae, para dar-lhe parte da sua posição. Tambem escreveu ao seu respeitavel mestre, e lhe confiou os seus projectos e as suas esperanças. Assim que o cura recebeu a carta de seu discipulo, logo lhe enviou tres ou quatro livros de agricultura, que elle possuia. Seria impossivel pintar a alegria de Luiz, quando recebeu os livros! Elle queria devoral-os: levava-os comsigo para o campo, e em quanto os rebanhos pastavam, estava elle assentado debaixo de uma arvore a ler, como um sabio no seu gabinete.

Passado algum tempo teve com o rendeiro a conversação seguinte:

Rendeiro Berthaud. — Meu querido Luiz, estou contente de ti. Tu és um rapaz extraordinario, e eu devo-te muita obrigação, pelo bem que trataes o meu gado. Bem sei que te fizeram propostas vantajosas, e as rejeitaste. Isto da tua parte é bem feito, e prova que és um moço honrado; mas eu tambem não quero que sejas victima da tua delicadeza, e pretendo fazer-te as mesmas vantagens que te foram offerecidas.

Luiz. — Eu sou muito reconhecido á bondade com que me trataes, sr. Berthaud, mas tinha que vos propor uma coisa.

Rendeiro Berthaud. — Qual é, meu amigo?

Luiz. — Tendes vós confiança em mim?

Rendeiro Berthaud.—Não se pode ter mais.

Luiz.—Pois bem. Eu sei como se póde augmentar o rendimento da vossa granja, mas deixae-me dirigir os trabalhos por um anno. Não vos peço soldada até então, basta que me sustenteis; e se eu acertar, fareis depois o que quizerdes.

Rendeiro Berthaud.—Oh lá! Tu não sabes em que te mettes rapaz; és muito moço para....

Luiz.—Já vejo que não tendes confiança em mim!

Rendeiro Berthaud.—Meu Deus, sim.... mas.... deixar-te governar....

Luiz.—Vós vigiareis os meus planos.

Rendeiro Berthaud.—Isto é uma coisa bem extraordinaria! Mas não importa. Consinto no que me pedes.

Luiz.—Eu vos prometto que d'aqui a um anno fareis inveja aos vossos vizinhos.

Rendeiro Berthaud.—Vamos. Eu me confio em ti; e já vêes que faço pleno conceito da tua instrucção e habilidade.

Ora eis aqui o nosso Luiz administrador de uma grande fazenda. Deixo á vossa consideração avaliar qual seria a sua alegria recebendo o consentimento de Berthaud. Vêde, como em menos de dois annos, o seu comportamento o tinha já levado a esse grau de felicidade e confiança.

Começou elle a reger e administrar as terras do rendeiro Berthaud, e a aproveitar os seus estudos em agricultura. No terrenó d'aquella quinta não houve mais baldios, nem alqueives; todas as terras estive-

ram sempre em plena producção; não se tornou mais a dizer que era preciso deixal-as descansar sem produzir nada; do que se tractou foi de as cultivar com cuidado, de empregar os melhores adubos, e de tirar d'ellas o maior partido possível. Luiz fez os prados artificiaes, que ainda não eram conhecidos no paiz. O rendeiro Berthaud, que até então seguia a sua antiga rotina, não podia ver sem receio as tentativas do novo agricultor; entretanto, porém, confiava no seu talento, e deixava-o fazer o que entendia a despeito dos proprios receios, e dos conselhos de outros rendeiros visinhos, que murmuravam de taes novidades.

Quando porém passado um anno o rendeiro viu o exito dos trabalhos de Luiz, e que o rendimento da granja tinha augmentado um terço ou um quarto, elle abraçou Luiz com o mais vivo transporte de alegria. Os outros cultivadores tambem observavam isto com espanto e alguma inveja. — Está na vossa mão fazer outro tanto, e obter as mesmas vantagens, lhes dizia elle. Vós tendes um terreno bem rico, e capaz de produzir tudo o que lhe pedirdes. O que falta sómente é a industria conveniente para o fazer valer. Os maiores thesouros da França consistem na industria dos cultivadores. A agricultura póde fazer da nossa terra o paiz mais rico do mundo. Se os francezes fossem prudentes, voltariam para este objecto todos os seus cuidados, e teriam feito ainda mais esforços para serem ricos e poderosos. Saibamos fazer produzir este fundo inesgotavel que a natureza nos outorgou; escutemos os conselhos dos homens illus-

trados, e não sacrificuemos a nossa fortuna a velhas preocupações e antigas rotinas.

O rendeiro Berthaud não sabia como mostrasse o seu reconhecimento a Luiz. No fim de um anno de ensaio elle lhe tinha dado grandes soldadas, de que Luiz como bom filho repartia com seu pae e ao qual escrevia regularmente assim como ao seu respeitavel cura, de quem recebera a educação que era origem da sua prosperidade. Na sua situação não tinha senão um desgosto, que era ignorar a sorte de seu irmão Jeronymo; e todavia era uma felicidade para elle ignorar isso, pois se o soubesse, teria de que se affligir e chorar.

Entretanto o rendeiro ganhava dinheiro, e comprava terras. Elle tinha uma filha unica que era linda. Para a granja tinha ella quatorze annos e faltava alguma instrucção para ser um bom condora. Luiz sentiu para ella uma inclinação de delicadeza não lhe permittia porém de Berthaud a permissão de ensinar a Annette o pouco que elle sabia. Em todo o encanto de todos os momentos Luiz empregava os seus grandes trabalhos para fazer Annette amavel e intelligente. O tratamento para com seu mestre era de uma ternura, que ella mal sabia disfarçar do rendeiro Berthaud, que não era lerdo, e a inclinação que os dois tinham um para o outro não o confessassem.

Havia quasi cinco annos que se preparava

a granja, quando Berthaud lhe disse um dia:—Luiz, tu me tens feito serviços que eu não posso reconhecer senão tomando-te como filho: queres pois tomar o lugar de meu filho? Minha filha te ama, eu sei que ella te agrada; assim eu t'a dou. Com isto Luiz ficou louco de contente! Pouco faltou para fazer reventar o honrado Berthaud á força de o abraçar. Não cabia em si de alegria!

Annette não teve difficuldade em consentir n'este arranjo, nem mesmo julgou necessario esconder quanto lhe era agradavel. Convidaram o velho Marcel para assistir ao casamento, e o bom cura tambem quiz vir. Tudo se fez a aprazimento de todos. O nosso querido Luiz estava no auge da felicidade. Logo que teve seu pae na sua companhia, não consentiu em que elle partisse, e Berthaud juntou as suas instancias ás d'este bom filho.—Amigo Marcel, dizia elle, nós ambos estamos velhos, fiquemos juntos para sermos testemunhas da felicidade de nossos filhos. Nós ouviremos dizer finezas um ao outro, isto nos recordará o tempo da nossa mocidade, e nos divertirá enquanto ambos despejamos alguns frascos do melhor vinho que ha na cava. Por outra parte, amigo Marcel, vós não ficareis em minha casa, pois ambos vamos para casa de vosso filho; porque tudo o que ha aqui é d'elle e de minha filha: eu não quero cuidar em mais nada. Podeis ficar certo que entrego tudo em boas mãos, porque o vosso Luiz é um moço excellente por sua actividade e merecimento.

O bom Marcel ouvia isto com as lagrimas nos olhos. Já se vê que elle nada desejava tanto como

viver assim em familia; e o convite de Berthaud acabou de o determinar, e de fazer calar a sua delicadeza.

Assim Luiz na idade de vinte cinco annos se achava casado com uma mulher encantadora, esteio de seu pae, senhor de algumas geiras de boa terra, e rendeiro de uma excellente granja.

Todavia experimentou elle um grande desgosto. Espalhou-se por toda a parte a noticia da morte tragica de seu irmão Jeronymo. Não pintarei a consternação em que ficou toda a familia com uma tal noticia. Lancemos um veo sobre este quadro, que é afflictivo! Foi este acontecimento a unica nuvem que perturbou a felicidade de Luiz, mas perturbou-a de um modo cruel! Eu passo em silencio esses dias de luto e de vergonha.

Quando Luiz se viu absolutamente senhor da quinta ousou fazer ainda mais do que antes, porque estava certo que não havia de experimentar contradicção. Não se passava anno algum em que não fizesse novas experiencias na maior parte das quaes acertava sempre. De quando em quando ia a Lyon, onde conhecia pessoas que se occupavam de agricultura. Na conversação d'esses homens instruidos ganhava conhecimentos; e pelas applicações a que se entregava, grangeava bem depressa a reputação de um agricultor distincto. Recebia muitas vezes em sua casa pessoas da cidade e das vizinhanças da sua granja, que vinham visitar com interesse as suas bellas plantações, os seus prados e numerosos trabalhos. Passados poucos annos o seu cabedal se achou consideravelmente

augmentado. Engrandeceu a sua propriedade com aquisições novas, e fez edificar uma pequena casa simples, mas mui bonita, e provida de todas as commodidades que se podiam desejar. Alli se estabeleceu elle com seu pae, seu sogro, sua mulher e dois filhos que já tinha. Seria difficil imaginar uma felicidade mais perfeita do que a de Luiz! Como não teria elle sido feliz? Uma mulher cheia de encantos, digna de ser amada, boa esposa e boa mãe; duas creanças cuja educação fazia um dos seus mais suaves prazeres; um pae, que devia a tranquillidade e a consolação da sua velhice á piedade de um bom filho; e finalmente esse excellente Berthaud gozando de uma felicidade que pela maior parte era obra sua: que circumstancias para um coração como o de Luiz? Juntae isto a estimação e o apego de toda a gente que o conhecia. Á sua casa vinham as pessoas mais distinctas, que se honravam de comer algumas vezes á sua mesa. N'estas occasiões, qualquer que fosse a jerarchia ou graduação dos convidados, nunca o bom homem Marcél nem o generoso Berthaud deixaram de occupar os dois logares de honra que o respeito filial lhes havia destinado, e ninguem ousaria escandalisar-se d'estas demonstrações de veneração de dois filhos para com seus paes. Luiz nunca se esqueceu do que tinha sido antes de enriquecer, e longe de o esconder antes fallava d'isso muitas vezes aos outros para lhes aconselhar que fizessem como elle tinha feito.

Seria talvez n'esta situação que vós, senhor cura, achastes Luiz a ultima vez que o vistes; mas

como não sabeis o resto da sua historia, eu a contarei.

Luiz fez grandes serviços ao seu paiz, contribuindo por suas luzes e exemplo ao progresso da agricultura, e sua municipalidade se tornou uma das mais ricas de França. Quando vagou o emprego de *maire*, logo a opinião publica designou Luiz para o occupar. Sendo com effeito nomeado *maire*, mostrou-se magistrado esclarecido e integro, e a sua administração foi uma nova origem de prosperidade para o paiz; porque todos estavam convencidos que elle a queria, e cada um se esforçava em auxiliar os seus desejos.

Finalmente Luiz obteve, não ha muito tempo, a maior honra, a que um cidadão pode aspirar. Revestido da confiança dos habitantes do seu departamento foi incumbido de os representar na camara dos deputados, onde deu um bello exemplo de patriotismo e devoção aos interesses do estado e do paiz.

Os filhos de Luiz, educados nos sentimentos de honra e probidade que seu pae professa, dão as esperanças mais lisonjeiras. Elle é um pae feliz, porque foi bom filho; é abastado, porque tem sido activo, industrioso e economico; é estimado e honrado de todos, porque tem sido um cidadão bom e util á sua patria.

Agora direis vós, meus amigos, que tambem eu faço sermões; mas é forçoso que acabe como principiei, porque na minha idade já ninguem muda. Eu não posso deixar de fazer algumas reflexões ácerca da historia que acabo de contar. Que coisa mais preciosa do que a educação! Que desgraça é não a ter

recebido opportunamente! Vêde Luiz e Jeronymo, a prosperidade de um e a degradação e o fim desastroso do outro. Oh! meus amigos, se tendes filhos, pensae n'isto seriamente. Nenhuma desculpa tereis se desprezardes a educação de vossos filhos, pois se vos oferecem todos os meios convenientes para esse fim. Inspirae-lhes temor de Deus, respeito ás leis, e amor aos seus semelhantes. Com taes guias ninguem se perderá, e sem elles será inevitavel o extravio.

Simão de Nantua acabou de fallar, e a assembléa, que geralmente havia tomado o mais vivo interesse na sua narração, lhe deu os mais sinceros agradecimentos. Ainda fallaram alguns instantes ácerca dos successos dos dois irmãos Marcel, e depois cada um se retirou, levando assumpto digno das reflexões da noite.

CAPITULO XXXVIII

Simão de Nantua mostra-se severo contra a falta de caridade para com as pessoas aleijadas ou disformes.

Na manhã seguinte nos despedimos do nosso digno cura. Simão de Nantua se separou d'elle com muito pesar, e ambos faziamos votos para que todos os pastores o imitassem.

Depois de percorrermos algumas cidades e villas da Normandia, chegámos a Domfront, onde Simão de

Nantua tinha de completar o seu sortimento de fazendas. Em quanto procedia á escolha d'ellas no armazem dó fabricante onde entrámos para esse fim, foi a nossa attenção despertada por um ruido estranho de vozes, gritos e gargalhadas, que partiam d'um grupo que divisámos no outro lado da praça. Os caminhantes paravam e augmentavam o ajuntamento e o côro das risadas.

—Que é isto? perguntou Simão de Nantua. — É o pobre *Bijou*, respondeu o caixeiro, que está sendo victima das travessuras dos garotos. — Quem é esse infeliz que tem um nome tão exquisito? — Ora, é um pobre mentecapto, que por cumulo de infelicidade é tambem corcunda, tem as pernas tortas e é feio como o dêmo. Serve de escarneo á maior parte dos rapazes e até a muitos homens e mulheres, que deviam ter mais juizo e caridade para com o pobre aleijado, que soffre todos esses ultrajes e crueldades com uma paciência e submissão tal que devia enternecer e envergonhar os seus verdugos. — Oh! oh! disse Simão de Nantua indignado e carregando o sobr'olho, isso é abominavel! Vamos vêr de perto o que se passa alli.

Atravessámos a praça seguidos do dono do armazem, que tambem nos quiz acompanhar, rompemos pela multidão e achámo-nos em frente d'um espectáculo que fazia compaixão. O desventurado *Bijou*, coberto de farrapos sujos, com o rosto pintado de preto e vermelho, os cabellos cheios de pennas de gallinha, as mãos atadas atrás das costas, era presa d'uma turba de garotos, que n'este estado o haviam collo-

cado a cavallo sobre uma pipa vazia, que dois dos mesmos garotos rolavam á direita e á esquerda. A cada movimento da pipa o pobre Bijou corria o risco de cair no chão e de ficar ferido na queda. — Ai, ai, basta, basta, tende compaixão de mim, dizia a pobre victima com voz humilde e supplicante; que mal vos fiz eu para me martyrisardes assim? E o pobre Bijou soluçava e implorava com os olhos cheios de lagrimas o soccorro dos que o rodeavam. Baldado apêllo, os rapazes continuavam a rolar a pipa, zombando e chacoteando das lagrimas de Bijou, e os espectadores d'este indigno spectaculo uns riam-se, outros aplaudiam os rapazes, e os mais compadecidos limitavam-se a encolher os hombros em signal de desapprovaçãõ, porém nenhum accudia ao pobre aleijado.

Simão de Nantua não pôde conter a sua indignação.—Meus caros amigos, disse-nos elle, ajudad-me a castigar este odioso spectaculo. E arremettendo para um dos rapazes que baloiçavam a pipa, agarrou-o pelas orelhas. Fiz o mesmo ao companheiro d'este, enquanto o fabricante punha em pé e desatava as mãos ao pobre corcunda, que lh'o agradecia com um profundo suspiro e um olhar de gratidão.

Entretanto os dois gaiatos que seguravamos pelas orelhas gritavam pedindo perdão. — Esperae, dizia-lhes Simão de Nantua, que tambem o pobre Bijou chorava e vos pedia que o deixasseis, e os seus gritos eram desprezados; não vos largaremos ainda porque fugiríeis, e é preciso que ouçaes primeiro o que vos tenho a dizer a vós e a toda esta gente que olhava com tanta complacencia para a maldade que

estaveis praticando:—Ora é assim que n'este paiz se tratam as creaturas de Deus? Acaso somos um povo christão e civilizado ou uma tribu de selvagens antropophagos? Haverá por ventura coisa mais barbara, injusta, odiosa e cobarde do que insultar as enfermidades naturaes e zombar á custa d'ellas? Pois porque um infeliz nasceu aleijado de corpo, ou enfermo de intelligencia, porque é um ente fraco e sem defeza, entendeis que Deus o fez assim para vosso brinquedo? Não vêdes pelo contrario que é um aviso, uma advertencia do Creador para que vos lembreis com humildade das enfermidades e fraquezas a que é sujeita a humanidade, e que poderieis ter nascido como o infeliz Bijou? Não sentis que isto é advertencia e ao mesmo tempo um estímulo á vossa caridade? Esquecei-vos emfim que n'este corpo disforme na apparencia existe uma alma humana, egual á vossa, ou talvez mais pura que a vossa e n'este caso mais digna da sua celeste origem? Sabei pois que não sómente commetteis uma atroz injustiça aviltando esta alma com os vossos ultrajes, senão que vos degradaes a vós mesmos, insultando a dignidade d'uma creatura feita como vós á imagem de Deus. Quero acreditar que da parte d'estes rapazes houve mais estouvamento e inconsideração do que maldade, posto seja bem doloroso ver a mocidade escarnecer dos sofrimentos alheios; mas que este espectáculo fosse presenciado por pessoas tão faltas de sentimentos de humanidade e de caridade christã que, ou se riam d'elle e o applaudiam, ou se o reprovavam não tomaram a deliberação de o impedir, é o que parece

inacreditavel e que não posso deixar de estygmatisar com todas as minhas forças. Acabei o que tinha a dizer-vos. Lárgo-te a orelha, meu tratante, agora podes-te ir embora, mas lembra-te sempre do que ouviste.

O auditorio ficou silencioso e impressionado com as palavras de Simão de Nantua. Ouvia-se murmurar n'um e n'outro ponto, «elle tem razão» tem muita razão.» Então um rapaz alto, vigoroso e de boa apparencia, conduzindo pela mão o pobre Bijou, achegou-se de Simão de Nantua e lhe disse: — Bom Simão de Nantua, dou-vos a minha palavra que nunca ninguem mais offenderá esta pobre creatura; tomo-a sob minha protecção, assim como vos prometto que me tornarei sempre defensor de todos os eñfermos ou aleijados que eu topar no meu caminho. — Muito bem, meu rapaz, respondeu Simão de Nantua, se procederes assim com verdadeiro espirito de caridade christã, asseguro-te que terás em recompensa a gratidão d'esses infelizes, a estima dos homens honrados, e serás sempre protegido de Deus.

CAPITULO XXXIX

CONCLUSÃO

Eu ainda acompanhei Simão de Nantua até Rennes; ali foi forçoso que nos separassemos, porque os

meus negocios me chamavam a Paris. Bem agradavel seria para mim discorrer com elle pelos outros departamentos ou provincias de França, e observar como elle se haveria com os bretões, com os habitantes da Vendée, com os das margens do Garonne e do lindo territorio de Provence. Mas não era possível agora. Entretanto, na intenção de fazermos juntos outra viagem no anno seguinte, nos abraçámos cordialmente, e eu tomei a estrada de Paris.

Depois que voltei tenho-me occupado em escrever isto; e desejo, meus queridos leitores, que o meu livro vos faça mais agradaveis alguns momentos de descanso. O que eu mais estimarei é que aproveiteis alguns dos conselhos de Simão de Nantua. Agora que vós o conheceis, pensae n'elle de quando em quando. Se fordes tentados a fazer uma coisa que a vossa consciencia não approve, representae-vos o nosso Simão de Nantua com a sua cabeça calva, os seus olhos vivos, o seu grande sobr'olho branco, e figurae-vos que elle vos diz: Devagar! devagar! antes de fallar ou de fazer qualquer coisa, demos logar á reflexão; se fizerdes mal, ha de acontecer-vos mal.

Se virdes os vossos amigos dispostos a fazer alguma acção má, dizei-lhes: Simão de Nantua aconselha que se faça isto, e não aquillo; escutae o que diz Simão de Nantua. — Eu creio, meus queridos leitores, que se assim o fizerdes vos achareis bem; e devo dizer-vos que pela minha parte tenho achado utilidade nos seus conselhos, e muitas vezes digo: — Simão de Nantua tinha razão; muito obrigado, Simão de Nantua.

Se eu vir que fazeis outro tanto, prometto de vos dar parte das observações que fizer em outra viagem.

Entretanto faço votos, meus amigos, para que sejaes prudentes e felizes. Eu já sou velho, e não tenho esperança de vêr melhor tempo; mas talvez vós o vejaes, sim, é de esperar que o vejaes se quizerdes. Educae a mocidade actual em bons principios, e inspirae-lhe o amor do trabalho. Assim chegará um momento de prosperidade geral em que todos os homens estejam satisfeitos e contentes, em que a miseria apenas empolgará poucas victimas, que poderão facilmente ser soccorridas; em que os homens se considerarão como irmãos, e desistirão para sempre de se offenderem uns aos outros; em que cada um se esquecerá dos seus proprios interesses quando se tratar dos da patria. Oh povo francez, ó meus compatriotas! Cumpre que offereçaes este bello exemplo ás outras nações! Já que lhes haveis dado o do valor, da coragem, da gloria, da honra, da resignação, e da dignidade; dae-lhes tambem agora o exemplo da virtude; e será esse o vosso melhor triumpho, a vossa maior superioridade.

OBRAS POSTHUMAS
DE
SIMÃO DE NANTUA

COLLIGIDAS

PELO SEU ANTIGO COMPANHEIRO DE VIAGEM

POR

MR. DE JUSSIEU

Esta obra obteve o premio extraordinario de 6:000 francos proposto
pela Academia franceza, para uma obra
de moral, cujo thema se deixou ao arbitrio dos auctores

Se a experiencia vale oiro quasi sempre custa o que vale; seria pois grande loucura não nos aproveitarmos da estranha, podendo tel-a de graça.

OBRAS POSTHUMAS

DE

SIMÃO DE NANTUA

*Advertencia do companheiro de
viagem de Simão de Nantua, na qual se vê
como acabou este personagem*

Meus caros leitores, quando ha annos vos fiz a narração d'uma viagem que tive a dita de fazer com Simão de Nantua, obriguei-me a expôr-vos depois, se o meu livro vos agradasse, as particularidades d'uma segunda viagem d'este honrado mercador de feiras. O bom acolhimento que fizestes á minha primeira exposição, penhorou o meu amor proprio, e não menos a minha probidade, a não esquecer esta promessa; pois, se bem que não faço profissão de auctor, e que o meu ficto era menos adquirir gloria do que offerecer-vos um livro, que me parecia ser-vos util, não é menos certo que sou homem, e que a vaidade, que recebeu um pequeno affago, accita-o mui facilmente. Assim dir-vos-hei com toda a ingenuidade de que sou capaz, que vendo andar pelas vossas mãos a minha *Historia de Simão de Nantua*, e ouvindo este nome

repetido por toda a parte, tive a fraqueza de levantar um tanto a cabeça, e tomar para mim uma parte das homenagens, que só eram realmente devidas o certamente dadas ao meu heroe: pouco mais ou menos como acontecia a um homem que andava em jubilo, quando via o povo admirando um quadro, e exclamava com gesto triumphante: «Fui eu que o pendurei!» Confesso até que a cegueira do meu amor proprio chegou a ponto de conceber a esperança de figurar na posteridade ao lado de nomes illustres, taes como o do famoso Matheus Laensberg, que não pôde deixar de viver em quanto as suas admiraveis predicções se não verificarem.

Por esta confissão acreditareis facilmente que tinha o firme projecto de fazer com o meu heroe, Simão de Nantua, uma segunda viagem, que devia ser o assumpto de uma segunda narração; mas infelizmente, Deus não o quiz! A edade e as enfermidades vieram terminar as viagens do mercador de feiras, e a que eu fiz com elle foi a ultima. Faltando-lhe as forças, retirou-se para Nantua, sua cidade natal, para viver socegado no seio da sua familia, e entre os seus antigos amigos, com o fructo das suas prudentes economias. O seu cavallo, que não precisava menos de repouso do que o dono, não podia deixar de gostar d'esta determinação, porque Simão de Nantua, pensando com razão, que outro amo que não devesse as mesmas obrigações a este bom animal, não o trataria com o carinho devido a seus serviços, não pôde decidir-se a vendel-o, e aposentou-o n'uma velha estrebaria, que tinha sido habitada por uma vacca, cujo

leite Simão de Nantua bebeu na sua infancia. Foi alli que este digno servo terminou seus dias n'um doce repouso, adquirido por largos annos de trabalho, exemplo evidente d'esta verdade: que o trabalho e o bom comportamento, nunca deixam de ser recompensados.

Enquanto a Simão de Nantua, como vos disse, quando vos fallei d'elle pela primeira vez, não tinha ganhado muito cabedal no commercio que fazia, mas havia adquirido a experiencia, que vale oiro. O que tinha visto e ouvido, com os seus bons olhos e bons ouvidos, tinha-lhe ensinado a moderar os seus desejos, e a contentar-se com pouco, uma vez que possuísse a estima dos seus similhantes, coisa de que não podia duvidar, pois vinham consultal-o sobre quasi todos os negocios, e nenhum de seus conterraneos tomava resolução de alguma importancia sem estar previamente certo da sua approvação. Arranjava mais contendas do que o juiz de paz, e só fazia mal aos rabulas, diminuindo o numero das demandas; se por este motivo havia quem lhe quizesse mal, ninguem ousava confessal-o com receio de se tornar odioso, ou pelo menos ridiculo.

Tambem vos lembraes sem duvida que Simão tinha estudado alguma coisa na sua infancia, porque o destinavam ao estado ecclesiastico. Esta instrucção, que lhe tinha sido util em todo o decurso da sua vida, era agora no seu retiro um recurso precioso. O tempo que não empregava na cultura do seu jardim, ou nas consultas que lhe pediam, passava-o a ler e a escrever algumas memorias e reflexões.

Encontrei-o n'esta occupação quando fiz no anno passado uma viagem a Nantua, unicamente para o ver. Parecia um sabio da Grecia no seu gabinete. Nunca me esquecerei d'aquelle rosto honrado, em que, apezar dos annos, estava estampada a expressão da bondade, da franqueza, e da alegria. Só estava um tanto mais calvo do que no tempo da nossa viagem, e as sobrancelhas um tanto mais brancas. Ah! era tempo que eu chegasse; passados alguns dias fui ao meu velho o honrado amigo uma molestia mortal. Não desconheceu elle o perigo, mas tinha sido muito pio e justo para encarar a morte sem temor. Despediu-se de mim e dos seus parentes, com a mesma serenidade que mostrava quando partia para as suas viagens, e dispoz dos poucos bens que possuia com tal tranquillidade, que parecia estar arranjando os seus negocios antes de sair de casa. Chamou-me depois para ao pé do seu leito, e mandando trazer uma pasta, entregou-m'a, dizendo «Aqui tem, meu velho companheiro a deixa que lhe faço: estão n'esta pasta varios manuscriptos que me diverti a escrever nas horas vagas. Verá se entre elles acha coisas que possam ser uteis á boa gente, a quem eu gostava de communicar a minha experiencia; e se nenhum d'elles servir, serão ao menos uma memoria das nossas antigas relações.»

Peguei na pasta e guardei-a como se a deixa fosse um thesouro. Passados alguns instantes expirou o meu amigo, e ao outro dia vi assistir ao seu funeral toda a cidade vestida de luto.

Simão de Nantua, deixando-me os seus escriptos,

tura necessario ser fidalgo? Não, porque não eram mais illustres do que eu, aquelles cuja historia me contaram. Será preciso ser rico? Não pouco: pois a alguns d'elles podia eu dar uma esmola. Será por acaso necessaria muita instrucção? Não se póde suppor tal, quando um d'elles assegura que toda a sciencia necessaria consiste n'esta máxima: *Conhece-te a ti mesmo*. Que um homem se conheça a si mesmo! pareceu-me não ser coisa difficil. Metteu-se-me pois na cabeça que devia vir a ser um sabio; e persuadido de que para isso não precisava d'um nome mais illustre, nem de outros haveres mais que o meu trabalho, principiei a observar-me e a estudar-me, afim de poder conhecer-me. Mas n'isto encontrei maiores difficuldades do que esperava, e quando vi que ia cada dia descobrindo em mim novos defeitos e fraquezas, apercebi-me que a empreza não era tão simples como me tinha parecido, e disse: Ah! é uma sciencia como qualquer outra, e talvez não seja a que custe menos a adquirir. Todavia não perdi animo; continui, e, para ser exacto, ainda continuo hoje; porque é obra que nunca acaba. Mas devo advertir que é tanto menos penosa, quanto maiores progressos se tem feito, e até acaba por ser um gosto e uma necessidade. Não acreditareis talvez que sinto grande satisfação cada vez que descubro no fundo do meu genio algum germen, que deve ser extirpado. Aposso-me d'elle com avidez para o expellir quanto antes, como um insecto importuno, e satisfeito da minha victoria, exclamo: Animo! é um de menos.

Não obstante o meu cuidado, vejo demasiado, ca-

ros amigos, quanto disto ainda do fito que desejára attingir; mas já estou sufficientemente adiantado para conhecer o que me falta, e o pouco que valho. Ora, ouvi dizer que este sentimento é já um principio de sabedoria; portanto, tendo feito quanto de mim depende, se morrer sem merecer inteiramente o nome de sabio, será effeito da vontade de Deus, e não de culpa minha; mas asseguro-vos que sempre hei de ganhar muito n'esta empreza, em que ninguem póde perder.

Caso algum de vós tenha a mesma ambição, vou tentar poupar-lhe algum trabalho, communicando-vos os principios, a que me levaram as minhas observações sobre mim mesmo, e ás reflexões que ellas me suggeriram. Prestae-me por um pouco a vossá attenção, e se quizerdes aproveitar-vos da minha experiencia, podereis fazer muito maiores progressos do que eu. n'este bello estudo. Será, como se, tendo vós de fazer uma certa jornada, eu vos levasse ás costas até ao meio do caminho, ficando-vos d'esta sorte todas as vossas forças para o resto da distancia.

Tomada a resolução de que ha pouco vos fallei, a primeira descoberta que fiz em mim, foi a de um germen de ambição que penetrou na minha alma da maneira seguinte.

Mas primeiro cumpre dizer-vos que entre os jovens companheiros da minha idade, que eu tinha em Nantua, poucos eram tão bons estudantes como eu, de

sorte que a superioridade das minhas luzes sobre as dos outros, e a facilidade de elocução que todos me reconheciam, faziam-me considerar com uma especie de oraculo. Mais de um prégador se daria por feliz, se lhe dessem a attenção que eu obtinha, quando tomava a palavra entre os meus camaradas, o que (devo confessal-o) me agradava muito mais do que ouvir os seus discursos. Esta homenagem, que me rendiam benevolmente, satisfazia o meu amor-proprio, e não era grande merito o eu ser bom; pois que ninguem ousava contradizer-me, nem contrariar-me, e todos buscavam a minha companhia quasi como uma honra. Mas isto ia pouco a pouco fazendo-me contrahir o habito da vaidade, de tal sorte que, apesar da minha estatura ser um tanto pequena, eu erguia tanto a cabeça que poderia facilmente usar a gravata de um tambor-mór.

Mas isto era pura vaidade; aquelle que se mira sobre a sua vaidade é como o que vê uma moeda de prata atravez d'uns oculos amarellos e a toma por uma de oiro; ou, se vos parece melhor, com taes cangalhas no nariz, vemo-nos de oiro, e aos outros de cobre. Era precisamente o que me acontecia: comparando-me a outrem com esta complacencia para commigo, costumei-me involuntariamente ao desejo de tornar-me um importante personagem. Se pensava no estado ecclesiastico, que tinham tenção de me fazer seguir, já imaginava ver-me um dia com a mitra e o baculo. Porém como não sentia, apesar d'estas grandes esperanças, a maior vocação para o estado ecclesiastico, não podia pensar nas outras carreiras sem buscar

um ponto eminente, a que ousavam elevar-se as minhas pretensões. De tal sorte que até me esquecia da modesta profissão de meu pae, com que elle tinha todavia educado, e mantido honradamente a sua familia. Estava n'estas disposições, quando um dia meu pae me levou consigo a Lyão, onde tinha que fazer. Durante a minha estada n'esta grande cidade, houve uma festa, a que assistiram as auctoridades, o clero, os magistrados, e todas as tropas que estavam n'aquella terra. Tive a curiosidade de ver aquelle bello espectáculo, que era novo para mim. Foi alli que a reflexão principiou a mostrar-me a minha cegueira. «Aqui passa com effeito um bispo, disse eu, com uma mitra, um baculo e uma magnifica sobrepeliz de renda; mas quantos simples padres, e modestos ordinandos á roda d'elle, sem contar o meu pobre cura de Nantua, e todos os curas e vigarios das pequenas cidades e aldeias do bispado? Lá vejo com effeito alguns magistrados revestidos de bellas insignias; mas quantos são elles em comparação dos desgraçados rabulas, escreventes, meirinhos, escrivães, e outros, a quem as demandas e chicanas podem apenas sustentar? Lá distingo na verdade um general, e alguns officiaes com brilhantes dragonas, mas que é isso em comparação do numero de soldados que lhes obedecem? E para que um d'estes soldados chegue a trocar a espingarda por uma espada, quantos devem morrer! E qual d'elles pôde dizer: sou eu que hei de ficar? Aqui vem uns trinta personagens com uniformes doirados, mas eis á roda d'elles uma multidão de sessenta mil indivi-

«duos, que são quasi todos pobres, como eu. Vivem
«todavia, e parece que se divertem mais aqui do que
«os outros com toda a sua ostentação. Ah! meu ami-
«go Simão, não trates de dar maior salto do que po-
«des, expor-te-has a quebrar os braços e as pernas.
«A sociedade é como uma pyramide: a região supe-
«rior é estreita, e a poucas pessoas dá logar; está-se
«apertado, soffre-se, e muitas vezes cae-se; quando
«se intenta de baixo subir lá, arrisca-se a vida, ou
«pelo menos grandes dores. Em baixo, ao contrario,
«ha logar para todos; tem-se os cotovellos livres, ca-
«da qual póde estender-se mais ou menos, segundo o
«que exige a sua estatura, e o seu alcance. Vamos,
«Simão, cale-se a soberba e a vã ambição. Sabe con-
«servar-te onde Deus te poz, e prepara os teus hom-
«bros para supportar o fardo que teu pae suppor-
«tou.»

Foi assim, meus amigos, que tomei a primeira
resolução contra mim mesmo: esta resolução já era
um acto de sabedoria; porque era preciso, para a
formar e executar, prudencia, força e moderação.

Olhae bem em torno de vós, e examinae-vos com
cuidado; não tardareis a observar que quasi todo o
mal que nos succede, ou que nós fazemos aos outros,
provêm, em grande parte, da nossa inconsideração.
Aposto que se eu pudesse estar um dia inteiro ao
vosso lado, meu querido leitor, eu vos surprehende-
ria muitas vezes a julgar mal dos homens, ou das
coisas, a fallar inoportunamente, ou a fazer o con-
trario do que deveis, tudo isto por não terdes re-
flectido sufficientemente nas consequencias dos vos-

sos pensamentos, das vossas palavras e acções. E em primeiro logar pela manhã, quando vós resonaes ainda, muito tempo depois do cantar do gallo, ou quando com preguiça vos viraes na cama pelo espaço de uma hora antes de saltar fora della: a pé, a pé! vos diria eu, o tempo gasta-se, e as ferramentas criam ferrugem. Não ficariais consternados, e não sentirieis muito se fosseis condemnados todos os annos a ter uma doença de quinze dias, que vos privasse do trabalho, e do seu respectivo salario? Contae bem e achareis que uma hora perdida em todas as manhãs equivale no fim do anno áquella perda. Perdei outra ainda á noite, deitando-vos uma hora mais cedo sem necessidade, e perdereis voluntariamente tanto, quanto vos fazia perder a enfermidade d'um mez. Os dias são a moeda da vida; as horas a moeda dos dias; com reaes fazem-se tostões, e com tostões moedas de oiro; mas o que está gasto não entra mais em conta. O tempo que fugiu não volta, porque o passado é um abysmo, do qual nada se póde tirar; sentido pois no que deixardes cair n'elle! Não ha obreiro algum que saiba reparar um dia mal empregado, nem cão ensinado que possa achar uma hora perdida. É pois mui prudente não deixar escapar o tempo sem lhe haver espremido todo o succo que elle póde deitar.

Muito bem, eis-vos ahi no trabalho; mas porque razão não estão todas as vossas ferramentas, ou utensilios aqui á mão? Vejo-vos obrigado a levantar-vos, a ir, a vir, e a buscál-os continuamente; e como não achais muitas vezes os que necessitaeis, perdeis a paciencia. Se todos elles estivessem em boa ordem, não

soffrerieis um incommodo semelhante. Ignoraes pois o principio: *Um logar para cada coisa, e cada coisa em seu logar.* Meus amigos, é o meio de evitar a fadiga, e o mau humor. Não acrediteis que o tempo empregado em arranjar é perdido, pelo contrario ganha cento por cento; pois que para arranjar basta metade do tempo que é necessario para procurar. Aquillo que está no seu logar, não se perde facilmente, e o que não tem logar certo, está quasi perdido porque vae mui pouco de uma a outra coisa.

Mas ahi está que não achando o que vos é preciso, pegaes na obra ás avessas. De sorte que uma desordem produz outra. Dir-se-hia pois que ignoraes este principio: *Que se faça cada coisa em seu tempo.* Quando as cartas estão baralhadas, não ficam os naipes seguidos. Se pegardes sem methodo nas diversas partes da vossa obra, em vez de as fazerdes coordenadamente, achareis no fim com damno vosso que não se ajustam. Ser-vos-ha então necessario tornal-as a fazer, e assim gastareis com uma só obra o tempo que bastava para duas.

Que vos aconteceu? Ha pouco estaveis cantando e agora fallecé vosso animo, e pareceis no rosto consternado? Por ventura suggere-vos reflexões tristes o verdes estes ociosos, que andam passeiando a pé, ou em bellas seges? Mas antes de invejar a sua sorte, seria necessario conhecel-a: porque *cada qual* como se diz, *é que sabe onde o fere a meia*; cada qual sente as dôres que o atormentam, e não a gotta que acabrunha os outros. Quem vos diz, que muitas d'essas pessoas que invejaes, não estão sendo devoradas por

grandes penas, ou terriveis inquietações? Uns andam talvez procurando recursos que não acharão; outros andam talvez nas agitações d'uma ambição, que não podem satisfazer; talvez este ande aqui desvanecendo os tristes pensamentos, que o acordaram esta noite; e aquelle, se bem que parece todo soberbo com a sua opulencia, e mui pago de si, póde muito bem achar-se amanhã decaído de tudo quanto o faz passar por feliz. Nem tudo é ganho na representação; as aves nocturnas caçam o brilhante pyrilampo, e não o obscuro grillo. Os ricos não pezam mais do que outros homens, e se precisam de tantos cavallos, é principalmente para o pezo dos seus cuidados. Vós dormistes em paz, e ganhastes da mesma fórma um jornal sufficiente para as vossas necessidades; não sois pois tão ricos, como aquelles, cuja maior parte não tem quanto precisa? Olhae, vede esta pobre mulher cheia de filhos, que pede esmola: se quizerdes poupar um copo de vinho, ou trabalhar mais uma hora, ainda podeis dar-lhe pão para hoje. De que vos queixaes pois! Amigos, é rico, e pode ter-se por feliz e forte, quem, depois de satisfeitas todas as suas necessidades razoaveis, póde ainda dispor de cinco réis, que ganhou. Se entre toda esta gente houvesse quem podesse exprobar-vos alguma má acção, teria dó de vós; mas se ninguem tem direito para vos fazer envergonhar, direi, que longe de poderdes invejar a sorte alheia, só a vossa é digna d'inveja.

Assim depende unicamente da vossa vontade o serdes invejados, em vez de invejosos. Sêde prudentes agora, e para o futuro, quero dizer, poupae o

vosso tempo para tirar d'elle o maior proveito e pon-pae igualmente o vosso ganho para estardes premunidos contra todos os acontecimentos.

Amanhã é dia de festa; como tencionaes passal-o? Adverti que repouso e ociosidade não é a mesma coisa. O repouso é util e necessario, e até faz honra, quando se ganha com o trabalho. Mas a ociosidade não serve para nada, e produz milhares de males. Quem varia as suas occupações, e se diverte com exercicios do corpo, ou da intelligencia, sabe em que consiste o descanso. Mas quem se entrega á inactividade, enfada-se, e nada cança mais n'este mundo do que o aborrecimento. Quando a ociosidade chega a produzil-o, a maior desgraça é adquirir-se aversão para o trabalho que é o unico remedio d'esta enfermidade. Que se faz n'este caso para supportar o pezo do tempo? Joga-se, come-se, bebe-se, entra-se nas vidas alheias, e diz-se mal do proximo. Quem tem a loucura de casar com a ociosidade toma a seu cargo cinco filhos que ella já tem, e que nunca se separam d'ella, a saber: o jogo, a intemperança, a curiosidade, a indiscrição e a maledicencia. Talvez tenha d'ella outros filhos que não serão melhores. Mas ainda quando não tenha mais, já não é pequeno pezo. Basta um d'elles para levar seu pae adoptivo á cadeia, ou pelo menos ao hospital, pois é onde vão acabar os doidos, os preguiçosos, e os malvados. Não é doido quem põe em risco o que ganhou, com o suor do seu rosto? Não é preguiçoso quem espera da sorte o bem que póde ganhar com os braços, e a boa vontade? Não é doido, quem sem fome nem sede consome com gra-

ve prejuizo da sua saude, e da sua intelligencia aquillo que sentirá ter desperdiçado, quando vier a fome, e a sede? Não é um malvado o homem que devora só, e n'um instante sommas que fariam subsistir muitos mezes a sua mulher, e os seus filhos, ou que poderiam vestir-os e aquecel-os? Não está realmente louco quem deixa os seus negocios e o seu trabalho, para se ir metter sem necessidade nos estranhos? Não é mau homem quem anda atraz dos segredos de seus vizinhos? E não é perverso o que anda divulgando os segredos que outrem queria occultar, e que tem gosto em publicar o mal que descobriu?

E se examinarmos mais circumstanciadamente a progenie d'esta mãe demasiadamente fecunda, a que chamam *ociosidade*, se quizermos conhecer os filhos dos seus filhos, veremos uma raça infinita de vicios e paixões. Assim o jogo produz a má fé, o roubo, as mortes e o suicidio; pois quem se fia na sorte, e é trahido por ella, só tem depois confiança na fraude e na violencia, e só lhe resta contra a deshonra o recurso do desespero. Assim a intemperança produz a colera e a impudicia; porque o intemperante aliena involuntariamente a sua razão, e quando a perde, maltrata ou opprime as pessoas que devia amar e proteger, e ultraja tudo quanto devia respeitar. Assim a curiosidade faz nascer a astucia e as mentiras; porque o homem curioso vive de mysterio e de engano. Assim a indiscrição e a maledicencia não tardam a originar a odiosa calumnia, pois quem deseja por força dizer mal, vê-o por fim onde o não ha, ou

inventá-o, quando o não pode descobrir. Assim se ligam finalmente uns aos outros todos estes miserandos descendentes da ociosidade, procreando d'esta sorte os odios, as vinganças, e milhares d'outros flagellos, que era facil desviar com a prudencia, com a moderação, e principalmente com o trabalho e a actividade.

Porém, meus amigos, não basta ter a prudencia que nos livra dos males, que acabo de vos expôr; para ser sabio, cumpre ter a força que nos leva á felicidade, e nos ensina a supportar as desgraças que não podémos evitar.

A força é um gigante que tem tres braços, a saber: a coragem, a perseverança e a paciencia; obra com o primeiro, agarra-se com o segundo, e apoia-se no terceiro.

A coragem, direis vós, é a virtude do soldado que arrosta os perigos, as fadigas da guerra e a metralha do inimigo. É verdade; o soldado precisa d'ella, e, graças a Deus, não lhe falta na nossa terra. Mas examinemos, leitor amigo, se não nos é tambem necessaria na nossa pacifica condição, e se temos tanta quanta mostram os nossos soldados. Estou certo que, sem buscar muito, limitando-nos ao simples exame do nosso interior, acharemos bastantes inimigos que nos cumpre combater, e onde poderemos experimentar a nossa coragem.

Em primeiro lugar não se apresenta a nossa preguiça para nos fechar o caminho em todos os nossos

intentos? Não a acompanham a vaidade e a dissipação, seus alliados naturaes? E não é auxiliada pela obstinação e pela leviandade? Se continuasse a indagar, depressa encontraria um exercito, que nos seria preciso combater, antes de principiar qualquer empresa boa e util.

Encontraremos em segundo lugar mais ou menos difficuldades n'esta empresa, e então é necessaria a perseverança, para não desfallecer e continuar até ao fim. Tenho visto a muitos começar, mas a poucos vi acabar. Tal ha que nunca concluiu uma obra, nem uma boa acção. Quem principia tudo e não termina nada, é como o galgo que ora segue o rasto de um animal, ora o de outro; não podendo elle mudar de pernas, e tendo cada animal as suas descancadas, exhaure as suas forças em vão, e volta estafado sem caça. O mesmo succede ao inconstante; porque sendo a maior difficuldade das empresas o principial-as, tem o trabalho que ellas dão, sem o menor proveito; pica-se para cortar os espinhos, e não logra a satisfação de colher a flor. Lavrar um campo, e não deitar depois a semente nos sulcos, é uma loucura. Para a borboleta sair do seu casulo, é preciso que a lagarta acabe de o formar. Se a gallinha se enfadasse de chocar os ovos, não poderiam nascer os pintos.

Pode estar certo de concluir a sua obra quem antes de a emprehender examinar bem se ella é possivel, e disser depois com firme proposito: «Quero concluil-a.» Sabeis qual é a mais forte de todas as potencias? É a vontade. Com ella aprende-se o que

se ignorava, e executa-se o que se julgava impossível. É como a vara de condão, com que os mágicos fazem desaparecer os obstáculos e nascer as possibilidades. Nas coisas ordinarias da vida, chamamos impossibilidade ao que, noventa e nove vezes sobre cem, não é mais que fraqueza de vontade. Sabei pois querer, e podereis; sabei querer constantemente até ao fim, porque se largaes a alavanca, pode esmagar-vos o peso, que já tinheis levantado. É coisa encantadora um bello principio; e porque? Porque promette bons resultados. Todos gostam das arvores, e porque? Porque d'ellas esperam bons fructos. Porém estae bem persuadidos que estes fructos não chegam a amadurecer perfeitamente, nem são o que era de esperar, se não se formam naturalmente, e se não se desenvolvem sem artificio. Portanto para o vosso trabalho ser bom, é preciso que a vossa vontade, o vosso ardor, e a vossa constancia, sejam verdadeiros, naturaes, e devidos unicamente a vós mesmos. Se desfalleceis, se no vosso trabalho fôr mister que puchem por vós, pouco adiantareis; o cavallo que só anda á força de esporadas, mal ganha o que come.

Reflecti n'isto, e conformae o vosso comportamento ás vossas reflexões; vereis como as difficuldades desaparecem, salvo se em seus decretos o Omnipotente, não tiver ordenado o contrario; pois que, amigos, se a sua providencia quer experimentar-nos, toda a resistencia violenta da nossa parte seria inutil e culpavel. A força n'este caso é a paciencia. Que podereis vós oppôr ás molestias e ás dôres? Se, por alguma culpa

mereceste castigo da parte dos magistrados, ou das pessoas que tem direito de vos castigar, que proveito tirareis de vos rebelar contra quem pode mais do que vós? Se apezar de vossas tentativas, a fortuna não quer favorecer-vos, que farão vossos furores? N'estes casos é forçoso curvar a cabeça; a cana, que se dobra durante a tempestade, endireita-se depois, em quanto que o carvalho inflexivel, uma vez desarraigado, não torna mais a levantar-se. Quem teima a querer morder um seixo, quebra os dentes. Quando o vento não é bom, póde uma embarcação, bordejando com perseverança, andar alguma coisa; mas n'uma calmaria perfeita, preparar as vélas e manobrar, seria uma loucura. Paciencia! esperemos que volte o vento. Porém, dir-me-heis talvez, se tardar, morreremos de fome, porque não temos bastantes provisões. Responder-vos-hei: mais paciencia! e se é forçoso, resignemo-nos, já que não podemos obrigar os elementos a obedecer-nos.

Já vos patenteei de que maneira os vicios geravam outros vicios; agora mostrar-vos-hei como as virtudes geram outras virtudes; assim a paciencia, filha da fortaleza, vem a ser mãe da esperança e da resignação. A esperança! Ah! meus amigos, sem duvida que já foi vosso refugio muitas vezes, como o tem sido a a quasi todos os homens; reflectistes vós alguma vez em que consiste a esperança? Uma taboa n'um naufragio, uma luz nas trevas, uma voz no deserto, a lembrança d'um amigo n'um momento de apêrto, o sorriso do filhinho que agonisa, e sobretudo a idéa d'um Deus justo e clemente á hora da morte, eis a

esperança, eis a companheira inseparavel do homem, de que elle tanto precisa nas suas miserias, e que a mais consoladora e sublime religião elevou á classe das virtudes. Porém ao mesmo tempo esta religião impõe-nos o dever da resignação; pois já que o homem é fraco mortal, cumpre que saiba soffrer e preencher a sua sorte. A Providencia diz: «Faze da tua parte o que poderes, que eu te ajudarei»; dando-nos assim a entender que tenhamos coragem e perseverança. E tambem nos diz: «Sabe supportar o que não podeis impedir»; prescrevendo-nos assim o dever da paciencia.

É notae que na paciencia tudo é ganho. O mal, supportado com resignação e doçura, diminue metade; e pelo contrario a impaciencia duplica todas as desgraças e envenena todas as feridas. O cavallo que saccode a sua carga, não faz mais do que desequilibrar-a, ferindo-se, ou ficando peor do que estava; e o camello paciente atravessa os desertos, levando commodamente a sua carga, e acostumando-se a ella como a uma nova corcova. Quem tem gotta não a cura, dizendo-lhe injurias enfurecido; emquanto que a paz de espirito pode abrandar as suas dôres. Paciencia pois, torno a dizer, quando se não pode fazer por menos.

Assim, caros amigos, se formos prudentes em nossos pensamentos, palavras e acções, moderados em nossos desejos, sobrios e economicos em nossos prazeres, poderemos evitar a maior parte dos males que

acabrunham tantos homens; se formos firmes em nossos designios, corajosos em nossas empresas, activos e perseverantes em nossos trabalhos, seremos estimados e felizes; se formos pacientes nas dôres e adversidades, diminuiremos ao menos os males inevitáveis; a esperança allivia-nos, e Deus recompensa a nossa resignação.

Estas verdades são mui simples, e todavia para as reconhecer foram-me precisos muitos annos de observação e de reflexão sobre mim e sobre os outros. A experiencia que obtive, não deixou de me custar caro algumas vezes, pois; se a experiencia vale oiro, quasi sempre custa o que vale; assim seria grande loucura não se aproveitar da estranha quem a pode ter de graça. Se eu vos dissesse: «Amigos, ahí tendes a casa que eu edifiquei, douvol-a;» não ficariéis contentíssimos que eu vos poupasse d'esta maneira as despesas e cuidados necessarios para a fazerdes edificar vós mesmos? Pois a dadiva d'uma experiencia já feita póde poupar-vos ainda mais tempo, mais cuidados e mais dinheiro. Não a desdenheis pois, caros leitores, e achareis a seu tempo que este presente vale talvez mais do que qualquer outro.

SIMÃO DE NANTUA.

A JURISPRUDENCIA DE SIMÃO DE NANTUA

Depois que deixei o commercio ambulante, em que adquiri maior reputação do que riqueza, deram, não sei porque, em me transformar na minha terra n'uma especie de advogado; e depois de ter bem ou mal arranjado os meus negocios, vi-me, bem contra minha vontade, obrigado a metter-me nos dos outros. Como as minhas consultas eram sempre gratuitas, a sua barateza trouxe-me a casa um sem numero de clientes; e posso dizer sem vaidade, que no meu districto ha poucos advogados, cujo escriptorio esteja tão bem afreguezado, como se achou o meu em mui pouco tempo. É verdade que elles não seguem o mesmo trilho, e que os seus conselhos são mais caros; mas tambem fazem geralmente quanto podem para terem a miudo, e por muito tempo, a visita das mesmas pessoas, e eu pelo contrario nada desejava tanto como acabar com as contendas e ver-me livre dos clientes.

Não obstante, esta confiança com que me honraram impoz-me deveres, e julguei-me obrigado, para lhe corresponder, a adquirir certos conhecimentos, que me faltavam. Este pequeno estudo, as reflexões que elle me suggeria, e a experiencia que me deu a

pratica, conduziram-me a formar pouco a pouco, á minha moda, uma especie de jurisprudencia de bom senso, excessivamente simples, que eu jámais depois deixei de consultar, e que observo ainda exactamente em todas as circumstancias, quando recorrem ás minhas fracas luzes.

Reflectindo n'isso, veiu-me ao pensamento que não faria mal talvez em pôr por escripto os principios d'esta jurisprudencia; que isto me pouparia, a seu tempo, muitas palavras; e enfim que depois da minha morte, ainda poderia por este meio fazer alguns serviços á boa gente que teve confiança em meus conselhos.

Tomei pois este partido, apezar do sorriso de piedade e desdem de que o meu pobre livrinho será objecto, se for cair nas mãos d'algum cabelleira de cachos acostumado á companhia de enormes cartapacios cheios de pó. Deixae-o rir, meu querido compatriota, e talvez, acreditae-me, vós rireis d'elle com mais razão. Não vou citar-vos o grego, nem o latim, nem a lingua dos antigos Gallos; porém, se muita sciencia é necessaria para fallar da justiça, e para a distribuir, não é precisa tanta para a praticar, e lhe obedecer; ora, este é todo o nosso ponto. Deixemos pois fazer aos legistas o seu officio, e tratemos de lhes dar a menor tarefa possivel; mas comtudo não levemos as coisas tão longe, e saibamos tambem recorrer a elles, quando a necessidade ou a prudencia o exigir.

Eu conheci um medico habil, que dizia: É mais facil prevenir a molestia do que cural-a. Creio da

mesma sorte, meus caros amigos, que é mais facil evitar uma má demanda, dò que sair bem d'ella. Quando a agua é baixa, pôde-se fazer um dique; mas se se espera que a torrente engrosse, ella arrastará a terra, e os materiaes. Eis ahi o que é preciso prevêr; pois, se quereis que eu vos diga a verdade, o bom senso é um oculo de vêr ao longe, que nos mostra distinctamente o mal e o bem. Sem este precioso instrumento cegamente se caminha para um e para o outro. São mui pobres desculpas estas palavras: *Eu não sabia... quem diria?... quem acreditaria?...* etc. Os tolos fazem muitas vezes estas exclamações, mas os sensatos evitam-n'as porque o seu oculo os avisa antecipadamente.

Quereis vós, meus amigos, viver em paz, conservar a vossa tranquillidade, o vosso somno e os vossos bens? Ha para isso duas coisas a fazer: primeiramente, evitar questões com os individuos, e em segundo lugar evitar brigas com a sociedade. Estes são os dois pontos principaes da minha jurisprudencia. Vejamos quaes são os simples principios que podemos estabelecer sobre esta dupla base.

A primeira necessidade do homem é não soffrer, portanto o seu primeiro dever é não fazer mal aos outros, e o primeiro artigo da nossa jurisprudencia será: *Não faças a outrem o que não queres que te façam.*

Se desejaes gozar socegados da vossa honra, dos

vossos bens, e dos direitos de vossas pessoas, respeitae os outros em suas pessoas, seus bens e em sua honra. Cão que morde é mordido, gato que rouba é batido; e todo o animal perverso de quatro ou dois pés, é mais cedo ou mais tarde castigado.

Estae bem persuadidos de que os maus tratamentos, e as injurias só dão razão a quem as recebe. O direito da força só prevalece por um momento, porque existe uma mão mais poderosa do que a do homem mais forte, é a mão da justiça. O lobo pôde fugir com o carneiro ás costas, mas o caçador depressa mata o lobo. Se os direitos do vosso vizinho vos importunam, ou vos offuscam, as violencias e ultrages não vos hão de pôr á vossa vontade, e não ha de por certo uma disputa mudar as coisas em vosso proveito. A unica coisa que n'isso ganhariéis, seria dar armas a vossos inimigos. Uma explicação pôde prevenir uma contenda; as más palayras porém não servem para nada, e as pancadas não melhoram os os negocios nem os homens. Não é com um bordão que se reúnem os fragmentos da louça quebrada, nem com gritos se afinam as rebecas; é preciso concertar com muita cautella os primeiros, e ouvir os sons das segundas. Faça cada qual o que puder para arranjar as coisas d'este mundo, e ellas não irão tão mal. Cedamos isto para conseguir aquillo, eis como os homens podem estar concordes, e viver em boa harmonia. Os fructos que se apertam uns contra os outros, e mutuamente são privados do sol e do ar, não podem amadurecer; pelo contrario os que não se incommodam, crescem e tornam-se perfeitos. Imitemos

os segundos, e cada um dé nós gozará de seus direitos; não perturbemos os dos outros, porque, torno a dizer-vos, a colera e a violencia são provas d'egoismo, de inveja, e não de justiça.

A unica força que sempre tem razão é a da verdade. Quem é sincero é forte; quem deseja enganar é fraco; porque a boa fé anda sempre de companhia com o direito; e a falsidade produz em toda a parte as horrendas consequencias de sua natureza. Só o homem honrado e virtuoso pôde ser franco, pois não tem que occultar; mas quem intenta um mau desígnio, ou commette uma má acção, não pôde passar sem mentir. O primeiro está n'um baluarte inexpugnável; façamos por entrar em tão bella posição. Mas convém que a nossa lealdade não deixe a porta aberta ás ciladas dos outros. Podemos fiar-nos nas carícias do cão, mas convém vigiar ás do gato. Muito boa fé, e uma desconfiança razoavel, eis, amigos, a maneira de ter sempre razão, e não ser nunca ligrado.

Talvez me pergunteis para que vos fallo de sinceridade, tratando do respeito que dovenios á pessoa dos outros; é porque na minha opinião o engano, e a mentira são os vícios mais despreziveis, e ao mesmo tempo um dos maiores ultrages que se podem fazer aos outros homens. Antes perdoaria a uma aguia que viesse ao meio dia, e á minha vista levar-me os meus coelhos, do que á traidora doninha que se introduz ás escondidas para os matar de noite.

Como tudo quanto diz respeito aos nossos deveres e interesses, tem uma correlação necessaria, o ex-

posto leva-nos naturalmente a tratar do respeito que se deve á propriedade.

Não ignoro que póde algumas vezes parecer duro, que algumas pessoas possuam muitos bens, sem grande trabalho, em quanto outras, trabalhando muito, possuem pouco. Mas reflectindo, observar-se-ha, que póde cada qual com o seu trabalho possuir ao menos alguma coisa, ainda que não seja senão a sua cania e o seu vestuario, e ninguem gostaria que lhe tirassem a posse d'estes objectos. A pequenina toutinegra defende-se tanto como o pombo bravo quando o cuco lhe quer tirar o seu ninho. O pequenino goso ousa mostrar os dentes ao rafeiro, que vem cheirar a sua comida. Ha pois no espirito de todos os entes animados um instincto que lhes inspira o amor da propriedade. Entre os animaes este instincto não chega a ponto de lhes fazer respeitar a estranha; mas entre os homens dotados de razão e do sentimento do justo ou injusto, deve promover-lhes o respeito pela propriedade alheia. Quem falta a este respeito, expõe-se ao castigo, á vingança e á infamia. Não é verdade que não quereis que andem cubicando a vossa cabana, o vosso curral, as vossas goiras, ou a vossa fazenda? Respeitae pois da vossa parte os palacios, as terras, ou as grandes fabricas dos ricos; pois se não tendes palacios nem fabricas, tambem ha quem não tenha cabana, nem tenda, nem curral. Todavia

ainda estes mesmos possuem alguma coisa; tem o salario que ganham em troco do seu trabalho; este salario é a sua propriedade, e uma vez que o ganharam, deve-se-lhes pagar exactamente: o cavallo que volta da feira, tem direito á ração, e se lh'a não derem, ha de ter tentações de tomar a do seu vizinho.

O que um homem adquiriu, pertence, depois da sua morte, a seus filhos, ou aos outros herdeiros, que deixar, o que é justo, porque a vergontea vive sobre as raizes que a arvore tem. Não vos admireis pois se algumas pessoas possuem bens sem terem feito a menor coisa para os obter. Ganharam-nos seus paes, ou seus avós com os seus trabalhos ou serviços, e pertencem-lhes portanto legitimamente. Em vez de lh'os contestar, trabalhae da vossa parte para deixar um patrimonio a vossos filhos. Não ha proposito que dê maior coragem e ardor, ou que excite mais o genio e a industria; sem este estimulo, não possuiriamos a maior parte das obras dos homens. Para que serviria gastar tanto dinheiro na edificação de uma casa segura, quando poucos annos restam a quem a edifica? Para que plantaria arvores quem lhes não hade gozar a sombra, e cujos troncos não poderá vender na sua vida? Mas fazemos tudo isso, para deixarmos a nossos filhos, ou ás pessoas de quem gostamos, o fructo de nossos suores, e de nossas economias. Quereis saber uma das coisas que mais distingue o homem dos animaes? É que os animaes só se reproduzem, e o homem continua a sua existencia na de seus filhos. O bezerro, o poldro e o burrinho são in-

dividuos novos, estranhos aos que lhe deram a existencia, assim que podem passar sem elles. O meu filho é outro eu, é uma continuação da minha pessoa-a quem transmitto o meu nome, os meus bens, a minha reputação, a minha honra, os meus titulos e a minha gloria, se tive genio para a adquirir. O que lhe deixo é tão sagrado nas suas mãos, como o era nas minhas; de tal sorte que as leis tem cuidado de o proteger na sua posse, quando a sua idade não permite defendel-a: dá-lhe até á sua maioridade um tutor que é responsavel de tudo.

As funcções de tutor são delicadas, e difficeis, e aconselho-vos caro leitor, que não aís acceiteis sem a maior reflexão. Mas se a isso vos obrigar a vossa posição, a honra, ou algum sentimento de gratidão ou de afeição, fazeis bem em não concluir, n'essa qualidade acto nenhum; em não dispôr de cabedaes vossos, ou de vosso pupillo; e finalmente em não assignar papeis, sem consultar previamente uma pessoa instruida n'estas materias. D'isso póde depender o vosso proprio bem, e a sorte de vossos proprios filhos. Direi mais, que a qualidade de tutor não só impõe o dever de vigiar sobre os interesses materiaes do pupillo, senão tambem o de ter cuidado na sua educação, nos seus costumes, e no seu comportamento. Do primeiro d'estes deveres estaes responsaveis perante a lei, e do segundo perante Deus, e a sociedade. Isto fórma um grande encargo, e um dos que sempre temi mais vêr recair sobre mim; pois é menos incommodo sentir sobre as nossas costas uma barra de ferro, pezada e dura, com tanto que

nos pertença, do que ter nas mãos um crystal leve e fragil de que se deve dar conta a outrem.

Tenho encontrado bastante gente, mui disposta a esquecer-se de que pertence a outro proprietário o que lhe emprestaram. Para desgraça sua, os credores tem geralmente melhor memoria, e vem muitas vezes avivar a do devedor em occasião opportuna. É esta uma das nascentes mais fecundas, que alimentam o rio immundo da chicana. Quereis saber os meios porque se pôdem evitar? Eil-os aqui.

Se trataes de pedir emprestado, lembrae-vos de duas coisas: primeiramente, que é preciso restituir, e que a exactidão é filha da probidade, e mãe do credito; e em segundo logar, que um emprestimo é um cabresto posto ao devedor, cujas extremidades ficam na mão do credor, ou para melhor dizer, que o devedor é uma caça, de que o olfacto do credor não perde nunca o rasto.

Se pelo contrario quereis emprestar, lembrae-vos de tres coisas: a primeira, que é necessario tomar bem o cheiro da caça, e apertar bem o cabresto, quero dizer, saber a quem se empresta, e tomar as seguranças necessarias; a segunda, que se faz secar a arvore, que obrigamos a dar demasiado fructo, isto é, que o dinheiro que produz mais do que deve, vaõ arriscado; e a terceira, que ninguem pôde dis-

pôr senão do que possui realmente, quero dizer, que será loucura receber em penhor bens, que o devedor ainda não possua, pois que ninguém tem direito para arriscar o que pertence a outrem.

Sede fieis a estas maximas, e não tereis chicanas com devedores, nem com credores. Claro está que só fallo aqui de negocio, e não d'esses empréstimos d'amizade, ou de caridade, em que muitas vezes se faz o maior sacrificio possível pela satisfação de ser util; o que é differente, e tão louvavel quanto consolador; mas, ainda n'este caso repito, só podemos dispôr da nossa bolsa, e ninguém tem o direito de ser caridoso e serviçal com a fazenda alheia.

Devem-se respeitar os bens dos outros nas minimas coisas. Uma espiga do campo de vosso visinho, una maçã do seu pomar, um cacho da sua vinha, não vos pertencem mais do que toda a colheita. Não se trata de dizer: *Que vale isso?* Pois se todos dissessem a mesma coisa, a ceifa e a vindima estariam feitas sem o proprietario o saber. O *meu* e o *teu* são duas palavras mui pequenas, mas tem grande significação. Abrangem todas as coisas, e formam innumeraveis tapadas, sem as quaes não haveria segurança para ninguém. O *teu* cerca a casa, o campo, a mulher, os filhos, os creados, a mobilia, as riquezas, ou a pobreza do meu visinho; e não posso deitar a mão, nem o desejo sobre estes bens, porque não quero que o desejo ou a mão de meu visinho caia sobre o que encerra o *meu*.

Eis chegada a occasião opportuna para tratar d'outra propriedade, ainda mais sagrada do que estes bens materiaes, quero dizer, da honra.

A honra é a maior de todas as riquezas, pois quem a conserva, depois de perdido tudo, pôde consolar-se, e mesmo restabelecer-se; pelo contrario a perda da honra é irreparavel, e não ha no mundo riquezas que a possam recuperar. Atacar pois a honra de um homem é fazer-lhe maior damno do que atacar os seus haveres. Assim o maldizente e o calumniador são malvados mais temiveis do que os salteadores armados, e os ladrões nocturnos; e só se lhes pôdem comparar os que lhe dão ouvidos, e os que repetem suas calumnias; pouco ruido fariam os sinos, se não houvesse ar para propagar os sons, nem se ouviria ao longe o trovão, sem os echos que o reproduzem. Porém deixemos estes miseraveis, a quem o céu e a sociedade fazem a devida justiça, mais cedo ou mais tarde. Advertirei tão sómente os meus honrados leitores, que não se deixem levar do impeto nas discussões, para não cairem n'essas injurias que pôdem comprometter a honra, e ferir um homem no que lhe é mais caro. Notae que uma má palavra é muitas vezes mais perigosa do que uma má acção. O interesse e o amor proprio ainda pôdem pactuar; mas a honra jamais. Basta uma palavra para recordar milhares d'ellas esquecidas; quando a lingua abre uma ferida, é lanceta envenenada.

Creio, amigos, que se dereis attenção ao que acabo de vos dizer, tereis regras para não offender ninguem na sua pessoa, na sua honra ou propriedade, e tam

bem para vos fazerdes respeitar, e finalmente para não vos comprometterdes, nem entrardes em tristes contendias. Para o que segundo vistes, não precisaes sacrificar vossos direitos, quando são legítimos. Porém devemos lembrar-nos d'este principio: *Nem sempre é bom o que é permittido*. Assim, por exemplo, a lei, não podendo prever rigorosamente todos os casos, estabeleceu certos limites á validez de certos contractos, para evitar os inconvenientes, que em diversas circumstancias poderiam ter, se fossem válidos eternamente. Mas, para a consciencia não ha prescripção; não basta, para o homem de bem se ter por desonerado, que ninguem lhe possa pedir contas, é preciso que preencha todas as suas promessas. N'este caso, e em muitos outros, antes de usar d'um direito rigoroso, interrogae a vossa consciencia, e não invoqueis contra os outros o beneficio da lei, se não estiver concorde com a equidade.

Vejamos agora o que diz respeito ás vossas relações com a sociedade, e passemos á segunda parte da minha jurisprudencia.

Quando vos associaes com alguem para uma empreza, ou commercio, fazeis uma convenção, pela qual cada um tem o seu ganho, e supporta a sua parte de trabalho ou perda. O mesmo acontece na sociedade, e para gozarmos das vantagens, que ella

nos assegura, cumpre submetter-nos aos sacrificios que ella exige. Estas vantagens consistem principalmente na garantia da pessoa, e direitos de cada qual contra as tentativas dos poderosos ou malvados; para isso, é necessario um governo, uma administração, tribunaes, um exercito; e é tão justo, quanto indispensavel, que cada qual contribua da sua parte para estas despezas communs; n'isto consistem os sacrificios.

A escriptura d'esta grande sociedade é o codigo das leis, onde estão determinadas todas as suas condições. E para que ninguem possa dizer que taes condições lhe foram impostas arbitrariamente, e sem o consultarem, não se póde fazer uma lei sem o consentimento dos deputados, que a nação escolhe para a representarem e defenderem seus direitos. Ao menos, assim se faz na nossa terra, e não é pequena vantagem o viver n'um paiz, onde o povo goza de tamanho privilegio. Para o merecermos, cumpre obedecer pontualmente á lei, isto é, abster-nos do que ella prohibe, e submetter-nos ao que ella prescreve.

A lei prohibe tudo quanto póde ser nocivo a outrem. Se pois tiverdes tentações de usar de violencia, ou astucia para enriquecer á custa do publico ou dos particulares, talvez vos acheis por fim enganados; porque a justiça é mais habil do que vós: tem olhos que veem tudo, e de longe, e braços, que se estendem á sua vontade.

A lei prescreve o que é necessario ao bem geral, e o que é dos interesses da commuidade. Assim, as contribuições são necessarias para as despezas do governo, da administração, da justiça, do culto e da

guerra; para a conservação das estradas, dos canaes, das pontes, dos hospitaes, das escolas publicas e outros estabelecimentos uteis, para o que deve concorrer cada qual segundo as suas posses, e as necessidades do Estado, reconhecidas cada anno pelos deputados dos departamentos. É uma divida justa e sagrada, e seria tamanha loucura não querer pagal-a, como recusar a nossa parte nos gastos d'uma associação particular. Não ignoro que muitas vezes os impostos são pesados; mas que se lhe ha de fazer, quando a sua necessidade é evidente? É mais uma razão para serem repartidos com egualdade, pois quanto mais pesado é o carro, tanto mais exigis que todos os cavalloos puxem por elle ao mesino tempo, e depressa esportais com o azurrague os que vão deixando a sua parte aos outros.

Não murmuremos pois dos impostos, nem espere-mos poder evital os com subterfugios e mentiras. É um prejuizo mui frequente o pensar-se, que é licito enganar o fisco, e os recebedores da fazenda publica. Porém, não vos deixeis cair em similhante erro, pois além de que isso seria reter os bens alheios, como se não pagasseis qualquer outra divida, é tambem quasi sempre um meio certo de pagar mais que o devido. As multas foram estabelecidas para obrigar o defraudador reconhecido a pagar por muitos collegas, e o cobre, que ganhou com mentiras, vem a custar-lhe muito oiro.

Não nos tenhamos tão pouco por mais sabios, e mais habeis, do que os authores da legislação. Não vale a pena, direis talvez, de mandar registrar este ou aquel-

le acto, e de dar ao fisco o vosso dinheiro. Morreu um pae de familias, sabemos o que tinha; para que serve um inventario? Estas razões parecem-vos hoje boas; mas que direis, se passado algum tempo, vos contestarem a data do vosso acto, ou vos pedirem contas de coisas que não estavam nos bens do defunto? Onde achareis provas e titulos para vos livrardes d'estas reclamações injustas? Ahi estão casos que não previsteis, e que a lei tinha remediado, prescrevendo estas prudentes precauções.

Estas considerações induzem-me a dizer-vos outras coisas, que a experiencia me ensinou, e vem a ser, que é tão imprudente, quando contrario à boa fé, o declarar nos actos coisas que não são verdadeiras. Acontece demasiadas vezes, que para evitar algumas custas nas vendas, arrendamentos, e outros contractos, se occulta o verdadeiro valor, e se recorre a mil astucias. Mas estes actos incompletos e fabulosos são uma fonte inexaurivel de demandas; porque a lei só protege a verdade, e a rectidão, e não reconhece isso que chamam fidei-commissos, nomes emprestados, ou homens suppostos, e declarações mentirosas. Abstenhamo-nos pois de recorrer a taes astucias, e paguemos o que devemos, em vez de mentir; pois nunca se ganha em declarar uma falsidade, nem em assignar uma mentira.

O mais duro dos deveres sociaes é sem duvida o que nos obriga a dar cada anno algum de nossos filhos para soldados. Confesso que este sacrificio é penoso; e se alguem me podesse indicar outro modo de ter uma força armada, que fizesse respeitar as fronteiras do reino, e defendesse as vossas familias, e propriedades dos ataques dos estrangeiros, ou se alguem me provar que esta força é inutil, direi que tendes razão de murmurar. Porém basta o mais leve bom senso para comprehender que o sacrificio é indispensavel, e o que se deve desejar é que seja repartido com egualdade, e pese indistinctamente sobre todas as familias. Ora, para isso não creio que haja juiz mais imparcial do que a sorte, e é justamente o que a lei escolheu. Se fez algumas distincções ou privilegios, foi em favor dos enfermos, dos filhos de viuva, que sustentam suas mães, e dos jovens, cujas familias já pagaram a sua divida, tendo outro filho no exercito, o que é summamente justo. E vede a providencia da lei; se tira um homem da profissão que elle tinha escolhido, abre-lhe outra carreira em compensação; dá-lhe uma condição honrosa e offerece-lhe a possibilidade de ganhar postos; pois não ha soldado, que não possa, com o seu bom comportamento e com o seu valor, achar um dia na patrona as suas dragonas d'alferes.

Longe pois de murmurar, amigos, submettamo-nos á lei, e abençoemol-a, porque é o nosso amparo, e a nossa protectora. E para lhe mostrarmos o nosso respeito e o nosso amor, respeitemos tambem todos quantos ella reveste de qualquer authoridade, ou força.

Tenho ouvido muitas vezes declamar contra os officiaes, ou agentes publicos, taes como escrivães, soldados de policia, recebedores, ou varios outros, e sempre disse em taes casos: Quem tem tamanha aversão para com os servos, não está bem com o amo, ou deseja pelo menos desavir-se com elle. Estes officiaes e agentes, são effectivamente servos da lei, assim como nós mesmos o somos igualmente, pois em caso de necessidade devemos fazel-a respeitar, como um thesouro commum confiado á guarda de todos os cidadãos. Se visseis um homem, que estivesse damnificando um monumento publico, não iréis dizer-lhe: Esse monumento pertence-nos, para que o estragães? Pois a lei é o mais precioso de todos os monumentos, e deveis portanto impedir igualmente que a destrúam.

E quo direi das circumstancias tão graves, em que sóis chamados a fazer justiça, para assim dizer? Ninguém está livre de ser citado, como testemunha, perante um tribunal; uma grande parte dos cidadãos tem as condições necessárias para serem jurados, em cargo delicadissimo, de que ninguem póde desonerar-se, e cujas obrigações cumpre portanto conhecer exactamente.

Como testemunha basta tão sómente declarar o que sabeis sobre o pleito, de que se occupa a justiça. Deveis dizer a verdade inteiramente e nada mais que a verdade, pois assim o juraes perante Deus e os homens. Se por meio d'um testemunho falso, fizerdes absolver um reo, ficaes responsaveis de todo o mal, que elle fizer depois á sociedade. Se o vosso teste-

munho falso fizer condemnar um innocente, incorreis na mesma pena que elle tiver. Não vos aterreis com esta grande responsabilidade, pois quem tem boas intenções e a consciencia pura, não deve atemorizar-se com dever algum; além do que, se fosseis accusado injustamente, não querieis que faltasse á audiencia a testemunha que podia justificar vos. E finalmente se os vossos sentimentos não forem motivo sufficiente para vos impellir ao cumprimento d'este dever, lembrae-vos então que ha multas para as testemunhas ausentes.

Como jurado, as funcções são mais elevadas. Deveis escutar com attenção a accusação, as testemunhas, a defesa, n'uma palavra, tudo quanto se refere ao processo, e depois responder conscienciosamente ás questões, que o presidente do tribunal vos propuzer; eis a vossa obrigação, e quanto se exige da vossa parte. Prestando a maior attenção, e respondendo com inteira convicção *sim*, ou *não*, não vos inquieteis com os resultados da vossa declaração; quaesquer que elles sejam, não ficaeis responsaveis senão da vossa attenção e boa fé, e podeis dormir em paz: *Faz o que deves, aconteça o que acontecer*; ropei esta maxima do justo, e não vos aterreis. Sobretudo não façaes, como muitas pessoas fracas, que tenho encontrado atemorizadas, quando vão para o tribunal, e bem decididas a responderem tão sómente ao que puder absolver todos os reos. Que bella justiça! Tratar os culpados como os innocentes, não é ultrajar os segundos? Não é trair a sociedade o comprometter a sua segurança? Não é uma perfidia e uma covardia?

Amigos, entendei melhor a dignidade das funcções dos jurados, e notae que o privilegio de serdes julgados pelos vossos eguaes é assáz bello e precioso, para que nos disvellemos em merecel-o e conserval-o, exercendo-o com zelo e firmeza. O cavalleiro que tem a cabeça defendida por um bom capacete, seria louco, se, pelo achar pesado, o deitasse fóra.

Eis, leitor amigo, toda a minha jurisprudencia. Não é grande nem profunda; mas para andar n'um caminho, não é preciso que esteja illuminado; basta um facho, principalmente se é o do bom senso. Pelo que me toca, confessar-vos-hei que, praticando o que acabo de vos expor, evitei toda a minha vida, e fiz evitar a muita gente, as contendias e disputas, que poderíamos ter com os particulares e com a sociedade. Espero que vos aconteça outro tanto, o que me dará muita satisfação, porque assim evitarcis grandes penas, inquietações e talvez a vossa ruina. Uma demanda é um sino que está retinindo de noite e de dia aos ouvidos, e que vos não deixa descansar, nem ouvir. É uma bomba collocada no vosso cofre, que o esgota até ao fundo. Permitta Deus que eu possa d'esta sorte livrar-vos de semelhante flagello! Mas não ousou assegurar-vol-o, porque ha gente que não atende a razão, nem pode viver sem contendias. Ora, se por desgraça vossa, tivessesis negocios com gente

d'esta, os preservativos seriam insufficientes, e forçoso seria recorrer ao remedio, quero dizer, defender-vos. Então cessa a minha jurisprudencia, e é preciso recorrer, sem hesitar, á de um legista. O diabo não é tão feio como o pintam; e além d'isso, em todas as coisas, é melhor recorrer a homens do officio: um chappelleiro pode fazer o seu chapeo mas não as suas botas; um carpinteiro pode arranjar o seu carro mas não o seu relógio. Fazei pois o melhor que poderdes tudo quanto é da vossa competencia, e não deixeis de tomar conselho sobre o que não podeis saber.

SIMÃO DE NANTUA.

A MEDICINA DE SIMÃO DE NANTUA

Não tenho a presumpção de ser doutor em coisa alguma, e muito menos em medicina. Porém se Deus me deu algum bom senso, foi para me servir d'elle, e creio que este dom se pode applicar a tudo. Assim, por exemplo, da mesma sorte que a maior parte das nossas desgraças e tormentos, são fructos da nossa loucura, o maior numero das molestias e miserias corporaes, que nos affligem, provém unicamente da nossa extravagancia. A sciencia que nos ensina a prevenir os males d'este genero, é uma especie de medicina ao alcance de toda a gente, e em que todos podemos ins-

truir-nos sem outro medico mais que os nossos olhos, os nossos ouvidos e a nossa razão; isto é, com uma pouca de observação e reflexão. Esta medicina preservativa, se fosse mais geralmente conhecida e praticada, só poderia sem duvida fazer algum mal á que trata de curar; porém não acontece isso, e parece, que antes queremos expor-nos a todas as consequências de uma molestia, do que ter o cuidado de a impedir de nascer. Pelo que me toca, adoptei o principio contrario, e penso que o mal que se soffre é uma coisa certa, enquanto que a cura, que se busca, é incerta; e portanto fiz sempre quanto pude, para evitar o primeiro, afim de recorrer á segunda o menos possível. Como em todo o curso da minha vida me achei bem com este methodo, desejava decidir-vos a seguir o mesmo preceito, para o que vou consignar aqui alguns principios, que são resultados de minhas observações.

Se não quero fazer de doutor, tão pouco quero passar por charlatão; raça, que desprezo como a mentira, e temo como o veneno. Não vos digo pois, que, seguindo os meus preceitos, evitareis todas as molestias. Ninguem deve pedir, esperar, nem persuadir-se do impossivel. Quando pondes o vosso capote, não tendes a certeza de que o não ha de atravessar uma tempestade violenta; mas já é uma grande probabilidade para não serdes molhados, porque vos livra da chuva ordinaria. O mesmo digo da minha medicina: não vos ha de livrar da morte, mas pode demoral-a, e poupar-vos muitas indisposições e talvez grandes molestias,

Não me achando sufficientemente habil para inventar um modo de expor claramente a minha doutrina, procurei um modelo. Ora quem se resigna a seguir um exemplo, deve ao menos tomar o melhor; adoptei portanto o que nos deu Hippocrates, esse famoso medico da antiguidade, cujo nome ainda citam hoje em todas as suas obras os doutores do nosso tempo. Dictou elle os seus preceitos em forma de sentenças, vulgarmente chamadas aphorismos. Gosto d'este modo de escrever; parecem-me as coisas mais facéis de comprehender e de conservar na memoria. Vou pois segui-lo, desejando que os meus aphorismos, prevenindo as molestias, dispensem os do velho Hippocrates, os quaes são destinados a cural-as.

SIMÃO DE NANTUA.

APHORISMOS DE SIMÃO DE NANTUA

1. A força e a pureza da alma, tem uma influencia prodigiosa sobre a força e a saúde do corpo: se a alma está corrompida, destroe o corpo, como um liquido corrosivo destroe o vaso que o contém.
2. Os vicios são uma raça fecundissima; raro é o que não possa gerar cem molestias, e quando não tem senão um filho, é quasi sempre a morte.
3. A morte e as enfermidades, tem quasi sem-

pre cinco ministros activos e temiveis, que são: a intemperança, a preguiça, a colera, a inveja e a falta de aceio.

4. A sabedoria divina deu a todos os actos necessarios para a nossa conservação o attractivo do prazer; assim como aprouve á bondade de Deus, dar-nos o prazer para nos descançar das fadigas da vida. O prazer é pois uma coisa boa. Mas quem abusa d'elle não se conserva nem descança, fatiga-se e destroe-se.

5. Não ha coisa boa, cujo excesso não possa ser funesto: o sol é necessario para que amadureçam os fructos, mas se brilhasse sem interrupção, queimall-os-hia. A chuva refresca e fecunda a terra; mas se não cessasse, inundaria os campos e afogaria as raizes. Da mesma sorte o amor é destinado a dar a vida e a embellezal-a; mas a libertinagem e a devassidão são o seu flagello e o seu algoz.

6. O sentido do paladar é uma sentinella avançada para reconhecer os alimentos, antes de os deixar entrar no estomago. É seu dever avisar-nos, se são amigos ou inimigos, e se ha onde os alojar. Sentido pois na praça se a intemperança vier corromper a sentinella!

7. Quando um balão está cheio, o ar que se lhe introduzir de mais, só servirá para o fazer rebentar. Pois da mesma sorte o que introduzirdes no vosso corpo, além do necessario para o seu sustento, só lhe servirá de ruina.

8. O vosso estomago é o cavallo que leva todas as vossas bagagens; com a prudencia conveniente

pode levar-vos longe; porém, se o carregaes de mais ou se o não deixaes descansar, largará as bagagens no caminho.

9. Beber para reparar as forças ou apagar a sede, é um prazer justo, mas beber sem ter sede é loucura. Quando um prado precisa de agua, faz-se um rego e não um dique para lhe lançar o rio.

10. É triste mercado o vender a razão por alguns copos de vinho. É preciso estar doido para arriscar a vida por uma garrafa de vinho.

11. Não vos deixeis tentar pela palavra *aguardente*; não aquenta ninguem, e queima muitas existencias.

12. Não despejeis a bolsa pelo prazer de atulhar a barriga; porque se passa melhor e se anda mais direito com o dinheiro na algibeira, do que com o vapor do vinho na cabeça.

13. E para vos não deixardes seduzir, occupae-vos constantemente, porque a intemperança não póde andar sem a preguiça, e onde a não encontra, não se demora muito.

14. A preguiça é um somno em que ninguem tem bons sonhos, e que não renova as forças do corpo nem as da alma.

15. O braço que anda ao peito, enfraquece; e o que trabalha, engrossa e vigora. O preguiçoso está no caso do braço que anda ao peito.

16. O trabalho que exercita os membros, faz bem á saude. Se vossas occupaões vos retém sedentario, se vedes que vosso sangue não circula bem, passeae nas horas de repouso; pois quem trabalha senta-

do, só pode descansar passeando, e, quando o corpo está pesado, um bom exercício produz o effeito de uma sangria.

17. A preguiça occasiona a miseria, e esta mata o corpo com privações e o espirito com tormentos.

18. A actividade produz a abundancia, e esta é mãe da saúde e da alegria.

19. Evitae pois a apathia, como um abafador, que tudo apaga; mas livrae-vos egualmente do brazeiro da colera, que tudo consome n'um instante.

20. A colera é uma das enfermidades do espirito mais perigosas para o corpo: inflamma o sangue, agita o coração, ataca os nervos e o cerebro; pode fazer endoidecer ou dar morte repentina.

21. Comparo a colera a uma peça de artilheria com duas bôcas, uma das quaes está sempre virada para o artilheiro, e o mata muitas vezes.

22. Ha quem pense que a colera allivia, e que é preciso exhalal-a. Cumpre dizer n'este caso, que o remedio é peor do que o mal; é deitar-se ao rio, para extinguir a sede.

23. O unico allivio para quem se sente irritado, é ser senhor de si e comprimir a sua colera. Apagae todas as pequenas chammas, e evitareis o incendio.

24. Notae tambem, que no vosso furor podeis commetter um crime, e quando a razão voltar, não fugirá o remorso, lima devoradora, que roe o espirito e o corpo.

25. A inveja é outra lima, que não faz menores estragos do noite e de dia. Transforma a felicidade dos outros n'uma especie de phantasma, que agita a

existência do invejoso e o faz acordar em sobresalto.

26. A inveja torna as suas victimas pallidas, magras e amarellas; tira-lhes o somno e o appetite; e o único bem que faz, segundo dizem, é fazer arrebentar o invejoso.

27. A inveja, a colera, a preguiça e a intemperança, são immundicies que maculam a alma; prevenamo nos egualmente contra as que podem corromper o corpo e o atacam immediatamente.

28. O dinheiro que se deixa em contacto com liquidos corrompidos não se pode conservar são e puro. A ferrugem fura por fim a cassarola que ninguém esfrega. A falta de azeite é também uma especie de ferrugem que pode corroer o corpo e alterar a saúde.

29. Se o sol luz para toda a gente, se o rio corre para todos, e para todos circula egualmente o ar: não ha miseria que possa impedir-vos de lavar vosso corpo, vossa roupa e vossa loiça, de varrer vossa casa e de renovar-lhe o ar.

30. Se o não fizerdes, asseguro-vos que, reunindo-se na vossa pelle as immundicies, se hão de converter em ulceras e bichos; que a falta de azeite ha de gerar venenos nos vasos em que puzerdes vossos alimentos; que a humidade em vossas habitações, vos expõe a ficar paralyticos; e finalmente que o ar corrupto dar-vos-ha uma côr amarellada, alterará a vossa respiração, em quanto vos não suffocar inteiramente.

31. A obstinação e a ignorancia, que andam sempre juntas, são também causas frequentes de nos-

sas molestias e de nossa morte. Offerecem-nos meios para nos preservarmos de certos males; mas soberbos com a nossa ignorancia, rejeitamos os conselhos, queremos saber mais do que aquelles que passaram a sua vida a estudar, e esperamos pelo mal com obstinação estúpida.

32. Quanta gente não quer ainda capacitar-se, que é mais simples e seguro vaccinar-se, do que curar as bexigas?! Quantos não riem ainda, quando se lhes diz que o vapor do carvão mata, e que a maior parte dos cogumelos envenena?! São loucos, que só acreditam quando já é tarde.

33. Não os imiteis, amigos; e se vos vier alguma molestia, que não podestes prevenir, seguindo meus aphorismos, recorrei promptamente a um medico, capaz de vos curar; pois não convém esperar, para buscar agua, que o edificio esteja abrazado.

34. Mas, neste caso, não acrediteis promessas maravilhosas; pois, se ha prudencia na confiança, não acontece outro tanto á credulidade.

35. Desconfiae dos charlatães que teem um remedio para todas as molestias; casaca que serve a toda a gente, não está bem a ninguem. Palavras e astucias não curam nenhuma molestia, e o remedio que pode curar uma, é muitas vezes um veneno para outra.

36. Eis, caros amigos, a minha medicina; não tem, segundo vedes, grande apparatus, e não é provavel que me grangeie o capello. Porém direi: um bom cosinheiro não precisa de muita carne para fazer boa sopa; e da mesma sorte, quem sabe apro-

veitar-se das coisas, póde de um bom conselho tirar mil proveitos.

SIMÃO DE NANTUA.

A BONDADÉ DE SIMÃO DE NANTUA

Leitor amigo, conheço duas coisas, que os ricos não podem comprar, e que formam a riqueza, ou para melhor dizer, a consolação do pobre, quando as sabe merecer: estas duas coisas são a estima e a afeição da gente honrada. Desejando conseguir este thesouro precioso, busquei com desvelo os meios de o adquirir, e cheguei a reconhecer que a sabedoria grangeia a estima, mas que não basta para conciliar a afeição. Esta, segundo me pareceu, só se grangeia com a bondade: pois só amamos bem e muito tempo os que julgamos capazes de outro tanto; e, para ser capaz de amar, é necessario ser bom. Podemos assegurar que um homem que não tem amigos, nunca foi amigo de ninguem, e que nenhum coração pódo ligar com um coração sêcco e insensível; pois como se ha de apertar a mão a quem só apresenta um dedo? Se o enxerto sécca, não póde a arvore unir-se a elle, nem dar-lhe seiva; e para duas peças collarem bem, é preciso que estejam ambas untadas.

N'estas reflexões desci ao fundo do meu interior, para examinar se tinha o necessario para adquirir

amigos, sobretudo para os conservar. Pareceu-me que em summa era soffrivel, apezar da minha parte de defeitos, e isto deu-me grande alegria, sentindo que desejava bem aos outros, que não queria mal a ninguem, que era susceptivel de affeição, e que por tanto podia contar com a felicidade de ser amado. D'este exame tirei ao mesmo tempo o proveito de achar em mim alguns defeitos, de passar em revista uma serie de deveres mui doces, e de melhor desenvolver os bons sentimentos que em mim pude descobrir. Quando se faz um inventario, deitam-se fora as coisas inuteis, e dá-se ao que póde servir a melhor ordem possivel.

Talvez gosteis que vos faça confidentes das minhas descobertas. Se vos forem uteis, peço-vos, em recompensa que augmenteis o numero dos homens honrados, cuja affeição e estima são para mim o mais precioso de todos os bens.

A primeira resposta do meu coração quando o interroguei sobre os seus deveres e suas affeições, foi esta: *teu pai, e tua mãe!* Senti que estas palavras acceleravam o seu movimento, e fiquei contente. Sim, sim, exclamei; ellas encerram o essencial: respeito, gratidão, amor e confiança. Ah! Simão, não podes jámais esquecer o que lhes deves: o beneficio da existencia, o cuidado que tiveram na tua infancia, as

inquietações, as fadigas, as vigílias d'aquella que te deu á luz e te alimentou com o seu leite; a indulgencia, o zêlo d'aquella que trabalhou para te educar e preparar a tua sorte; a educação que recebeste d'elle, e os exemplos que elle te deu. Oh! Simão, lembra-te eternamente que n'estas palavras — *pietade filial* — ha certa coisa que indica que teu pae e tua mãe representam Deus na terra; e que devês honral-os, obedecer-lhes e servir-os. Quando forem velhos e enfermos, ajuda-os, e trabalha então da tua parte para lhes fornecer o necessario. Ainda quando tivessem defeitos, não os vejas, e se outros t'os mostrarem, desculpa-os, fal-os respeitar, tornando-te a ti mesmo justo e respeitavel; pois o filho virtuoso é um escudo, que protege a fraqueza de seus paes. Quando o ribeiro corre transparente e puro sobre bellos seixos reluzentés, faz honra á nascente, e ninguem pergunta se ella é turva ou clara.

Lembra-te tambem, Simão, que tivestes em outro tempo uns fumos de ambição; se o acaso realizar uma d'essas loucuras, e te der um dia uma condição mais brilhante, lembra-te que te deve servir para honrar ainda mais teu pae, e não para te envergonhares d'elle. O filho que se envergonha da origem humilde de seus paes, deshonra-se a si proprio, pois declara-se ingrato, orgulhoso e indigno de melhor sorte, sem n'isso ganhar a menor coisa; o burrinho que entra a imitar o potro, é agarrado pelas orelhas e obrigado a supportar a albarda, que lhe é destinada.

Qualquer que seja a nossa felicidade, tenhamos o pundonor de a consagrar áquelles sem os quaes não

seríamos nada, nem poderíamos possuir coisa alguma. Mereçamos sobretudo a sua benção, pois quem não é abençoado de seus paes, não póde esperar graças do ceo nem favores da terra. O filho ingrato ou impio, é expulso como um insensato incuravel e como um ente monstruoso. Infeliz d'elle, se vier a ser pae! Na sua velhice não ousará reclamar os direitos que elle infringiu; o respeito de seus filhos fará córar de remorsos seu rosto encanecido, e não ousará abençoar a sua posteridade com receio de lhe ser funesto. Ah! Simão, dá-te por aventurado; sentes-te ditoso de ser pae, sem duvida foste *bom filho!*

Ditoso de ser pae! Ah! esta phrase accelerou o movimento do meu coração. Como poderei eu fazer comprehender a quem as não achar em si, as doces commoções que estas unicas palavras são capazes de produzir? Quão justo e bom foi Deus, quando deu tamanha satisfação e tantos encantos a deveres tão necessários! Soffrimentos e fadigas, não se esquece tudo ao primeiro sorriso de nosso filho? Que temor, que interesse, que esperanças risonhas se tem n'um ente tão fraco, nos seus primeiros passos, nos seus menores gritos, em cada nova palavra que balbucia! Ah! que sentimento ha mais doce, mais involuntario, e mais desinteressado! Sabemos que um dia havemos de cessar de ser a sua unica affeição; não importa,

não exigimos retribuição completa da que lhes damos; que sejam felizes mesmo sem nós, e até contrahindo novos deveres e afeições, é quanto desejamos, é o unico fim de nossos esforços, é a nossa maior ambição. Dôres, penas, vigílias, trabalhos, nada custa a um pae, que vê diante de si a sorte de seus filhos. E que direi d'uma mãe, que está constantemente vigiando sobre a fragil creatura, que trouxe nas suas entranhas, e a alimenta com a sua propria substancia!... Amigos, os que sois paes ou mães podeis comprehender-me; os outros não podem ainda sentir completamente esta alegria, pois só avaliamos bem o que experimentamos.

Comprehender-me-hão todavia sufficientemente, pensò eu, para estranharem comigo que este sentimento tão natural, energico e doce possa encontrar corações que lhe resistam e o tráiam! A arvore alimenta com a sua seiva a vergonzea, e com a sua sombra protege-a contra o ardor do sol; a ave choca os seus ovos no ninho que construiu, alli traz o necessario a seus filhinhos, e lhes ensina a voar; a ovelha dá de mamar ao cordeiro; a gallinha tem valor para defender seus pintos. Nenhuma d'estas creaturas falta ao instincto maternal... E é possivel que hajam homens e mulheres que abandonem seus filhos! Ah! não posso crêr que seja por indiferença ou crueldade que reneguem a natureza. É a preguiça, o temor, a vergonha e o vicio que arrastam os perversos ou covardes a esta violação do mais sagrado de todos os deveres. Talvez não commettessem o primeiro erro, se previssem esta horrorosa consequencia, este doloroso

abandono; pois aquelle que medir o abysmo do vicio, ha de por força temel o. Mas quem teve a desgraça de cair n'elle, faz melhor em se apegar aos rochedos e arbustos, do que deixar-se ir até as pontas agudas que ha de encontrar no fundo. Faz-se desculpar uma fraqueza, confessando a candidamente, ou reparando-a com valor, mas ninguem pôde desculpar quem tenta occultal-a, ultrajando cruelmente a natureza.

Não posso conceber desgraça maior do que a de não poder confessar que se é mãe, a de temer o titulo de pae, ou de se julgar obrigado a desamparar seu filho. Mas ha outra, que não é talvez menor, a de sermos os culpados da ignorancia, da incapacidade, dos defeitos, dos vicios e do mau comportamento do filho, que educámos; a de podermos dizer: preenchi mal o meu dever, não fiz o que devia, deixei crescer meu filho na ociosidade, deixei corromper o coração de minha filha, não lhe dei lições nem exemplos de virtude. Eis quanto basta para sobrecarregar a velhice de penas e arrependimento: porque o dever de uma mãe não se limita a dar á luz e a crear seus filhos; o dever d'um pae não se limita a sustental-os com o seu suor, devem-lhes egualmente os alimentos da alma e do coração, isto é, a educação, que forma os homens religiosos, prudentes, e laboriosos; devem-lhes sobretudo os bons exemplos, que são mais fortes do que os preceitos; pois o cabrito segue sua mãe nas veredas mais ingremes, e aprende a saltar, como ella, sobre os rochedos mais escarpados. Se quereis que vosso filho não vos seja sempre pesado, ponde-o

em estado de ganhar honradamente a sua vida; se não quereis que vossa filha vos cause um dia tormentos, gravæ no seu coração o amor de Deus, da virtude, e servi-lhe de modelo.

E lembrae-vos que para este fim a violencia e a dureza são meios fracos. Os maus tratamentos irritam, e a colera é contagiosa. Um comportamento irreprehensivel, justiça e doçura, eis os verdadeiros elementos da auctoridade paternal. Quando o tigre devora um de seus filhos, não se tornam melhores os outros, pelo contrario, ficam mais ferozes; mas o cão que brinca com os seus, e lhes faz caricias, torna-os affaveis, discretos, doces, vigilantes e fieis. Sim, meu filho, sim, meu caro filho, quero que te lembres sempre com saudades do tempo que passa te debaixo da minha tutella, e que abençoeis a minha memoria; não quero que possas queixar-te de negligencia, de injustiça, dureza ou mau exemplo; a felicidade da tua vida, e a alegria de minhas cans, requerem que eu seja sempre *bom pae*.

Mas quem me deu esta felicidade de ser pae? Foi minha companheira, foi aquella que associou a sua vida com a minha; foi aquella mulher, aquella creatura forte e fraca ao mesmo tempo, timida e corajosa, que jurou perante Deus ser-me fiel e submissa, como eu jurei ser eternamente seu protector e amigo.

Quanto nos não somos mutuamente devedores pela felicidade que gozâmos! Quanto é forte o laço que nos une! E não era preciso que o casamento fosse effectivamente tudo quanto ha mais santo e sagrado, para Deus dizer ao homem: *Deixarás teu pae e tua mãe, para seguir tua mulher?* Mas que doce união aquella, onde todos os sentimentos, todos os interesses, todas as penas e todos os prazeres estão em commum, onde se tem em tudo dobrada satisfação, onde se dá mutuo auxilio para supportar os males d'esta vida, e cada um trabalha reciprocamente para a felicidade do outro! São dois, e só formam um; sentem, gozam e soffrem em tudo ao mesmo tempo; o raio que cae no álamo consome a vinha que o circunda, mas a agua que anima a vinha, tambem faz reverdecer o álamo.

Ah! infeliz de quem falta a deveres tão santos e tão doces! A mulher perjura á sua fé, o esposo que deixa a sua mulher, a desampara, ou se faz seu oppressor, têm de responder um dia a Deus pela infracção de seu juramento. E principiará para elles um justo castigo n'este mundo, porque a sua desunião trará a ruina e a miseria a sua casa; serão causa da desordem, que destruirá a sua familia; verão os males de seus filhos, corrompidos pelos seus exemplos, ou talvez envergonhados da sua deshonra. Quando os cávallos se dão mal, e cada um puxa para seu lado, o carro vae cair no precipicio.

Bem sei que ninguem é perfeito, e que ha certos momentos em que nem todos se podem conter; porém como isso acontece a toda a gente, como cada

qual tem os seus defeitos, é preciso que entre dois esposos a indulgencia seja reciproca. Se vossa mulher estiver doente, não haveis de tentar cural-a á força de gritos e maus tratamentos, mas haveis de dar-lhe os remedios que o medico prescreveu; os defeitos são enfermidades do espirito ou do genio, e a indulgencia é o unico balsamo que póde curar as molestias d'este genero. Não se arranca um defeito com um punhado de cabellos, nem é ás pancadas que um genio se abranda. Sabei que o mau humor e os ciumes não impedem uma má acção, e podem pelo contrario fazel-a commetter; pois quem pensa que é trahido, e se queixa sem razão, inspira muitas vezes o desejo de merecer a queixa. Lembremo-nos de tudo isto, e não esqueçamos tão pouco que as cartas e a garrafa, a leviandade e a inconstancia, são os inimigos dos casados; e que o trabalho, a economia, a confiança, a doçura e a indulgencia são harmoniosos instrumentos, que é preciso tocar ao mesmo tempo, para sermos *bons esposos*.

Ha uma felicidade de que senti muitas vezes verme privado: é a de ter um irmão, uma irmã, ou um e outro ao mesmo tempo. Parece-me que os havia de amar de todo o meu coração. Se eu fosse o mais velho, sinto que havia de considerar como um dever, e um grande prazer ao mesmo tempo, o servir-lhes de segundo pae, o ajudal-os, protegel-os, repartir

tudo com elles e dar-lhes bons exemplos. Se fosse o mais novo, e tivessem tomado conta de mim, viria a gratidão augmentar a minha affeição. Ah! estariamos fortes para todos os acontecimentos, porque os irmãos bem unidos formam um escudo capaz de resistir ás maiores contrariedades. Prosperaria a familia, pois trabalhando concordes, dois fazem mais do que quatro isoladamente. Se um braço não quer ajudar o outro, pouca obra se póde fazer; e quando uma das nossas pernas não quer andar, a outra não póde ir longe. Vêde o edificio construido por um formigueiro, onde todas as formigas se entendem e trabalham em commum, é uma obra prodigiosa! Porém dispersae a familia, e vercis o pouco que faz cada membro em particular.

Recordae-vos d'estas verdades, vós que gozaes d'essa fortuna, que eu não tive; e pensae que Deus abençôa sempre a união e affeição entre irmãos. Este sentimento que começa, para assim dizer, com a vida, é um dos que devemos antepôr a todos os outros, e um dos que sobrevive a quasi todos, quando não o rompe violentamente algum vicio de genio, ou funestas dissensões. E ainda n'este caso, resta um laço, amigos, este laço do sangue, que não é uma vã palavra, que nada o póde quebrar, e que póde tornar-se a apertar mais cedo ou mais tarde. Quando dois irmãos desunidos se encontram depois de longas discordias, certa força interior os impellê um para o outro e se um d'elles abre involuntariamente os braços, o outro deita-se n'elles precipitadamente, e depressa se unem seus corações. Ah! como resistiriam ás recordações da sua

infancia, que jámais se desvanecem de seus espiritos? E os seus jogos communs, e a casa paterna, e as caricias de uma mãe, que recebiam ao mesmo tempo, e a indulgencia d'um pae, que perdoava tantas vezes e se esquecia de tantos erros! A menos que o coração não esteja profundamente ulcerado, ou inteiramente pervertido, podem estes ternos sentimentos deixar de accelerar o seu movimento, e de avivar-lhe as primeiras afeições que sentiu? Um accidente, um esforço ou obstáculo podem dividir por algum tempo as aguas d'um ribeiro; mas logo que são livres, o seu declive fal-as juntar naturalmente, e tornam a correr reunidas.

Tenho tanta mais fé no poder d'este laço de sangue, que senti a sua influencia por parentes que apenas conhecia, e que me eram menos proximos do que irmãos. Parecia-me que este titulo de *parente* lhes dava direitos á minha afeição, e que lhes devia em caso de necessidade mais particular ajuda e assistencia. Pois n'uma familia, se a desgraça d'um membro tem causas vergonhosas, faz corar todos os outros, e se não provém de culpa sua, esta desgraça é um opprobrio para os outros e accusa-os de insensibilidade. Assim Deus ordenou tudo tão maravilhosamente, que o nosso bem e a nossa prosperidade estão sempre ligados aos nossos deveres; e para a nossa propria felicidade cumpre ser *bom irmão e bom parente*.

Se não tive irmão nem irmã, graças a Deus tenho tido amigos, e n'este ponto posso fallar ao menos com a minha propria experiencia.

Deve-se attender a tres coisas, quando se entra em relações de amizade com alguem :

A primeira, é que um homem vicioso não pôde ser amigo sincero; pois um sentimento generoso e puro só pôde habitar n'uma alma honrada. Acreditar na amizade do vicio, é querer ser enganado; a raposa finge-se amiga do coelho para descobrir a sua toca. Procurar a amizade do vicio, é expôr-se ao seu contagio; cão que vive com lobos, acaba por ser feroz.

A segunda coisa é que, entre amigos, está-se sempre pago, e sempre se é devedor. Quando um homem vos serviu, e vós lhe recompensásteis esse serviço por outro, julgaes estar pago; todavia ainda resta alguma coisa, pois tendo elle principiado a ser-vos util, quando não vos devia nada, não será demasiado que da vossa parte tomeis a iniciativa de o obsequiar tambem alguma vez. É assim que eu entendo o dever da gratidão entre os homens; mas entre amigos, ainda ha mais: não se contam os favores; decidem do seu numero as circumstancias: feliz do que pôde mais! Obrigiar sem exigir, e principalmente sem o fazer sentir, é o predicado indispensavel a quem deseja ter amigos dedicados.

Em quanto á terceira coisa, cil-a, caro leitor; quem vos occulta os seus pensamentos, quem sabe adular, e não sabe perdoar, não é vosso amigo; porque a verdadeira amizade communica tudo, diz sempre a verdade, e não guarda nunca rancor.

Por estes signaes podereis julgar a amizade dos outros, e apreciar tambem a de que sois capazes. E tomae sentido não vos enganeis sobre um ponto; examinae se o interesse ou a vaidade não promovem parte do sentimento que pensaes ter: ha baixeza e vergonha em procurar um amigo unicamente para conseguir favores; bem como ha probabilidade de humiliação e ruina para quem se liga por vaidade com gente mais distincta. O visco não é um amigo do carvalho, mas sim um parasita que se lhe apêga e vive da sua substancia; o pobre cãesinho, que criavam na casinha d'um leão, e que jantava com elle, era tão pouco seu amigo, que só lhe tocava uma pequenina parte da comida do seu poderoso senhor, o qual, tardando um dia o jantar, foi devorando o seu companheiro, entretanto que elle chegava.

Eviteinos pois estes escolhos, e para gozarmos inteiramente das doçuras de tão nobre sentimento, escolhamos bem as nossas amizades, e mostremo-nos *bons amigos*.

Ha certamente n'este mundo menos elephantes do que formigas, quero dizer, que em summa os pequenos são mais numerosos do que os grandes, ou, por outros termos, que o numero dos sérvos excede muito o dos amos. Pois que assim o quer a nossa natureza, e que não se pôde mudar, parece-me que o melhor é

cada qual resignar-se á sua condição, e viver em boa harmonia.

Ouço frequentemente os amos queixarem-se de seus criados, e devo confessar que muitas vezes tem razão; porém notei também que algumas vezes estava a culpa da parte dos amos, e n'esse caso disse-lhes: Estaes mui descontentes dos vossos servos: mas que tendes feito para os convidar a servir-vos melhor? Fostes sempre justos para com elles? Não exigistes coisas que excedessem suas forças, ou que podessem humilhá-los? Retribuistes sufficientemente seus serviços? Não os tratastes com desprezo e dureza? E se n'alguma desgraça elles precisaram do vosso apoio, destes-lhes soccorro, e protecção? Nunca lhes destes perniciosos exemplos de falta de actividade, zelo, e talvez de probidade? O amo infiel a seus deveres arrisca-se a não achar creado mui fiel. Pouco me fiz servir no curso da minha vida; achando mais prompto e comodo servir-me a mim mesmo, pouco recorri a creados, aprendizes, ou caixeiros. Porém tinha o meu cavallo, que não podia dispensar, e asseguro que depois do trabalho não lhe faltava cevada, que a sua carga nunca excedia o que elle podia levar sem esforço, e que o deixava descansar, logo que o via fatigado. Ora n'isto não perdia eu a menor coisa, porque elle me pagava amplamente estes cuidados com o seu zelo, e ardor; e o que mais me encantava, era a amizade, que este animal me tinha. Percebia a minha voz, e parecia que desejava até obedecer aos meus gestos. Quando, para passar algum ribeiro, ou charco, montava entre as canastras que elle levava,

relinchava de alegria; e parecia ufano, ainda que por certo isso lhe não diminuia o peso. Duvido muito que o azorrague ou um bordão o dispozessem para me servir tão bem, como o bom tratamento que eu lhe dava. O certo é que eu e o meu companheiro vivemos constantemente em perfeita intelligencia.

E vós, que tendes por servos creaturas da vossa especie, desejaes ser servidos com zelo? Quereis ser amados, obedecidos e respeitados? Escutae o que vou dizer-vos: As mãos não fazem coisa boa, e descançam a meudo, quando tem por dono um cerebro fraco; quem trabalha sem descanso noite e dia, faz o seu serviço a dormir, e portanto fal-o mal; quando a roda fez uma viagem, é preciso untal-a antes de principiar outra jornada; se a vossa cavalgadura andar bem, não lhe deis esporadas, porque em vez de caminhar mais, ha de parar para atirar couces. Tudo isto significa em duas palavras: sede firmes, justos e affaveis e sereis *bons amos*.

Acabo de vos fallar das queixas dos amos; mas o ruido que ellas fazem, é nada em comparação do estrepito incessante que formam as dos criados. Se encontrardes alguns que se acham felizes e contentes, podeis notar esse facto, como uma das mais extraordinarias raridades. Sei, e confesso sinceramente,

que a condição de quem serve não é a mais agradável; mas devemos convir também que seria quasi sempre muito menos dura, se fosse supportada com maior resignação. Sedes criado por gosto, ou por necessidade. Se, podendo fazer outra coisa, preferistes servir, o vosso caso está julgado, e não tendes razão de queixa; o passaro que quer comer o seu painço na gaiola, perde a liberdade. Se não podeis fazer outra coisa, ainda me parece que tendes menos razão para murmurar contra o amo, que em troco de vossos serviços vos dá a casa e o pão, que não poderieis ganhar d'outra maneira. Vejamos, de que vos queixaes? A criado preguiçoso todo o amo parece exigente; ao servo infiel, comilão, ou bebado, a economia e a vigilancia parecem avareza, e desconfiança; para um servidor insolente, uma ordem ou admoestação é um ultrage, ou uma reprehensão. Rogo-vos pois que examineis se não imputaes a vosso amo os vossos proprios defeitos, e vede sobretudo, se a inveja não atormenta algum tanto a vossa alma, e vos inspira odio contra quem vos é superior, e tem direito de vos dar ordens. Ah! pobre amigo, talvez invejeis peiores tormentos do que os vossos; reflecti que uma vez vossas obrigações desempenhadas conscienciosamente, sois bem tratado, tendes certeza de casa e de comida, e podeis repousar tranquillamente. Mas vosso amo está da sua parte occupado n'outras obrigações; não precisa elle pensar constantemente em todas as necessidades da casa, em fornecer o necessario á familia, e a vós mesmo? E sabeis se, em quanto o servis, não tem elle um amo, um superior,

de que depende a sua existencia, e a quem teme desagradar, por lhe não ser tão facil, como a vós, encontrar outro? Em quanto a mão direita manda, muitas vezes obedece a esquerda. Tal é a sorte da maior parte dos homens; e o mais desgraçado não é sempre o que obedece com ambas as mãos. A este direi duas palavras que lhe não serão inuteis, se tiver o bom senso de as entender: não ha cama, por má que seja, onde não possa dormir quem a sabe arranjar bem. Não ha obra, por grande que seja, que se não possa encurtar fazendo-a de certo modo. Não ha fardo, por mais pesado que seja, que se não possa tornar mais leve, pondo-o com destreza. O boi que lavra de boa vontade, não sente a miudo o aguihão. O passaro que muda constantemente de gaiola, não tem por isso mais liberdade, e não póde adquirir a afeição de ninguem. A fidelidade, e os sacrificios servem de fanal á confiança, e á generosidade. Emfim, cumpre dizel-o claramente, a maneira de ter bom amo é ser *bom criado*.

Além do que, ponderae, amigos, que somos todos n'este mundo servos uns dos outros. O homem, entregue aos seus proprios recursos, é uma creatura tão fraca, que lhe fica mal dizer, eu nunca hei de ter precisão dos favores d'outrem. Deus é nosso pae com-

num, e devemos portanto ajudar-nos, e amar-nos, como irmãos. Se virmos pois o nosso semelhante em afflicção, ou necessidade, ajudêmol-o aliás não mereceremos que nos auxiliem, quando da nossa parte nos acharmos em aperto. Quando a palhinha é demasiadamente pesada para a formiga poder arrastal-a, vem ajudal-a outra formiga; a abelha que encontra outra de volta para a colmêa com excessiva carga, voa depressa a tomar metade, para a aliviar; finalmente a gallinha consente em caso de necessidade em chocar os ovos da pata. É sem duvida grande felicidade encontrar quem nos obsequeie, mas ainda é maior a de poder obsequiar os outros; a gratidão é doce para quem a sente, porém mil vezes mais doce para quem é objecto d'ella. Quem merece esta fortuna deseja gozal-a incessantemente, tanto socego ella dá ao espirito, e tanto prazer ao coração! Assim, pôde dizer-se, que as boas acções são fecundas, e que a primeira produz sempre segunda, ou muitas outras. Não deixemos pois perder as occasiões de fazer bem, e sobretudo não perguntemos se aquelle, que precisa do nosso soccorro, pensa, obra e crê, como nós: o homem que soffre, é nosso irmão e não devemos vêr n'elle nenhuma outra qualidade. Façamos-lhe o que podermos, e não nos desculpemos com a nossa pobreza, pois nem sempre é com oiro que se faz o maior bem; nem Deus teria ordenado a caridade a todos os homens, se a não tivesse posto ao alcance de todos elles. É muitas vezes maior beneficio dar trabalho do que dinheiro, e um bom conselho pôde produzir maior bem do que um cruzado. O que ainda pôde produzir

maior bem do que um bom conselho, é um bom exemplo, e depois da honra de o dar, não conheço coisa mais honrosa do que a coragem de o seguir. A piedade, a compaixão, as consolações e os carinhos podem ainda na maior penuria ser os beneficios do pobre, e estes beneficios fructificarem, porque uma palavra de conforto anima algumas vezes um infeliz tanto, quanto o faria uma bebida cordial.

Lembremo-nos de tudo isto, e como de um momento para o outro podemos necessitar do auxilio de nossos semelhantes, cumpre não esquecer que não ha coisa mais penosa, nem mais embaraçosa, do que pedir um favor a um homem, a quem offendemos. Estorcemo-nos pois em medir as nossas palavras e acções, para não offender ninguem; e se tivemos essa desgraça, não temamos abaixar-nos; confessando francamente a nossa culpa; e se nos offendiram, pensemos que o esquecimento das injurias é um dever de caridade. Emfim amigo, quando tiverdes motivos para julgar que alguem está mal com-vosco, ou crê ter-vos offendido, ide ao seu encontro para vos reconciliardes no mesmo dia, afim de passardes uma boa noite; porque o resentimento agita, e occasiona maus sonhos.

Entre as numerosas causas que podem promover desavenças, ha uma que não suspeitae talvez; é a grosseria das maneiras, ou palavras. Ninguem gosta de se aproximar demasiado d'uma lima, ou d'um ralador; e aquelles, a quem estes instrumentos picaram, deitam-os fóra com muita raiva; ninguem tem o capricho de fazer caricias a um ouriço, mas toda a

gente corre a mão de muito boa vontade sobre o dorso liso e egual de um esquilo. Da mesma sorte, a rudeza dos homens tem certa coisa que fere, e repelle, em quanto que a docilidade e a polidez ganham sempre sympathia. Estae certos que as palavras peizadas não dizem mais do que as leves, e que um gesto arrebatado e brutal não dá grande pezo ás palavras.

Tentae pois, caros leitores, regular-vos sobre estes principios; e sobre tudo respeitae pela vossa honra em vossas palavras e acções a fraqueza do sexo, e da idade, que se acham debaixo da protecção da humanidade. O homem deve em todas as circumstancias proteger a mulher, e é um perverso, se a opprime. Que a vossa lingua seja discreta diante da infancia innocente, porque é uma flôr delicada, que um sopro impuro póde murchar. Honrae as cans; pois quem chega a encanecer está no fim da sua carreira, estão exhaustas as suas forças, e precisa d'um braço, que o sustenha; cumpre embelecer-lhe o fim da viagem, e semear algumas flôres no caminho, que ainda tem de andar. Infeliz do joven insensato que não respeita a velhice; prepara vergonhas, e arrependimento para os ultimos annos da sua vida. Feliz de quem chegando áquella idade, em que toda a vida está, para assim dizer, no passado póde exclamar com segurança: Não fiz mal a nenhum de meus semelhantes; fiz-lhes o maior bem que pude; fui bom filho, bom pae, bom esposo, bom irmão, bom amigo, bom amo, bom servo e bom homem. Entrego a minha alma a Deus.

Eis, caros amigos, tudo quanto desejaria para vós, e para mim também. Só deploro ter começado um tanto tarde, e não ter conhecido mais a tempo os meios de conseguir tamanhos bens. Aproveitae-vos pois dos que vos indiquei, e conseguil-os-heis muito mais facilmente do que eu.

SIMÃO DE NANTUA.

A RELIGIÃO DE SIMÃO DE NANTUA

Contei n'outro escripto como me determinei um dia adquirir algumas virtudes, e a combater as más disposições que trouxe ao mundo, na minha pobre trouxa humana. Também creio ter dito que esta empreza, que ao primeiro intuito me pareceu facil e simples, não tardou a mostrar-me uma multidão de difficuldades, que não esperava. Vou explicar agora como cheguei, não a leval-a á sua perfeição, mas a perseverar n'ella e a não me desanimar.

Já sabeis que meu pae me tinha educado christãmente, e que mesmo, consequentemente ao designio que formára de me fazer ecclesiastico, não se tinha limitado ás simples instrucções religiosas, que se dão ordinariamente ás creanças. Ajudado pelo nosso digno cura de Nantua tinha-me instruido mais profun-

damente nas doutrinas da fé; e podia até, em caso de necessidade, discorrer sobre varios pontos de theologia.

Porém, acostumado desde a mais tenra idade á pratica da religião, e tendo principiado a estudar os seus preceitos n'uma edade, em que se não reflecte, e em que a memoria trabalha mais do que a razão, aprendi o cathecismo e os livros santos, como aprenderia qualquer outra lição; preenchi as funcções de menino do coró, como preencheria qualquer outra obrigação; ia regularmente á igreja e não faltava a nenhum dos meus deveres de christão; mas devo confessar que a minha piedade era mais realmente um habito, do que um sentimento profundo.

Esta instrucção e este habito, não foram comtudo coisas vãs e inuteis, como ides ver.

Tomando a resolução de melhorar a minha pessoa, e achando, de um lado, que certas virtudes recentemente transplantadas para o meu coração, não creavam raizes facilmente; de outro lado, que certos defeitos e certas paixões, eram rebeldes a meus esforços, e tornavam sempre a entrar por alguma porta, quando os tinha expellido por outra; reconhecendo finalmente que as minhas forças eram poucas para vencerem similhante luta, lembrei-me de cogitar onde poderia eu achar um auxilio mais poderoso.

Foi n'um momento em que estava desanimado, que me fiz a mim proprio esta questão; e os meus olhos deram-me a solução, levantando-se para o ceo. Pareceu me que um raio da luz celeste desceu então sobre a minha alma, e a esclareceu repentinamente.

«Sim, exclamei, a verdadeira força está lá em cima; «só Deus a pode dar; um christão só a pode achar «na religião, e só com esta força pode vencer seus «inimigos e triumphar de si mesmo.»

Então toda a minha vida se apresentou subitamente ao meu espirito, e via-a esclarecida por uma nova luz. Lembrando-me do que tinha aprendido, admirei não o ter sentido mais profundamente, não ter visto o que descobria agora instantaneamente, e ter praticado com tanta frieza e indiferença esses actos religiosos, que alimentam a vida da alma. A proporção que reflectia em todas estas coisas illuminava-se cada vez mais o meu espirito, e sentia em meu coração uma commoção que posso chamar verdadeiramente santa. Parecia-me que só agora tinha aprendido a conhecer a Deus. Penetrado, enternecido, e admirado ao mesmo tempo, volvi involuntariamente meus passos para a igreja; entrei, prostreime, e pela primeira vez a minha alma fez subir ao Senhor acções de graças, e orações verdadeiramente sentidas.

D'aquelle dia por diante a minha piedade não foi unicamente um vão e frio habito. Entraram no meu coração o amor e a gratidão. Compreendi enfim esta religião sublime, fonte eterna de força a mais verdadeira, das esperanças as mais preciosas, e das mais doces consolações. Ia então com novas disposições ao desempenho de meus deveres religiosos; não levava tão sómente o meu corpo á igreja machinalmente, não era a minha bocca que entoava unicamente, louvores a Deus ou repetia distraida orações;

nem a palavra divina se dirigia sómente aos meus ouvidos; era a minha alma inteira que enlevada, orava, escutava, e glorificava o Senhor.

Desde então não me faltou força para combater as minhas paixões e progredir no bom caminho. Se Deus não me permittiu que fizesse tantos progressos quantos eu desejava, não lhe devo menos graças por me ter sustido todas as vezes que implorei o seu apoio, e por me ter auxiliado para me tornar menos indigno das suas bondades.

Este beneficio é grande, meus amigos, e não é o unico que achei no seio da minha religião. Assim, penetrado da grandeza de Deus, reconheci a cada passo as testemunhas e vestigios d'esta grandeza. Com esta sublime contemplação pareceu-me que toda a natureza se embellezava; desde o carvalho até á mais pequena hervinha: desde o vigoroso boi, que lavra nossos campos, até ao mais desprezível insecto que se esconde no musgo; desde a aguia que se eleva além das nuvens até á pequena abelha que gira em torno das flores; desde o estrondo das ondas do oceano até ao murmurio de um ribeirinho; desde os astros que brilham no firmamento até ao bichinho que deita na escuridão uma fraca claridade, via concorrer tudo para glorificar o Senhor, attestando o seu poder e a sua sabedoria, e o meu coração uniu-se com delicia a este hymno de amor, a este eterno concerto de louvores, que formam todas as creaturas incessantemente.

Mas no meio d'este extasi e d'esta felicidade, Deus quiz experimentar-me sem duvida e exigir de mim o

tributo de afflicção que todo o homem deve pagar: perdi meu pae! A sua longa e dolorosa molesta, durante a qual não se queixou nem uma só vez, fez-me ver quanto a confiança em Deus inspira ao justo paciencia para soffrer, esperança e resignação para morrer. A sua morte, que foi a minha primeira infelicidade, deu-me mais outra lição; mostrou-me que ha dores da alma, que só a religião pode moderar. Ah! como poderíamos supportar a perda do que nos é mais caro, se não podessemos dizer: Havemos de nos encontrar n'um mundo melhor! Esperança consoladora! O ultimo adeus não é pois eterno, e as uniões que Deus santificou n'este mundo não são dissolvidas para sempre.

N'este tempo ainda restavam no meu espirito alguns vestigios dos contos absurdos, com que me tinham divertido na minha infancia gente indiscreta e ignorante. Sem crer positivamente nas appareções dos defuntos, não estava isento de certa disposição supersticiosa, que foi por um momento despertada em mim pelo abalo, que a minha sensibilidade acabava de soffrer. Comtudo, longe de me inspirar o menor terror, era-me agradavel esta impressão, desejava que me apparecesse o phantasma de meu pae; pois não tinha que temer da sua presença, e só podia esperar a sua benção; e se viesse para me buscar e me levar comsigo, ficaria mais contente do que aterrado. Tendo uma vez adorinecido com a imaginação toda cheia d'estas idéas, acordei sobresaltado ao meio da noite, e abrindo os olhos, figurou-se-me que via á claridade da lua o rosto de meu pae, coberto com uma

mortalha branca, a tres passos do meu leito. Levantei-me, dando um grito de alegria; mas apenas estava de pé, não vi mais nada. Ah! exclamei eu, era uma illusão dos meus sentidos, um engano da minha imaginação escandecida. Envergonhado e arrependido de uma fraqueza, que me pareceu culpavel, dei-me de joelhos, dizendo: «Ó meu Deus, perdoae uma esperança e um desejo impio. Não, a alma que tornou a entrar no vosso seio não volta mais para esta terra de miserias. Somos nós pelo contrario, que estamos acabando o nosso exilio, afim de nos irmos tambem reunir a vós, e áquelles que nos precederam. Reconheço, meu Deus, que não é permittido a nenhum mortal penetrar por via dos sentidos nos arcanos da outra vida; nenhum tem o poder de ler no futuro, nem de conjurar os espiritos ou os elementos; pois só vós abraçaes o tempo e o espaço, só vós ordenaes tudo, e só a vós compete o poder sobrenatural. A vossa bondade ensinou-nos o que devemos crer, e só ha verdade na vossa divina palavra.»

O acontecimento, que acabo de relatar, esclareceu e fortificou inteiramente a minha razão contra o pavor das apparições de mortos, feiticeiros e dos sonhos. Assim a religião desvaneceu do meu espirito até o menor vestigio de superstição, porque esta alimentando-se com terrores e erros, não pode emparelhar com a religião, que é a reunião da esperança com a verdade. Só os impios e malvados tremem constantemente, veem em tudo prodigios ameaçadores, ou entendem fazer modo de vida d'essas crenças insen-

satas. O homem pio e justo põe sómente em Deus a sua fé, e só n'elle confia achar o seu refugio.

Ah! quem ha que não sentisse a necessidade d'esta fé e d'este refugio? Qual creatura humana, a não-ter a alma insensivel e pervertida, se não sentiu nas angustias d'esta vida impellida a prostrar-se diante do auctor de todas as coisas? Quem ha, desde a creança que toma posse da vida, até ao velho encanecido que termina a sua carreira, quem ha que não tenha graças que dar pelos bens que lhe estão promettidos, e por aquelles de que já gozou? E desde o modesto e pobre artifice, até ao monarcha, rodeado de uma pompa ephemera e de uma magestade transitoria, qual é o mortal que não tem que pedir a esse Deus, cujo braço pode anniquilar todas as grandezas e exaltar os mais humildes? Ah! quanto me condôo dos que não sabem adorar, nem querem pedir a Deus! Se por acaso são felizes, não podem deixar de ser ingratos; se o não são, se as dores ou a miseria os acabrunham, que esperanças ou consolações podem esperar? Se tem culpas, se os remorsos atormentam seus corações, não vêem o perdão ao lado do arrependimento? Santas orações, quanto bem não tendes feito! Sou homem, e paguei, como tal, a minha divida de fraquezas e tributos á humanidade. Mas quando rezei a minha oração da manhã, achei-me melhor e mais forte durante o dia; quando rezei a da tarde, repousei mais socegado durante a noite; quando a felicidade me sorriu, pareceu-me maior depois de dar graças a Deus; quando me vi afflictio, deram-me forças as orações para soffrer com firmeza, e fizeram-

me esperar com paciência e confiança. Amigos, acredite-me, qualquer que seja a vossa condição, fazer oração; pois é o escudo contra as tentações, o balsamo que cicatriza as feridas, a mão invisível que sustem o homem vacillante, e o braço officioso, offerecido a quem caiu. Ha n'ella alguma coisa, que entenece e impõe respeito ao mesmo tempo. Desafio o espirito o mais leviano e mais frivolo, para não sentir certa ternura e veneração, quando vê a innocencia ou o arrependimento, prostrado diante do altar. Desafio o espirito mais incredulo, para ficar impassivel, quando vê a multidão ajoelhada diante de Deus n'uma igreja. Desafio o impio o mais audaz para não respeitar o sacerdote, que estende a mão para abençoar em nome do Senhor, todo um povo de joelhos.

Amigos, a oração fortifica a fé, anima a esperança, e conserva a caridade, estas tres virtudes principaes do christão... Mas, basta, sinto que é do meu dever não continuar; pois não obstante os meus estudos theologicos, não me julgo sufficientemente habilitado e instruido para ensinar-vos os preceitos e verdades da nossa religião. Não convém que uma ovelha se lembre de querer guiar o rebanho, porque poderia desencaminhal-o e leval-o ao lobo; toca ao pastor o conduzil-o, mas uma ovelha pode dar o conselho e o exemplo de attender o pastor, e foi isso tão sómente o que eu desejei fazer.

Eis, caros leitores, o meu fito; e se, com a exposição das minhas proprias impressões, pude persuadir-vos que a religião é a fonte de todas as virtudes, que só ella vos pode dar força para as adquirir, e

que só ella vos pode tornar felizes n'esta vida e na outra, terei conseguido o meu intento; o mais não me toca. Está da vossa parte, sendo ovelhas como eu, o instruir-vos com os vossos pastores, o ser doceis a seus preceitos, e a respeitar a missão que o Senhor lhes deu. Ide pois prestar attenção á palavra divina, que elles estão encarregados de vos annunciar, e que vossos ouvidos a levem ao coração, porque esta palavra dá a vida.

SIMÃO DE NANTUA.

PARABOLA DE SIMÃO DE NANTUA.

Um dia estava um homem no mirante da sua casa, que era muito alto, e d'alli olhava para baixo.

Viu outro homem que estava de pé sobre a terra, parado junto á mina de uma pedreira.

E enquanto olhava, zunia o vento á roda d'elle, e o ruído, que fazia aos seus ouvidos, aturdiava-o e enlevava-o.

E disse: Eu, que estou aqui, sou maior do que aquella creatura, que vejo lá em baixo, e que me parece tão pequena.

E dizia isto, porque fazia como fazem quasi todos

os homens que, medindo a sua altura, nunca se lembram de descontar a do pedestal em que se acham.

Ora, em quanto tinha abaixado a vista com desdem sobre o homem que estava na terra, sentiu que lhe caiu alguma coisa sobre a cabeça; e levantando os olhos, viu ao lado de sua casa uma torre muito mais alta, e havia outro homem sobre esta torre.

E este homem, vendo o do mirante abaixo de si, julgou que o podia desprezar, e escarrou desdenhosamente sobre a sua cabeça.

Mas o homem do mirante ficou indignado, e disse: Se eu pudesse chegar lá acima! e ameaçou o da torre. Porém as suas ameaças eram inúteis, e o homem da torre ria e zombava d'elle.

Ora, em quanto ria, sentiu que lhe caía também alguma coisa na cabeça; e levantando os olhos, viu um balão que se balanceava magestosamente; e estava um homem na barquinha d'este balão.

E este homem, vendo o que estava na torre por baixo d'elle, julgou que o podia tratar com desdem, e divertia-se a vasar sobre a sua cabeça saccos d'areia e de cascalho.

Mas o homem da torre ficou também indignado, e disse: Se eu pudesse subir áquella barquinha! e ameaçou com furor o homem do balão; e as suas ameaças eram da mesma sorte inúteis.

N'este meio tempo, o homem da terra, tendo também olhado para cima, descobriu o do mirante, o da torre e o da barquinha.

E disse: Quanto é bello estar tão alto! como se

deve vêr ao longe, e respirar livremente! Se ao me nos eu estivesse no mirante, teria ar, e não me abafaria o calor, como aqui no chão.

Ora, em quanto dizia isto, ouviu uma voz que sahia da mina da pedreira, e esta voz era a de um cavouqueiro, que dizia:

Que triste sorte de passar a vida debaixo da terra, e derramar o seu suor no meio de um ar infecto e humido, á triste luz d'uma má lampada, em quanto os outros andam lá em cima, passeiando sobre a relva, e respirando ao sol!

E estas palavras fizeram compaixão ao homem da terra, que disse: Eis alli um que está mais baixo, e é mais infeliz do que eu.

Ora, em quanto estas coisas se passavam, tinham-se amontado nuvens sobre nuvens no horisonte, e rebentou uma trovoadá violenta. Davam trovões de um estrondo horroroso, e os relampagos rasgavam as nuvens.

E o balão andava tão violentamente agitado no ar, que o homem da barquinha não deitava mais arcia, nem zombava já de ninguem: queria então não estar tão alto, e trocára de muito boa vontade a sua posição por outra menos brilhante.

Mas, em quanto dava inúteis gemidos, e vãos gritos de terror, caiu um raio no balão, deitou-lhe fogo e o homem da barquinha foi precipitado, e todo o seu corpo despedaçado.

E pouco depois, tambem caiu outro raio na torre, e o homem que lá estava foi queimado.

E tendo o raio deitado abaixo algumas pedras da

torre, caiu uma no mirante; e o homem que lá estava levou com uma que lhe quebrou um braço.

E o homem que estava no solo ficou livre e apenas molhado pelas torrentes de chuva, que deitavam as nuvens.

E o homem que estava na pedreira nem ao menos deu noticia que houvera em cima uma trovoada; e quando chegou o momento do seu descanso, não se queixava já, antes cantava.

Então o homem da terra, ouvindo-o cantar, debruçou-se sobre a entrada da mina, e fallou ao cavouqueiro, contando-lhe o que se tinha passado.

E depois de ter narrado todas estas coisas, acrescentou: Não tornes a queixar-te de estares tanto em baixo, pois o que estava mais alto achava-se mais perto do raio; caiu n'elle primeiro, e com maior força. Também foi mortal na torre, e bastantemente duro no mirante. E eu, por me achar um pouco mais elevado do que tu, também tive a minha pequena parte. Queixavas-te, em quanto os outros se gloriavam; tens razão de cantar agora, pois a trovoada que os destruiu não interrompeu o teu trabalho, nem o teu descanso. Vou cantar também, e não me queixarei mais, já que apenas soffri a chuva, e me posso secar ao sol.

Estas palavras fizeram reflectir o homem da pedreira, e disse: Consolemo-nos de ser pequenos, porque a grandeza n'este mundo custa mui caro, e os tormentos, os perigos e revezes são a moeda com que ella se paga. E ainda por este preço não se pôde subir tão alto que não avistemos sempre quem es-

teja mais alto do que nós: pois só Deus goza em paz de sua grandeza, sem ver quem lhe seja superior, e sem poder jámais decair.

SIMÃO DE NANTUA.

FIM.



INDICE

PRIMEIRA PARTE

	Pag.
CAP. I. Quem era Simão de Nantua.....	3
CAP. II. Simão de Nantua vae á feira de Saint Cloud, onde encontra charlatães e impostores que dizem a <i>buena-dicha</i>	6
CAP. III. Simão de Nantua vae a um baile, falla sobre a intemperança, e a este respeito conta uma historia. Historia de Philippe.....	10 11
CAP. IV. Simão de Nantua indigna-se e outra aquelles que maltratam os animaes.....	14
CAP. V. Simão de Nantua faz ver as vantagens das escolas, em que as creanças se instruem pelo methodo de ensino mutuo; e conta a historia do cavalheiro Paulet.....	17
CAP. VI. Simão de Nantua conduz á escola os meninos que até então perdiam o seu tempo.....	22
CAP. VII. Simão de Nantua concilia dois litigantes.....	24
CAP. VIII. Conversação de Simão de Nantua com um mendigo, e boa lição para os orgulhosos e vadios..	28

	Pag.
CAP. IX. Simão de Nantua inspira resignação, e anima as esperanças de um vinhateiro esmorecido.....	31
CAP. X. Sensibilidade de Simão de Nantua e bons conselhos que elle dá por occasião da morte e inventario de um pae de familia.....	33
CAP. XI. Grande satisfação de Simão de Nantua, por vêr o fructo de seus bons conselhos.....	35
CAP. XII. Simão de Nantua conta a historia de uma menina laboriosa e de outra dissipada.....	39
Historia de Catharina Gervais.....	39
Historia de Coletta Michaud.....	42
CAP. XIII. Simão de Nantua faz uma proclamação sobre as vantagens e a historia da vaccina.....	45
CAP. XIV. Simão de Nantua enternece se á vista do quadro que lhe apresenta uma familia virtuosa e feliz..	50
CAP. XV. Differentes encontros de Simão de Nantua na estrada, e bons conselhos que dá sobre diversos assumptos	55
CAP. XVI. Simão de Nantua chega a uma casa do campo, e indigna-se da ingratição dos criados para com os seus amos.....	61
CAP. XVII. Simão de Nantua passa a noite em um corpo de guarda, onde acha occasião de dizer coisas boas ácerca da guarda nacional.....	65
CAP. XVIII. Discurso de Simão de Nantua aos curiosos que corriam para verem a execução de um condemnado á morte.....	70
CAP. XIX. Simão de Nantua mostra a utilidade do aceio, e como até a gente mais pobre póde ser aceiada... ..	75
CAP. XX. Simão de Nantua assiste á festa dos annos do rei.....	77
CAP. XXI. Simão de Nantua explica a um novo jurado (membro do jury) a natureza e importancia de suas funcções	82
CAP. XXII. Boa lição dada por Simão de Nantua áquelles que crêem em duendes ou almas do outro mundo..	86
CAP. XXIII. Simão de Nantua anima ao trabalho pastóres indolentes e perguicosos.....	91

	Pag.
CAP. XXIV. Sabios conselhos de Simão de Nantua a uns eleitores que vão para a assembléa eleitoral.	94
CAP. XXV. Reflexões do companheiro de Simão de Nantua sobre o respeito devido aos monumentos publicos.	98
CAP. XXVI. Simão de Nantua faz calar pessoas malizantes, e para isso conta-lhes a historia do velho Paradiso	100
Historia do velho Paradiso.	101
CAP. XXVII. Simão de Nantua faz uma arenga ao povo sobre a necessidade de pagar exactamente os impostos.	103
CAP. XXVIII. Simão de Nantua discorre contra a falta de respeito devido aos mortos.	107
CAP. XXIX. Simão de Nantua tem um encontro, do qual se mostra que os gulosos são castigados pela mesma gula.	110
CAP. XXX. Simão de Nantua encontra um fabricante seu conhecido, que acabava de fazer uma viagem por toda a França.	114
CAP. XXXI. Simão de Nantua discorre ácerca da inveja e sustenta que o invejoso neim se enriquece nem engorda.	118
CAP. XXXII. Simão de Nantua faz conhecer as vantagens do novo systema de pesos e medidas.	121
CAP. XXXIII. Simão de Nantua é testemunha de um caso nocturno, em que se mostram os funestos effeitos da colera.	125
CAP. XXXIV. Simão de Nantua vae á igreja, canta no côro e ouve o sermão do cura, que acha ser um seu conhecido antigo.	128
CAP. XXXV. Simão de Nantua janta em casa do cura, e para provar com factos a verdade do que disse o prégador, conta uma historia.	132
Historia dos dois irmãos Marcel.	134
CAP. XXXVI. Continuação da historia dos dois irmãos Marcel. — Mau comportamento e fim tragico de Jeronymo.	140

	Pag.
CAP. XXXVII. Fim da historia dos dois irmãos Marcel. — Bom comportamento e prosperidade de Luiz. . . .	150
CAP. XXXVIII. Simão de Nantua mostra se severo contra a falta de caridade para com as pessoas aleijadas ou disformes.	160
CAP. XXXIX. Conclusão.	164

SEGUNDA PARTE

Advertencia do companheiro de viagem de Simão de Nantua, na qual se vê como acabou este personagem	169
Sabedoria de Simão de Nantua.	172
Jurisprudencia de Simão de Nantua.	190
Medicina de Simão de Nantua.	209
Aphorismos de Simão de Nantua.	211
Bondade de Simão de Nantua.	217
Religião de Simão de Nantua.	237
Parabola de Simão de Nantua.	245